



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

FERNANDA RODRIGUES MACHADO FARIAS

**A CONSTRUÇÃO PÚBLICA DA DENÚNCIA DE ESTUDANTES CONTRA
PROFESSORES NA FACED/UFC: ASSÉDIO?**

FORTALEZA

2018

FERNANDA RODRIGUES MACHADO FARIAS

A CONSTRUÇÃO PÚBLICA DA DENÚNCIA DE ESTUDANTES CONTRA
PROFESSORES NA FACED/UFC: ASSÉDIO?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dr^a. Bernadete de Lourdes Ramos Beserra.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R613c Rodrigues Machado Farias, Fernanda.
A construção pública da denúncia de estudantes contra professores na FAGED/UFC. Assédio? /
Fernanda Rodrigues Machado Farias. – 2018.
100 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Bernadete de Lourdes Ramos Beserra.
1. Assédio. 2. Antropologia do ensino superior. I. Título.

CDD 370

FERNANDA RODRIGUES MACHADO FARIAS

A CONSTRUÇÃO PÚBLICA DA DENÚNCIA DE ESTUDANTES CONTRA
PROFESSORES NA FACED/UFC: ASSÉDIO?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Bernadete de Lourdes Ramos Beserra (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Rodrigo Chaves de Mello Rodrigues de Carvalho
Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UEVA)

Profa. Dra. Grazielle Cristina Daniese de Lima
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Silviana Fernandez Mariz
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

A minha amada Vó Escolástica e meu amado
amigo Antenor
(in memoriam).

AGRADECIMENTOS

O Mestrado foi um dos maiores desafios na minha vida pessoal e profissional, me proporcionou um encontro incrível com o conhecimento e comigo mesma. E por isso, o apoio que tive nesse processo foi fundamental para chegar até aqui. Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus e ao meu São Francisco por me dar força quando eu mais precisava.

Ao meu companheiro de vida Jorge Luan, por ser o meu incentivador diário. Enfim, compartilhar todos os momentos, angústias e felicidades nesse processo. Acreditei em mim quando me via em seu olhar e o seu amor me fortaleceu. Te amo! Obrigada por tudo!

Aos meus pais, Maria e Francisco, que mesmo sem entender o que fazia na universidade sempre acreditaram na importância dessa Pós-Graduação. Tudo que sou é porque vocês me ensinaram e o amor que sinto por vocês me fortalece! Que venham os desafios dessa vida para juntos nós conseguirmos superá-los. E aos meus sogros Selma e William por me aceitar como outra filha, pelas conversas de incentivo e pelo o apoio em tudo nessa fase, vocês fizeram a diferença.

À professora Bernadete Beserra, minha orientadora, por ser um exemplo de inteligência, força e docência. As suas aulas, suas críticas, seus livros e conversas me estimularam a ser uma pessoal e profissional melhor. As lentes da Antropologia da Educação me mostraram um olhar do mundo que não conhecia. E obrigada pela sensibilidade de me mostrar a coragem e a força quando eu mais precisei!

Aos estudantes dessa pesquisa pela disponibilidade e coragem de expor situações tão delicadas. O sentido da pesquisa se deu pela ajuda de vocês. Obrigada!

A minha psicóloga Fátima Lusanir por participar na busca do enfrentamento diário de todos os desafios dessa caminhada. O encontro comigo mesmo na pesquisa não foi “amigável” e você foi fundamental nesse processo. Além da minha Psiquiatra Marilene Queiroz por me ensinar que às vezes podemos ser fracos para continuar fortes.

Aos meus amigos Falcão e Antenor por compartilharmos as dores e as felicidades desses últimos anos. Obrigada pelas conversas, risadas, choros. E principalmente dos cafés e das noites que me acolheram na casa de vocês quando mais precisei. Estamos juntos até o fim.

Aos colegas do grupo de pesquisa Antropologia da Educação Superior, Políticas Educacionais e Escola, o aprendizado com vocês foi mútuo e importante para a minha pesquisa. Aos amigos que a Faculdade de Educação me proporcionou na graduação e me ajudaram em momentos cruciais. Nicolle, Samara, Amanda, Carlos, Eli, Marcela, Iara,

Dejane, um grupo que nos fortalece apesar dos pesares dessa vida. Obrigada pela força sempre!

A família Rodrigues e Machado pelo incentivo nas conversas entre os almoços, aniversários, cafés que a vida nos dá a oportunidade de fazer.

Aos queridos Marcos Paulo, Rodrigo, Rosângela e Lia, esse povo que se encontrou em Sobral e acolheu a mim e a Luan nessa “nova vida”. Foram muitas conversas sobre a universidade, vida e parceria. Obrigada por esse encontro!

A minhas amigas irmãs Edineuda, Aninha, Ediane e Fernanda Freire, por está sempre ao meu lado quando mais preciso. A escuta, os conselhos, a força de vocês foi fundamental para superar toda essa etapa.

A família Batista que mesmo de longe me acolhe e ajuda Gabriela, Pedro Ivo, Pedrinho, Neusa, Bárbara e Léo Cabral. É aquelas amizades que se tornam família de coração.

As meninas do grupo “Juntas” Gisele, Flavinha, Thayná, Keyvi, Talita, Zaranza, Irlanne, Adriana, Carol, Liana e Lorena obrigada pela amizade a companheirismo. Os nossos encontros cultivam o amor! Vocês são umas lindas!

Aos meus dois cachorros (Gael e Leopoldo) pelo amor incondicional que me ajudou a seguir nessa caminhada. Eu amo vocês!

As amigas que fiz na escola Canarinho Neide, Eliana, Solange, Aiana, Darlene, Celene. Em especial a Ingrid que nessa fase final ajudou na revisão dos meus textos e me deu força em todas as nossas conversas.

Ao professor Alcides Gussi, que mais uma vez me possibilitou te ter como professor e contribui na minha reflexão sobre Antropologia.

Aos professores da banca examinadora, Grazielle, Rodrigo e Silviana que aceitaram esse desafio de cooperar com meu trabalho. Obrigada pela paciência e dedicação a esse momento!

Agradecimento a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro durante o Mestrado.

Enfim, agradecer a todos que possa ter esquecido e que de certa forma contribuíram nessa fase. A universidade também é construída por afetos! Muito obrigada!

“O que se apresenta como óbvio é que o aprendizado das Ciências Sociais reivindica muito mais do que apenas um preparo “cognitivo.” Reivindica também, ou principalmente, certa disposição de abrir mão das verdades religiosas ou políticas que todos trazem consigo para o mergulho nas incertezas e dúvidas de um conhecimento cuja apreensão exige uma disposição de metamorfose que raras vezes encontro nas minhas aventuras em sala de aula.” (Bernadete Beserra)

RESUMO

A pesquisa na qual se baseia esta dissertação foi desenvolvida durante o curso de Mestrado em Educação Brasileira. O interesse surgiu, especificamente, no primeiro semestre de 2017, quando estagiei na disciplina Antropologia da Educação, oferecida aos alunos do terceiro semestre do curso de Pedagogia, e acabou se estendendo até o início de 2018. Através dos métodos da pesquisa antropológica, como a observação participante e a escrita de diários de campo, o que possibilita a “exotização do familiar”, meu objetivo é refletir, a partir do ponto de vista dos estudantes, sobre as denúncias de assédio realizadas por alunos contra professores. Interessa-me pensar sobre a publicização de tais denúncias e seus desafios e consequências para discentes e docentes. Para colaborar na interpretação dos dados em paralelo ao trabalho de campo, apoiei-me na leitura dos trabalhos sobre o Ensino Superior realizados pelos membros do grupo de Antropologia da Educação, visto que dialogam com esta pesquisa. Autores como Pierre Bourdieu, Bernadete Beserra, Rémi Lavergne e Gloria Gohn também foram fundamentais. No que tange, especificamente, à literatura brasileira sobre assédio, também dialogo com os trabalhos de Débora Boeckel, Marie-France Hirigoyen, Ruth Ferreira, Maria Freitas, José Coleta e Henrique Miranda. Com este trabalho, pretendo refletir e avaliar como as relações de poder na universidade e a falta de uma didática reflexiva contribuem para o surgimento de tensões descritas pelos interlocutores como “assédio”, Dessa forma, há duas perguntas de fundo que orientam a concepção deste trabalho, o seu desenvolvimento e a argumentação por mim feita: (1) até que ponto a universidade pública e as pessoas que a integram nas suas práticas cotidianas motivam e dão suporte à formação cidadã dos estudantes? e (2) o que leva os alunos a passarem do silêncio à denúncia, diante das situações por eles vividas como desconfortáveis?

Palavras-chave: Antropologia do Ensino Superior. Pedagogia. Educação.

RESUME

La recherche sur laquelle s'est basée cette mémoire de master a été développée durant le cours de Master en Education Brésilienne. L'intérêt a émergé spécifiquement au premier semestre de 2017 quand j'ai fait un stage dans le cours appelé Antropologie de l'Education offert aux élèves du troisième semestre de la Faculté de Pédagogie qui a duré jusqu'au début de 2018. A l'aide de méthodes de la recherche anthropologique comme l'observation participante et l'écrit de journal de terrain, ce qui permet « l'exotisation familiale », mon objectif est celui de réfléchir à partir du point de vue des étudiants à propos de plaintes de harcèlement réalisées par des élèves contre des professeurs. Je m'intéresse à penser à propos de la publicisation de ces plaintes, ses défis et ses conséquences pour les étudiants et les enseignants. Pour collaborer avec l'interprétation des données en parallèle au travail de terrain, je me suis penché sur la lecture des travaux à propos de l'Enseignement Supérieur réalisés par les membres du groupe de l'Antropologie de l'Education car ils dialoguent avec cette recherche. Des auteurs comme Pierre Bourdieu, Bernadete Beserra, Rémi Lavergne et Gloria Gohn ont été aussi fondamentaux. En ce qui concerne spécifiquement à la littérature brésilienne sur le harcèlement, je dialogue aussi avec les travaux de Débora Boeckel, Marie-France Hirigoyen, Ruth Ferreira, Maria Freitas, José Coleta et Henrique Miranda. Avec ce travail j'ai envie de réfléchir et évaluer comment les relations de pouvoir dans l'université et la manque d'une didactique réflexive contribuent avec l'émergence des tensions décrites par les interlocuteurs comme du « harcèlement ». De cette façon il y a deux questions de base qui guident la conception de ce travail, son développement et l'argumentation faite par moi : (1) jusqu'où l'université publique et les personnes qui l'intègrent dans ses pratiques cotidiennes motivent et donnent du soutien à la formation citoyenne des étudiants ? et (2) qu'est-ce qui conduit les élèves à passer du silence à la plainte, face aux situations vécues pour eux comme inconfortables ?

Mots-clés: Antropologie de l'Enseignement Supérieur. Pédagogie. Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Desenvolvendo a observação participante na pesquisa universitária	14
2	DESCOBRINDO A PESQUISA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO	19
2.1	A realidade vivenciada na graduação em uma faculdade que forma	
	Professores	19
2.2	O reencontro com a Faculdade de Educação na Pós-graduação	28
2.3	Quem eles são? E quais suas denúncias?	36
2.3.1	<i>Caso 1: Renata e sua vontade de entrar na pós-graduação da faculdade</i>	36
2.3.2	<i>Caso 2: Juliana sua vontade de estudar e trabalhar e sua militância no movimento estudantil na Faculdade de Educação.</i>	41
2.3.3	<i>Caso 3: Frida e sua vontade de ser professora</i>	47
2.3.4	<i>Caso 4: George e sua referência na infância de sua escola do interior</i>	54
2.3.5	<i>Casos dos representantes estudantis</i>	59
2.3.5.1	<i>João e o seu futuro através da educação: “ter uma formação universitária que seus pais não tiveram.”.....</i>	59
2.3.5.2	<i>Ramiro: “queria entrar na universidade desde criança.”</i>	63
3	DENÚNCIA PÚBLICA: O CASO DA CAMPANHA MEU PROFESSOR SECRETO	67
3.1	O caso “O meu professor secreto”	81
3.2	Percurso institucional para se realizar uma denúncia na universidade	93
4	CONCLUSÃO	96
4.1	“Ponto final?”: conclusões e consequências de denúncias nos espaços de formação docente	96
	REFERÊNCIAS	100

1 INTRODUÇÃO

É preciso tomar partido: para o estudante, fazer é somente se fazer. Somente o elã teórico pode levar a esquecer o que faz a própria definição do papel do estudante: estudar não é criar, mas criar-se, não é criar uma cultura, menos ainda criar uma nova cultura, é criar-se no melhor dos casos, como criador de cultura, ou, na maioria dos casos, como utilizador ou transmissor advertido de uma cultura criada por outros, isto é, como professor ou especialista. Geralmente, estudar não é produzir, mas produzir-se como capaz de produzir. (BOURDIEU & PASSERON, 2015, p. 76)

As palavras de Bourdieu apontam para uma reflexão sobre como estudar nos transforma social e culturalmente, tornando-nos capazes de nos modificar e de construir conhecimento ou mesmo de reproduzir conhecimentos e culturas criados por outros. O ato de estudar sempre me motivou a ser uma pessoa melhor e ajudar os outros. Até porque, a escola foi negada a grande parte da minha família e essa dor e prazer do conhecimento eles não obtiveram, nem no Ensino Básico e muito menos no Ensino Universitário. Esse acesso ao estudo foi oportunizado na minha vida, mesmo com as dificuldades que uma família de origem popular enfrenta no Brasil, ele veio sofrido, mas de algum modo proporcionou a libertação e acabou sendo um instrumento capaz de ajudar a entender a dinâmica da sociedade e sinto-me privilegiada por isso. A mágica do conhecimento proporciona outras lentes para enxergar o mundo. Portanto, essa beleza não deveria ser negada a ninguém. Por isso, a negligência ou assédio docente me causa incômodo, revolta, tristeza. Pois, as consequências dela são avassaladoras na vida de um estudante, impedindo ou dificultando o acesso ao aprendizado de qualidade. O interesse por uma compreensão realista de como funciona o Sistema Educacional e suas estruturas de poder se deu através desse conhecimento e, principalmente, com o estudo de teorias da Antropologia da Educação.

O que a literatura especializada entende por “assédio moral”? Não seria possível para os fins deste trabalho fazer uma revisão exaustiva sobre o tema, mas cabe observar que quem primeiro conceituou a prática foi a psiquiatra francesa Marie-France Hirigoyen. Para ela, assédio moral é “qualquer conduta abusiva (gestos, palavras, comportamento, atitudes) que atente, por repetição ou sistematização, contra a dignidade ou integridade psíquica ou física de uma pessoa, ameaçando seu emprego ou degradando o clima de trabalho” (HIRIGOYEN, 2006, p.17). Reconceituando o termo para o estudo do fenômeno no ambiente universitário, a professora Ruth Lopes Ferreira assim define assédio moral:

Ações que ameaçam o ambiente de aprendizagem, criando um clima degradante produzido pelo desrespeito ao estudante em forma de ameaça, constrangimento, humilhação, sofrimento, abuso de poder, agressão verbal entre outras práticas que ferem a dignidade do mesmo. (FERREIRA, 2013, p. 3).

Após o entendimento desse conceito narrarei uma situação bastante constrangedora que vivenciei no primeiro semestre do Curso de Economia Doméstica¹ e o considero como Assédio Moral. Recém-saída do Ensino Médio e com apenas 19 anos, não era muito diferente dos meus colegas: quase toda a turma era dessa faixa etária e não conhecíamos nada da dinâmica universitária. Tudo era novo e diferente. Iniciamos uma disciplina obrigatória de Química Geral no Departamento de Química da Universidade Federal do Ceará. Na primeira aula o professor já entrou na sala com a cara bem “sisuda” e disparou: “Ah, mais uma vez vou dar aula para as meninas burras da Economia Doméstica!”. Ficamos muito surpresos com aquela declaração do professor e sabíamos que enfrentaríamos um grande desafio pela frente. Como imaginávamos, aquilo foi se repetindo a cada aula. Junto a essa atitude o professor, além de ter uma didática de difícil compreensão, também sempre aplicava avaliações com um nível muito elevado: por mais que estudássemos bastante, ninguém obtinha boas notas. O semestre todo foi bem difícil, desmotivador e humilhante. Não sabíamos como lidar com a situação e a solução que os alunos veteranos nos apontavam era de não denunciar esse caso para as instâncias responsáveis da Universidade, mas agradar o professor para que todos se saíssem bem. Os estudantes já passaram por essa experiência e perpetuavam essa cultura a cada ano, evidenciavam que a estratégia daria certo. Diante do conselho, fizemos uma festa surpresa de aniversário para o professor, a fim de agradá-lo. Com isso, queríamos fazer com que parasse com as ofensas contra a turma e nos aprovasse na disciplina, já que não estávamos conseguindo obter sucesso nela. Só assim obtivemos um resultado positivo e conseguimos concluir a disciplina.

Nesse exemplo, encontramos a negligência do professor na formação do aluno, não realizando uma aula atrativa e comprometida com o aprendizado dos alunos do curso, além de assédio moral.² Anos depois avalio que, dentre vários motivos possíveis para o silêncio da turma, um dos mais importantes foi a falta de informação e conhecimento sobre nossos direitos e deveres dentro da universidade – embora esse não seja o único motivo para

¹ Primeiro curso que adentrei na Universidade Federal do Ceará em 2005.

² Pensando retrospectivamente, percebo as ações do professor como configurando assédio moral por, nos já citadas termos de Ruth Ferreira (2013), criar um “ambiente degradante” em que éramos agredidos verbalmente com frequência e tínhamos nossa dignidade e capacidade de aprendizado diminuídas pela atitude do docente.

impulsionar uma denúncia, como ficará claro ao longo desta dissertação. Além disso, nós estudantes perpetuávamos a cultura dos veteranos de como passar na disciplina através de estratégias para agradar o professor. Um ciclo que se repetia a cada semestre sem a atenção devida do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará. No curso de Pedagogia, como será relatado, também me deparei com a negligência docente que sempre era evidenciado em conversas informais entre os estudantes, possíveis assédios vivenciados. Posteriormente, as denúncias seriam meu objeto de estudo.

Relato esse exemplo para explicitar que este estudo tem um foco específico: terá como público os estudantes envolvidos nas denúncias contra professores, principalmente porque, como diz o ditado popular, “a corda arrebenta sempre pelo lado mais fraco”. Na relação de poder entre professor e aluno dentro de uma instituição pública, percebo o estudante como o elo mais fraco – o que meus interlocutores também afirmam. Digo isso, pois ao longo do tempo também vivenciei situações constrangedoras por causa das relações de poder. É necessário refletirmos sobre essas denúncias não realizadas para construirmos uma reflexividade docente³. Entretanto, apesar desta pesquisa ter lado, a Antropologia me ensinou a não deixar de avaliar as contradições e ações desses estudantes no trabalho de campo, e também a entender melhor como se dá essas relações de poder dentro da instituição.

1.1 Desenvolvendo a observação participante na pesquisa universitária

A pesquisa na qual se baseia esta dissertação foi desenvolvida durante a realização do curso de Mestrado em Educação Brasileira, o interesse surgiu especificamente no primeiro semestre de 2017, quando estagiei na disciplina Antropologia da Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, oferecida aos alunos do terceiro semestre do curso de Pedagogia⁴, a pesquisa acabou se estendendo até o início de 2018.

Em função de a pesquisa da professora da disciplina ser na área de Antropologia do ensino superior e de a formação do professor estar sempre presente nos exemplos e discussões realizados em sala de aula, aos poucos fui me sentindo atraída para melhor compreender a formação pela qual eu também havia passado alguns anos antes. Essa atração tinha a ver com as frustrações, os sentimentos e tudo que vivenciara como aluna de graduação

³ Oliveira (2017, p. 132) expõe baseada nas concepções de Paulo Freire que a avaliação sistemática da prática docente é fundamental para a qualidade na carreira de um bom professor, pois nessa relação reflexiva tanto aprendem o estudante quanto o docente, e, conseqüentemente, melhora a qualidade da Educação.

⁴ O acompanhamento da disciplina, como uma espécie de professora assistente, ou monitora, fazia parte dos requisitos da disciplina Docência do Ensino Superior.

e, depois, como professora. A imersão nesse campo de pesquisa, cuja existência eu desconhecia, me estimulou a entender um pouco mais sobre aquele espaço que proporcionou a minha formação docente. Aos poucos, através das leituras e debates em sala de aula, comecei a utilizar as lentes sociológicas para entender a realidade. Portanto, a disciplina de Antropologia da Educação levou-me para esse túnel do conhecimento, pelo qual, até aquele momento, não havia transitado, proporcionando uma reflexão profunda sobre a minha formação acadêmica e a prática docente. Somente foi possível acessar esse túnel do conhecimento através da “didática antropológica”⁵ utilizada pela professora Bernadete Beserra nas suas disciplinas, que nos proporciona essa reflexividade sobre a formação docente:

[...] a partir da experiência, que a desnaturalização gradativa do fenômeno ‘dar/assistir à aula’, alcançada por meio da exotização do familiar, não permite apenas o exercício de uma forma específica de enxergar e lidar com o *outro* mas, principalmente, de lidar consigo próprio, observar-se nas práticas cotidianas, construindo, desse modo, a reflexividade indispensável à formação docente e, igualmente, à pesquisa antropológica. (BESERRA, 2016, p. 98)

Foi nesse contexto que decidi mudar o tema do meu projeto de pesquisa.⁶ Foi primordial a contribuição de uma parte do grupo de pesquisa em Antropologia da Educação,⁷ que já tinha estudado ou estudava sobre o Ensino Superior, para a construção da ideia do meu projeto de pesquisa⁸ e, após esse momento, pude enxergar que caminho deveria seguir.

A partir de estudos do Grupo de Pesquisa em Antropologia da Educação Superior, Políticas Educacionais e Escola⁹ e lançando mão dos recursos da pesquisa antropológica como a observação participante e a escrita de diários de campo, este trabalho tem o objetivo de realizar uma “exotização do familiar”¹⁰ da unidade acadêmica pública, que forma pedagogos para refletir e entender, do ponto de vista dos estudantes, como denúncias de alunos contra professores tornaram-se públicas, e seus desafios e consequências para

⁵ Conceito criado através da Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira de (Martins, 2017) sobre o processo de formação de professores através da metodologia criada por Beserra para trabalhar a Antropologia da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará.

⁶ Entrei no Mestrado com um projeto de pesquisa para estudar Educação Escolar Indígena.

⁷ Agradecer aos colegas Isayanne Martins, Danilo Celedônio, Silvio Junior e Carla Dolores que ajudaram na construção desse estudo. Grata pela presença e fortalecimento das ideias e ideais!

⁸ Entrei na Universidade com outro projeto de pesquisa e mudei o objeto de pesquisa ao longo do curso. Explicarei ao decorrer do trabalho como isso aconteceu.

⁹ Grupo de pesquisa situado na Faculdade de Educação do Ceará – Universidade Federal do Ceará.

¹⁰ Da Matta (1984, p. 157) evidencia que é necessário um estranhamento do familiar para que ele se torne exótico no trabalho de campo já que o pesquisador está muito próximo da cultura do grupo pesquisado. Esse afastamento empírico é necessário para a não naturalização do que se está pesquisando para contribuir na percepção das relações e culturas do local pesquisado.

discentes e docentes. A pesquisa da dissertação também está vinculada ao Projeto de Pesquisa de Estágio Sênior “Culturas estudantis e formação de professores da educação básica: o desafio da diferença e a contribuição da Antropologia da Educação”, da professora Dra. Bernadete Beserra.¹¹

A proximidade com o campo proporcionou a abertura de outro olhar acerca da realidade escolar e da formação dos pedagogos. Acredito, que a utilização da minha experiência profissional e militante como recurso de trabalho metodológico também contribuiu na produção do conhecimento, colocando-me por inteiro nesta investigação. Esse desafio mexeu profundamente nas descobertas de limites da minha capacidade social e sentimental, dos quais não tinha conhecimento. Ao investigar aquela realidade, estava investigando também a mim mesma, embora sem disso desconfiar. GUSSEI, destaca essa metodologia de pesquisa aplicada em uma experiência em docência superior e que acredito ser oportuno nesse estudo:

Esse seminário era baseado em leituras dos textos do antropólogo português, Ricardo Vieira, que propõe o que chama de método biográfico comparativo para a formação de professores interculturais. Essa formação deveria apoiar-se na reflexão autobiográfica do professor, comparando-se diferentes histórias de vida para que esses possam, enfim, agir interculturalmente. Esse método engloba três dimensões formativas: a auto-análise biográfica, em que o professor faz uma reflexão própria sobre sua biografia; a etno-análise biográfica, em que é levado a perceber as inter-relações entre o “eu” e o “nós”, construindo suas semelhanças culturais entre as histórias de vida do grupo (ou dos grupos) a que pertence; finalmente, a antropo-análise biográfica em o professor compara o “eu” e o “nós” ao “outro” aparentemente distante, que tem diferentes histórias de vida relacionadas a outros universos culturais que não são os mesmos do professor. (GUSSEI, 2001 p.16)

Diante disso, optei por fazer uma observação participante que enfoca a perspectiva dos meus aspectos biográficos para ajudar a compreender a mim mesma e também ao “outro”, já que minha história de vida é semelhante a destes sujeitos, isto é, tornando-me também parte da pesquisa, mas com o cuidado de observar para além do “familiar”. A história de vida desses sujeitos entrevistados foi analisada para refletir sobre o encontro de suas vivências, entre eles, e com a do pesquisador, contribuindo para uma compreensão de suas ações e concepções como objeto de pesquisa. Esta dissertação, como observado acima, se inspirou nos trabalhos etnográficos e antropológicos, mas não a considero uma etnografia, e sim um trabalho qualitativo. Não deixei de ter uma atração intelectual pelas ideias da Antropologia, pela diversidade de possibilidades de estudo da

¹¹ Projeto de pesquisa de Pós Doutorado em andamento na Universidade do Arizona- Estados Unidos.

cultura dos povos. E deste modo, tenho bastante afinidade com o que Lévi-Strauss afirma sobre essa forma de pesquisa: “Hoje, às vezes me pergunto se a etnografia não me atraiu, sem que eu suspeitasse, devido a uma afinidade de estrutura entre as civilizações que ela estuda e a de meu próprio pensamento” (LÉVI-STRAUSS, 2009, p. 51).

O nosso trabalho de campo se deu nos espaços onde a denúncias estavam acontecendo e sendo debatidas, observando os espaços e eventos da graduação e pós-graduação de que participo, enquanto estudante e pesquisadora da unidade acadêmica a qual se refere esta pesquisa, a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC). Trilhei, pois, o caminho das denúncia com as quais fui tendo contato. Também participei de reunião do Centro Acadêmico, convocada para tratar de uma das denúncias de assédio, assim como, após alguns dias, também participei de reunião convocada pelo Conselho Departamental e de duas assembleias convocadas pelo Centro Acadêmico para debater sobre o tema. Na mesma perspectiva de me aprofundar na compreensão do tema, também participei de mesa da Semana de Pedagogia e de um evento promovido pela Coordenação do Curso de Pedagogia. Para além dos espaços físicos e eventos, copiei/fotografei todas as mensagens na rede social *Facebook* da campanha *#meuprofessorsecreto*, promovida pelo Centro Acadêmico de Pedagogia e realizada pelos alunos da FACED, em resposta a uma denúncia de uma aluna sobre um caso de assédio sexual, sobre o qual falarei adiante.

Paralelo ao acompanhamento desses espaços, observei os espaços da Pós-Graduação, tendo em vista que algumas situações vivenciadas na minha trajetória nesse espaço são semelhantes as da graduação, sendo inevitável fazer uma relação com o campo estudado.

No decorrer do trabalho de campo, a minha participação nesses espaços mencionados ajudou a motivar alguns alunos a entenderem minha pesquisa e com ela contribuir, relatando situações constrangedoras que vivenciaram durante a graduação. Foram entrevistadas seis pessoas,¹² entre estudantes que estavam envolvidos diretamente na ajuda à estudante do caso do suposto assédio sexual, o qual motivou a campanha *#meuprofessorsecreto*, e outros estudantes que não tornaram público suas denúncias através da campanha. A aluna envolvida na referida denúncia foi procurada, mas apesar de várias

¹² As entrevistas foram de comum acordo e respeitando os princípios éticos da pesquisa expôs o meu objeto de estudo com seu objetivo, questionamentos e metodologia e os entrevistados concordaram assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) garantindo o anonimato dos participantes além da publicação dos dados das entrevistas somente entre os estudiosos, garantindo o sigilo dos sujeitos.

conversas para que ela se sensibilizasse com a pesquisa não consegui entrevistá-la e, no decorrer do trabalho, serão elucidadas as motivações. As entrevistas realizadas tiveram como foco a história de vida desses estudantes, para entendermos como foi a sua chegada ao curso de Pedagogia e a sua narrativa sobre a situação constrangedora vivenciada que gerou a denúncia contra professores. A entrevista foi diferenciada com os membros do Centro Acadêmico, que estavam envolvidos na representação estudantil da formação da comissão de sindicância e no desenrolar da campanha virtual *#meuprofessorsecreto*, pois era necessário, de acordo com a ótica deles, entender como foi organizada a metodologia e organização estudantil em relação à campanha.

No desenrolar desse trabalho de campo, questionamentos foram surgindo:

1. Como e por que algumas denúncias de alunos contra professores tornaram-se públicas?
2. Por que outras denúncias se mantiveram em silêncio e não foram à público/ou tomaram as vias institucionais?
3. Até que ponto a universidade pública e as pessoas que a integram, nas suas práticas cotidianas, motivam e dão suporte à formação cidadã dos estudantes?; e
4. O que leva os alunos a passarem do silêncio à denúncia, diante das situações desconfortáveis por eles vividas?

Para colaborar na interpretação dos dados e na elucidação das perguntas, em paralelo ao trabalho de campo, realizei a leitura dos trabalhos sobre o Ensino Superior do grupo em Antropologia da Educação,¹³ visto que as formulações desses trabalhos dialogam com o objetivo dessa pesquisa. Além de outros autores como BOURDIEU, BESERRA, LAVERGNE e GOHN. E também o trabalho de autores que debatem e discutem sobre assédio no Brasil: BOECKEL, HIRIGOYEN, FERREIRA, FREITAS, COLETA e MIRANDA. Enfim, pretendo com este trabalho refletir e avaliar como as relações de poder na universidade e a falta de uma didática reflexiva contribuem para as tensões e, conseqüentemente, denúncias contra professores e os desafios e conseqüências que elas apresentam à vida daquela comunidade de aprendizagem. Ou seja, até que ponto a universidade pública, nas suas práticas cotidianas, motiva e dá suporte à formação cidadã?

¹³ Em ordem cronológica: ALMEIDA (2015); CELEDONIO (2015); OLIVEIRA (2016); COLARES (2016); DIAS JUNIOR (2016); MARTINS (2017).

2 DESCOBRINDO A PESQUISA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

É essa imagem que se forma ao redor de minha paixão pela educação: estou semeando as sementes da minha alta esperança. Não busco discípulos para comunicá-lhes saberes. Os saberes estão soltos por aí, para quem quiser. Busco discípulos para neles plantar minhas esperanças. (ALVES, 2010, p.11)

No decorrer das entrevistas com os sujeitos da pesquisa, encontrei semelhanças entre a minha história de vida e as deles e sua relação com as experiências vividas na Faculdade de Educação. A partir desse momento, me percebi também como parte da pesquisa e comecei a me preocupar como faria esse distanciamento de pesquisadora para compreender o discurso e a realidade do meu campo. Necessitei em diversos momentos “Exotizar o familiar” e “Familiarizar o exótico” para extrair as compreensões necessárias da pesquisa. Não foi uma tarefa fácil. Aprendi com a antropologia que toda a “bagagem” cultural deve ser compreendida para a descrição de um fenômeno social. Para isso, é importante, por meio da minha “autoanálise biográfica”, fazer uma reflexão sobre o meu percurso estudantil universitário a fim de entender como a falta de uma reflexividade docente e um serviço público com o compromisso cidadão motivou para que houvesse lacunas na formação, além de motivar a denúncia estudantil, mesmo que ela não tenha sido exposta ao público ou às instâncias devidas. Posteriormente, como a “etno-análise biográfica”, analisarei quais as semelhanças culturais entre a minha história de vida e os sujeitos pesquisados para, finalmente, realizar a “antropo-análise biográfica”, comparando a minha história de vida com a deles e aos “outros”¹⁴ e evidenciando o contexto de outros espaços da sociedade e de pesquisa que passaram por situações semelhantes ao objeto deste trabalho.

2.1 A realidade vivenciada na graduação em uma faculdade que forma professores

A escrita desta dissertação foi um dos maiores desafios da minha vida, pois nela encontrei monstros, ensinamentos, desafios, problemas, paixões e dúvidas. Se fui de encontro ao outro, também fui ao encontro de mim mesma. Como todo encontro, pode despertar a paixão, estou aqui para falar dela e como fui por ela fisgada. A minha vida, seja ela familiar, escolar, política ou profissional, é movida pela paixão. Realizo aquilo que é impregnado de sentido e de esperança. Uma vez, a professora Bernadete Beserra utilizou essas duas palavras

¹⁴ Em relação a outros sujeitos implicados em pesquisas sobre denúncia e assédio na bibliografia indicada.

na dedicatória de um livro seu, oferecido a mim: “Querida Fernanda, com a esperança de que esta narrativa lhe inspire na busca do que faz sentido. Abraço, Bernadete. Fortaleza, 17 de Maio de 2017”.¹⁵

Naquele momento, ela não sabia, mas essas palavras iriam reverberar intensamente, tanto nas minhas reflexões profissionais, como pessoais. A palavra “sentido” é poderosa dentro da pesquisa antropológica, como destaca Boeckel (2017, p. 16), quando cita Maluf (1999, p. 70) em sua pesquisa e “compara o fazer etnográfico com a obra do cineasta alemão Wim Wenders”. Segundo a autora, toda a obra de Wenders gira em torno de duas dimensões importantes também para a antropologia, sendo elas: “resgatar a importância da narrativa, do narrar, do contar histórias – única forma de falar da experiência humana, partilhar essa experiência e encontrar nela sentido.” A primeira dimensão fala da diversidade e da universalidade da cultura. Contar histórias, partilhar experiências como parte de uma tecelagem de um quadro maior, um que seja capaz de definir o grupo em que vivemos e as sociabilidades que regem esse grupo. Já a segunda dimensão, dar sentido ao que é ouvido, mostra-se um desafio para os pesquisadores, que se munindo de sua bagagem intelectual (mas não blindados a novas percepções), buscam levar o que é ouvido para além da literalidade. Como tão bem disse Maluf (1999 p. 71), para recolher todas essas histórias, ouvi-las e fazer sua leitura, o antropólogo acaba, em muitos momentos de seu trabalho, fazendo como os anjos de Wim Wenders, que se debruçam sobre os humanos, sobre seus ombros, tentando escutar seus diálogos interiores, suas queixas, seu sofrimento, suas histórias. Momento central desse “encontro com o outro, onde se busca, além de olhar, ver; além de ouvir, escutar; além dos fatos, sentido.”

Portanto, o “sentido” é a essência da pesquisa, pois sem ele não podemos encarar as nuances da Antropologia. Essas nuances se inserem em perspectivas subjetivas, complexas e transformadoras dentro do campo do pesquisador que, no ato de narrar, descrever e interpretar, precisa lidar com entraves, reflexões e conclusões transformadoras. Diante disso, o pesquisador se estabiliza e se desestabiliza, assim como os outros envolvidos no contexto pesquisado. Para enfrentar todos esses desafios, o sentido é fundamental para a efetivação da pesquisa. Dentro dessa perspectiva, o sentido me acompanhou durante todo o Mestrado, precisando me perder em meio aos desafios de ser pesquisadora para fortalecer a paixão por essa profissão tão desafiadora que é a de professora.

¹⁵ BESERRA, Bernadete. Dos riscos da diferença: etnografia de um percurso acadêmico. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

Os princípios e valores da justiça, cidadania e democratização da sociedade brasileira, adquiridos a partir da convivência dos últimos quatorze anos em espaços dos movimentos estudantil e social, sempre me acompanharam na trajetória universitária e profissional. E desse modo, como apaixonada pela minha profissão, e anterior a isso, militante de movimentos sociais, não suporto ver o descaso com a formação docente e qualquer tipo de problema ligado a esses princípios e valores que dificultem ou impeçam o crescimento dos alunos, futuros professores.

Portanto, identifico-me com a reflexão de Beserra (2000) utilizando conceito de Paulo Freire “de não reproduzir as clássicas estruturas de dominação; de um magistério cujo compromisso é ajudar o outro a perceber que a libertação dos oprimidos não é a apenas a libertação dos oprimidos, é a libertação de todos nós”.¹⁶

Para a libertação de todos nós, devemos assumir a nossa responsabilidade em relação à formação dos nossos alunos, assim como aos caminhos que os ajudamos a trilhar para construir um país de fato democrático, justo e diverso. Precisamos levar a sério a educação, não só no discurso, mas nas nossas práticas cotidianas. Portanto, é isso que me encanta e me faz acreditar, mesmo com tantos desafios a serem enfrentados.

Iniciei a minha graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará no ano de 2009, quando pedi transferência do curso de Economia Doméstica, pois tinha afinidade com a área de educação, já que atuava na Educação Ambiental, em Organizações Não Governamentais (ONGs). No início do curso, tudo era novidade e empolgação, já que vivenciava um novo ciclo na vida de estudante. Entretanto, não demorou muito tempo para perceber os problemas existentes e experimentar muitas decepções ao longo da formação docente.

Como já havia vivenciado outros espaços da universidade¹⁷ e mantido contato com organizações da sociedade civil, o capital cultural¹⁸ adquirido até aquele momento proporcionou um olhar crítico sobre a experiência do novo curso. Muito rapidamente, o

¹⁶ Essa reflexão sobre o autor revela que a autora de certo modo acredita na sua fundamentação teórica, porém as questiona quando é necessário. O trecho foi retirado do último parágrafo do Memorial escrito em Setembro de 1990 para concorrer à vaga de professora assistente no Departamento de Estudos Especializados da Universidade Federal do Ceará. (BESERRA, 2000c, p. 137)

¹⁷ Vivenciei disciplinas em outros cursos, participei dos espaços de formação e articulação dos movimentos estudantil, partidário e social.

¹⁸ Capital Cultural é um conceito trabalhado no livro “Os Herdeiros: os estudantes e a cultura de Pierre Bourdieu e Jean- Claude Passeron” (2015). Os autores afirmam que todo aprendizado adquirido desde o nascimento pela família e pela escola definirá o seu capital cultural e seu acesso ao conhecimento. Quanto maior o nível financeiro e cultural da família, mais os indivíduos terão chances de vitória na sua formação educacional. Quanto menor o nível financeiro e cultural da família, maior a probabilidade dos indivíduos não obterem êxito na sua formação educacional ou sofrerem sérias dificuldades para alcançar um nível desejável.

sentimento de empolgação foi acabando e dando lugar à decepção, à raiva, e a uma sensação de impotência em relação às diversas situações vivenciadas¹⁹ em sala ou em outros espaços daquela unidade acadêmica.

A sensação de impotência provinha do medo. A cultura do silêncio²⁰ era motivada pelas histórias de coação disseminadas entre os alunos e uma parcela dos professores e professoras, tanto em sala de aula, como em conversas informais. Segundo Celedônio (2015 p.106), que fez Mestrado nessa mesma unidade acadêmica, o silêncio dos alunos, referente aos problemas ocorridos durante a graduação, também reverberavam na Pós- graduação. Conta ele:

Alguns alunos, que vinham da graduação na mesma instituição, insistiam que nela a negligência geral era muito maior. Um deles contou sobre ‘um professor que passou dois meses ensinando a fazer uma maquete, que foi o trabalho da disciplina’. Como você aguentou isto? Perguntei. Resposta: ‘a gente tem que se formar, né?’ Por mais que os discentes não concordem com certas práticas docentes, como por exemplo, conteúdos não contemplados e certas alianças políticas que não aprovam, jamais enfrentam os problemas abertamente, diante dos docentes. Muitos reclamavam de Cleber, mas ninguém o fazia abertamente. Havia, isto sim, uma espécie de pacto de resiliência, expressa na frase do colega acima: temos que nos formar. (CELEDÔNIO, 2015 p.106)

Entendo que o pacto de resiliência percebido pelo autor também foi incorporado por mim, pois pertencia àquele ambiente de formação e acabei por naturalizar essa cultura institucional, mesmo já tendo feito parte do movimento estudantil e naquele momento estar participando de movimentos sociais. Pela mesma motivação, “me formar”, fortaleci²¹ essa cultura do silêncio sem perceber essa naturalização e me omitindo, como muitos alunos faziam.

Como consequência da cultura do silêncio, Oliveira afirma que

Tal cultura nos priva a todos do debate, do contraditório, e de todas as possibilidades que ele poderia nos oferecer, sobretudo a de melhorar as práticas docentes e acadêmicas em geral. No seu lugar, fica apenas um discurso abstrato e vazio sobre a tal reflexividade docente. (OLIVEIRA, 2017, p.132)

¹⁹ Descaso dos professores com as aulas da graduação no que se refere à didática, à correção de trabalho, ao fomento do debate em sala, à avaliação entre outros elementos que compõem a sua função como professor universitário. Além de casos de abusos (moral e sexual) relatados por alunos em conversas informais.

²⁰ Segundo Oliveira, (2017 p 132.): ... e a “cultura local” da instituição que acaba por naturalizar os problemas e deficiências relativos à qualidade de ensino e outros aspectos problemáticos do funcionamento da instituição, constringendo aqueles que ousam falar contra o discurso hegemônico do “é assim mesmo”. Desse modo, instaura-se uma cultura do silêncio, de dissimulação, em que as reclamações sobre o funcionamento da instituição somente têm espaço nas fofocas de corredores.

²¹ A percepção dessa realidade e o porquê desse silenciamento somente seriam maturados, evidenciados e percebidos após os estudos em Antropologia da Educação.

Esse discurso, propagado em diversos espaços dessa unidade acadêmica, deveria ser regra, pois refletir sobre a sua prática e a sua formação é essencial para o exercício da qualidade docente.

Compartilho uma das situações vivenciadas durante a graduação para mostrar como acontecia essa cultura do silêncio em relação ao funcionamento da instituição. Particpei de algumas disciplinas que, logo na primeira aula, mostraram-se como uma perda de tempo, pois o professor “enrolava”²² e assim seria todo o semestre. Sentia-me indignada, com uma profunda raiva de perceber que aquele professor não estava realizando o seu papel enquanto servidor público, mas essa indignação era comentada somente entre os alunos. Como de costume, assistia a algumas aulas e me recusava a participar desse teatro que era “fingir estar aprendendo”. Em uma disciplina específica, indignada com a situação vivida pelos colegas e por mim, passei a não acompanhar as aulas e também não buscava trancar ou reclamar nas instâncias cabíveis. Tomando essa atitude, sabia que seria reprovada, mas isso era melhor do que estar em uma aula que percebia como sem sentido. No fim do semestre, quando enfim as notas foram divulgadas, assustei-me quando percebi que tinha sido aprovada na disciplina com nota máxima e nenhuma falta!

Esse exemplo evidencia várias coisas: falta de profissionalismo e responsabilidade com o serviço público e a formação de futuros professores do ensino básico; o “comodismo”²³ dos alunos frente a essa realidade; e o silêncio estudantil em relação a esse tipo de caso. Por que esse tipo de situação ocorria? Qual o reflexo dessa realidade na formação docente? Por que os alunos não cobravam melhores aulas? Optei pelo silêncio e somente entenderia essa naturalização mais na frente, na Pós-Graduação.

Nesse clima de insatisfação, sem espaços de expressão, 2011 foi um ano em que tive muita dúvida em relação à continuidade do curso. Percebi, então, que no histórico do curso de Pedagogia havia uma disciplina denominada “Autobiografia e Educação”. Achei que poderia me ajudar na compreensão do meu interesse pela docência. O desenvolvimento da

²² O professor não mostrava aos alunos como seria a metodologia, avaliação da disciplina. Todas as aulas eram baseadas no senso comum ou em situações vivenciadas por ele e sua família. Não se trabalhava os textos de forma a levar os alunos a uma reflexão crítica do assunto. E a cordialidade dele era uma ferramenta para manter a sala ludibriada por sua falta de didática e provavelmente também de conhecimento sobre a matéria lecionada.

²³ Acredito que o comodismo acontecia por diferentes motivos e realidade de alunos: existia os alunos que não queriam estudar muito para obter o diploma; os alunos que se identificavam com o tipo de aula “dinâmica”, com reflexões do senso comum; os alunos que acreditavam que denunciar ou reclamar não ia dar em nada, pois havia a reprodução desse discurso; os alunos que estavam tão cansados dos seus trabalhos, que era cômodo não reclamar ou cobrar uma aula melhor.

minha autobiografia²⁴ por meio do contato com uma professora com excelente formação²⁵, tornou-se fundamental para a minha continuidade no curso.

Durante quase três anos, passei por diversos professores que não traziam vida ao conhecimento acadêmico, isto quer dizer, não desafiavam os alunos ao conhecimento científico. Em um semestre, tive um rápido exemplo de como se construir uma pesquisa e ela seria sobre mim mesma. A partir dali, pude entender o porquê seria professora. Aprendi, principalmente, que temos que experimentar nos conhecer profundamente para conhecer o outro. Também foi o primeiro trabalho da graduação lido e corrigido. Comecei a entender quais eram minhas limitações de escrita e também minhas potencialidades. Esse trabalho é guardado até hoje como recordação. Posteriormente, essa mesma professora faria parte da minha banca examinadora de conclusão de curso, pois sabia que avaliaria o meu trabalho e saberia das minhas limitações e potencialidades. Isso mostra a importância da avaliação para a formação docente do aluno de Pedagogia. Se a avaliação não acontece na graduação, onde irá acontecer?

Naquele momento, refleti sobre a minha identificação com a carreira docente e isso se deu pela boa condução da professora Juraci Maia. O diferencial em relação a outros professores do curso com quem tivera contato até ali, dava-se pela ótima formação e comprometimento com o Ensino Superior. Assim, tive um belo exemplo de como exercer a profissão docente, cumprindo os requisitos obrigatórios que uma disciplina universitária requer: planejamento, execução e avaliação de aula, além da contribuição do fazer pesquisa.

Convencida de que deveria continuar o curso, parti em busca de estratégias para finalizá-lo, tentando driblar²⁶ a negligência de diversos professores e estando também consciente de que o meu silêncio e o dos meus colegas de curso quanto às arbitrariedades existentes na unidade acadêmica, iriam trazer consequências bastante negativas no exercício da profissão.

²⁴ A autobiografia foi escrita em 2011, como trabalho acadêmico da disciplina Autobiografia e Educação, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, ministrada pela Professora Juraci Maia, que realiza ali uma experiência de formação voltada para educadores. A escrita desse trabalho proporcionou vários momentos de inquietação, ideias novas e reflexões profundas, que me levaram a uma maior percepção e valorização da história da vida das pessoas. Aprendendo a valorizar a história de vida, compreende-se o outro de um modo crítico e sensível, sendo possível enxergar a vida com outros olhos ajudando na condução da carreira docente.

²⁵ Essa professora era famosa e tinha estudantes que propagavam na “rádio corredor” ódio e amor por ela. Optei por apostar nos comentários positivos em relação à sua formação docente e didática.

²⁶ Como não queria me indispor com os professores, nas aulas nas quais não via sentido algum para melhorar a minha formação, levava livros ou o computador para estudar ou trabalhar em algo que entendia como prioridade. Destaco que essa atitude também era realizada por outros alunos e a grande maioria dos docentes não se importava.

Em 2014, iniciei minha carreira docente no Ensino Básico e tive um impacto logo no primeiro ano, dado que, lacunas eram perceptíveis no decorrer da atuação em sala de aula. Como consequência da má formação, havia a reprodução de práticas inadequadas, assim como o sentimento de impotência e de dúvida, que permaneciam em relação ao desejo de continuar no magistério.

Somente na Pós-Graduação, com os estudos na área de Antropologia, principalmente do autor Pierre Bourdieu,²⁷ é que entendi como a má formação é reproduzida nos espaços de atuação do pedagogo. Como quando nos deparamos com situações com as quais não sabemos lidar adequadamente porque não tivemos a formação prometida. Analisando os meus anos de trabalho na instituição particular de ensino, deparei-me com várias dessas situações que me levaram a essa reflexão. Estava reproduzindo no Sistema de Ensino Básico a má formação²⁸ adquirida no Sistema de Ensino Superior. Consegui me manter no trabalho docente durante esses anos porque, a muito custo, “me virei”, isto é, tive a ajuda de professoras antigas, equipe pedagógica, cursos de formação da escola, estudos procurados por mim, além de boas experiências e metodologias com as quais tive contato na minha vivência profissional em ONGs.

Além desse dano mais sociológico, que me levava a reproduzir a má formação recebida, também fui submetida a danos psicológicos, já que terminei a universidade com um sentimento de tristeza e desesperança, visto que a dúvida em relação à profissão ainda era constante.

Após alguns anos, pude refletir por meio de diálogos com colegas de profissão e vivências em sala de aula, que não era uma crise de identidade minha em relação à profissão que proporcionava esse sentimento. Os causadores desse estado de ânimo eram, na realidade, os problemas relativos à formação docente da Faculdade de Educação e a falta de espaço para dialogar e avaliar essas questões dentro da própria instituição. Oliveira (2016 p. 26) destaca que existe um fracasso das instituições federais em superar o senso comum da profissão e não propiciar uma formação de qualidade, gerando essa crise de identidade docente.

Ao contar essa história, não pretendo, de modo algum, afirmar que todos os professores operam desse modo, dado que há docentes comprometidos com uma educação superior de qualidade e que tiveram muita importância na minha formação. Contudo,

²⁷ Reflexão obtida por meio das leituras da Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino, na disciplina sobre a Sociologia da Educação, de Pierre Bourdieu, durante o Mestrado em Educação.

²⁸ Atualmente percebo que o que mais prejudicou a minha formação foi a falta de relação e continuidade entre as disciplinas, a ausência de boas aulas nas disciplinas de Psicologia da Educação e dos ensinamentos (principalmente da Língua Portuguesa, História e Geografia), que julgo principal, além da falta de uma avaliação que indicasse os erros e avanços desses futuros professores. Esse último ponto aconteceu na grande maioria das disciplinas.

infelizmente, eles representam a exceção. Dentre trinta e oito professores com quem estudei ao longo da graduação em Pedagogia, apenas seis causaram impacto positivo na minha formação. Essa realidade me causa indignação, mas sempre acompanhada do sentimento de impotência criado pelo “medo” disseminado na política do silêncio, imposta por um grupo dominante na unidade acadêmica.

Após três anos afastada da FACED, ainda não sentia estímulo para voltar a esse espaço, por conta de todos os desconfortos mencionados. Mas essa era a minha única opção de acessar os estudos de pós-graduação, pois naquele momento não tinha condições financeiras para me deslocar para outro Estado e também não sabia se teria capacidade de ser aprovada em outros programas. Entretanto, a vontade de estudar era maior, pois tinha um sonho de melhorar o meu trabalho docente e ajudar mais vidas por meio da educação. Esse desejo de ajudar as pessoas sempre foi presente na minha vida, pois meus pais e avós, mesmo com pouca educação e uma situação social baixa, ajudavam muitas pessoas. Acredito que esse capital cultural adquirido na família levou-me a participar de movimentos sociais e também a escolher a educação como mecanismo de ascensão social, já que não tinha uma herança familiar. Por ser uma criança “calma”, “dedicada aos estudos”, “comunicativa” e estar diante da realidade social a qual estava imposta, esse era um caminho válido para ser ajudada e ajudar.

Apesar de todos os problemas enfrentados na universidade, sentia aquele espaço como algo que poderia ser transformado, tomando como exemplo os bons professores que tive e também um ambiente social que gostaria de um dia acessar. Um lugar que sentia distante, mas ao mesmo tempo próximo. Digo isso por viver com um companheiro que estava cursando doutorado e que sempre me incentivava a estudar, pois sabia da minha capacidade mesmo entendendo minhas limitações de capital cultural e de tempo para o estudo (trabalhava nove horas por dia na docência). E também gostaria de melhorar o meu salário, já que na carreira inicial de professor os salários não são tão satisfatórios.

Com todas essas motivações e desafios, voltei a estudar meses antes da seleção e resolvi mudar meu campo de estudo que antes eram movimentos sociais. Essa mudança se deu porque minha orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso, a professora Dra. Sônia Pereira Barreto, não mais estava atuando na Pós-graduação e os outros professores dessa linha de estudos não me ofereceriam os estudos transformadores e críticos de que eu necessitava. A professora que transformou a minha visão na Pedagogia também tinha se aposentado e eu não tinha afinidade com a sua linha de pesquisa. Todavia, não me esqueci de sua avaliação na minha banca examinadora, pois me incentivou a estudar mais Antropologia.

Desse modo, estava em um dilema: não queria fazer Pós-graduação em Antropologia porque não gostaria de sair da minha área e, motivada pela dinâmica dos editais de concurso, pensei em estudar para o eixo de Antropologia da Educação, acreditando que nesse espaço poderia juntar o estudo da Educação ao da Antropologia, como havia proposto a professora Juraci Maia. Procurei o Professor Dr. Alcides Gussi,²⁹ componente do Eixo, para explicar a minha intenção em concorrer e entender melhor a dinâmica de estudos desse grupo de pesquisa. Entretanto, no ano em que iria tentar a seleção, ele estaria afastado para fazer um Estágio Pós-doutoral e não ofereceria vaga.

Reorganizei minhas intenções naquele momento e resolvi mesmo assim tentar a seleção para o Mestrado em Educação Brasileira na Linha de Sociologia e Filosofia da Educação, Eixo Antropologia da Educação. Já nos meus estudos da bibliografia da prova e do projeto de pesquisa, percebi que estava no caminho certo. A Antropologia me dava forças para continuar os estudos e tudo que estudava me proporcionava uma euforia e motivação, já que me identificava com os materiais lidos.

Estava feliz por voltar a estudar depois de algum tempo “parada”. Nesse misto de sentimentos, também tinha o medo e a dúvida em tentar a seleção para uma vaga sob a orientação da professora Bernadete Beserra, pois já tinha notícias do seu rigor e não me sentia à altura. Entretanto, encarei essa experiência e a vontade de buscar outros caminhos e experiências com a professora com quem não tivera contato anteriormente e que poderia, como a professora Juraci Maia, também apontar para os meus erros e potencialidades. Saberia que a seleção seria o teste de fogo e que se realmente eu tivesse capacidade de vivenciar essa experiência, passaria.

Entre no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira em 2016, integrando-me ao eixo de pesquisa em Antropologia da Educação sob a orientação da professora Bernadete Beserra, que já há alguns anos se dedicava aos estudos sobre o Ensino Superior. Como já mencionado, essa escolha se deu por uma vontade específica em aprofundar os estudos em Antropologia, já que iniciara uma pesquisa com jovens indígenas na graduação e gostaria de continuar estudando a temática, mas agora tendo como foco a educação escolar. Contudo, não imaginava naquele momento que iria mudar meu objeto de pesquisa.

²⁹ Esse professor já tinha passado pela minha vida acadêmica no Curso de Economia Doméstica, na disciplina de Políticas Públicas de Microcrédito, no seu primeiro ano de função na Universidade Federal do Ceará. E também, anos depois, trabalhei com ele em um Curso de Aperfeiçoamento em Direitos Humanos para professores do ensino básico, oferecido pelo Instituto UFC Virtual.

Em função de a pesquisa da professora da disciplina ser na área de Antropologia do ensino superior e de a formação do professor estar sempre presente nos exemplos e discussões em sala de aula, aos poucos fui me sentindo atraída para melhor compreender a formação pela qual eu também havia passado, alguns anos antes. Essa atração tinha a ver com as frustrações, sentimentos, enfim, tudo que vivenciara como aluna de graduação e, depois, como professora. A imersão nesse campo de pesquisa, cuja existência eu desconhecia, proporcionou uma vontade de entender um pouco mais sobre aquele espaço que proporcionou a minha formação docente. Aos poucos, por meio de leituras e de debates em sala de aula, comecei a utilizar as lentes sociológicas para entender a realidade. Foi nesse contexto que decidi mudar o tema do meu projeto de pesquisa, como já observado.

Diante de tudo que vivi no Ensino Superior e da minha vida pessoal, a partir de más experiências com alguns docentes, como foi dito anteriormente, me senti motivada a pesquisar a causa e as consequências dessas denúncias dos alunos ora mantidas em silêncio, ora tornando-se pública, expondo a instituição/professores e eles mesmos. O debate acadêmico dessa temática se faz importante para apontar um caminho que visa à qualidade do ensino e da relação professor-aluno nas instâncias superiores.

2.2 O reencontro com a Faculdade de Educação na Pós-graduação

Na primeira semana de aula no Mestrado em Educação Brasileira, participando do Seminário de Introdução à Pós-Graduação, voltei a me sentir estranha, ambígua em relação à minha escolha. Encontrava-me feliz pela conquista e pela nova experiência, mas também apreensiva ao me lembrar dos problemas enfrentados na graduação. Foram nesses dois dias de seminário que, a partir da programação e das falas de diversos professores do curso, entendi que estava retornando àquela realidade que percebo como desmotivadora.

Ao iniciar o curso do Mestrado, estava diante do incômodo da falta de transparência em relação aos aspectos administrativos da Pós-Graduação, como o acesso à informação e a falta de organização da Secretaria e da Coordenação. Já na graduação, escutávamos que existiam esses problemas principalmente em relação à seleção de bolsistas. Não existia um canal de diálogo eficiente da Comissão de Bolsas, que tem na sua composição professores, Coordenação e uma representação estudantil. Também os servidores da Coordenação não tinham informações suficientes, já que todo o processo ficava nas mãos do Coordenador.

Após idas e vindas à coordenação e à secretaria, diversos estudantes (entre eles, eu) que ainda estavam na lista de espera das bolsas, perceberam uma situação de descaso e desinformação. Celedônio expõe essa mesma situação na sua turma de Pós-Graduação:

Uma semana após a *Introdução ao Programa*, foram divulgados os nomes dos bolsistas contemplados na lista de discussão eletrônica dos alunos e o pedido de que providenciassem urgentemente a documentação necessária para implantar as bolsas. Poucos dias depois, foi postada a seguinte mensagem na referida lista: ‘Atenção, ‘famosa e escondida’ comissão de bolsas, enviei os documentos que faltavam e gostaria de saber minha atual situação no ‘ranking’ de espera. Enviei uns e-mails e não obtive resposta. Como vocês não têm um lugar fixo onde possamos encontrá-los, solicito novamente a informação via e-mail. Abraços!!!’ (CELEDÔNIO, 2015 p.29)

Na sua dissertação sobre a Pós-Graduação da Faculdade de Educação, identifiquei várias situações já relatadas por estudantes na graduação e pós-graduação, de problemas referentes à seleção das bolsas. Esse estranhamento da forma como a instância administrativa lidava com essa questão, era evidenciado principalmente por alunos da graduação que questionavam os entraves da graduação e alunos oriundos de outra graduação e/ou até mesmo que já teria passado por outra Pós-Graduação. Esses estudantes, oriundos da graduação em Pedagogia da UFC e de outros cursos, encontravam-se cansados da incerteza e da inconsistência das informações.

Diferente do silêncio que me abateu em relação às problemáticas quando fiz a minha graduação, resolvi incentivar os colegas a realizarmos algum tipo de documento denunciando essa realidade cobrando um melhor funcionamento daquele serviço público e, portanto, resolvemos organizar uma carta de questionamentos em relação a essa seleção e ao funcionamento das instâncias administrativas da Secretaria e da Coordenação da Pós-Graduação em Educação da UFC. Como sabíamos da falta de clareza daquela instituição, estávamos dispostos a enfrentar as relações de poder e até ir às últimas consequências como, por exemplo, tornar público essa carta ou levar esses questionamentos e denúncias para a instância administrativa que era a ouvidoria. Em seguida, apresentamos o documento com os questionamentos na reunião do Coletivo da Pós-Graduação e do Colegiado da Pós-Graduação da FACED.

A partir dessa experiência, pude perceber como a cultura institucional da FACED³⁰, que predominava na graduação, estava também presente, e talvez, com ainda mais

³⁰ Considerável parte dos professores não lida bem com a avaliação das suas práticas em sala de aula e fora dela quando se trata da gestão da faculdade. E como forma de inibir essa crítica utilizam ações “intimidadoras”, seja

força, na Pós-Graduação. Nas reuniões em que participamos, eram nítidos em seus discursos, gestos e expressões quais eram os professores que desaprovavam e aprovavam esse momento de questionamentos. E fora dali, em outros espaços da universidade, existia uma tentativa “sutil” de intimidação através de “brincadeiras”. Quando finalizamos a reunião, segui para a cantina para esperar meus colegas e fiquei sentada em uma mesa bem próxima ao balcão do estabelecimento vendo algumas mensagens no celular. Percebi que o Professor Dário³¹ estava tomando um café de costas para mim. Continuei no que estava fazendo. Então, a professora Estela se aproximou dele e disse que estava cansada dessas besteiras dos estudantes. Ele, meio constrangido porque percebeu que eu estava ali, “deu um toque” para que ela parasse de falar. Percebendo a minha presença, eles mudaram de assunto e começaram a conversar sobre outro tema. Quando terminaram a conversa, ele veio ao meu encontro e em tom de “brincadeira”, como sempre faz para falar e fortalecer algumas verdades ou culturas, disse: “Cuidado com o que fala menina”. E riu. Imediatamente fiquei séria e disse que temos o direito de questionar os serviços públicos se os mesmos não são bem executados. Ele ficou sério e se despediu.

Continuei ali incomodada e com raiva por ter vivenciado essa situação, principalmente porque esses professores que estavam na conversa, na teoria, passavam a imagem de “progressistas” e/ou de “esquerda”, mas na prática em várias situações ligadas aos espaços de decisão administrativa da universidade, tinham uma postura totalmente oposta, repressora e contraditória, como alguns alunos já haviam me relatado. Depois de definir o meu objeto de estudo, percebi que aquela situação que vivenciei poderia se configurar como uma forma de intimidação e um artifício para jogar o jogo da hierarquia e fazer com que o aluno não faça críticas ao funcionamento da instituição. Professor Dário estava utilizando sua posição de poder, além da poder simbólico de ser homem, para intimidar o posicionamento de uma aluna.

A impressão que eu tinha é que os professores não estavam preparados para a crítica da sua docência, algo fragrantemente visível e comentado pelos alunos em praticamente todas as disciplinas cursadas. Isso tornava a crítica ou denúncia mal vista pela maioria dos professores, servidores e gestão da Faculdade. Nunca enxergavam na crítica a oportunidade de melhorar a qualidade dos serviços oferecidos, apenas a viam como negativa, como uma espécie de ofensa moral e pessoal e não como um espaço fundamental para a produção do conhecimento, inclusive, parte constituinte do processo de avaliação no setor público – no caso, na universidade. Essa forma de atuação dos professores está dentro do contexto cultural do mito da brasilidade e tem como consequência o mito da cordialidade: Após uma profunda crítica das interpretações mais conhecidas do Brasil (particularmente as de

em forma de brincadeiras ou num diálogo em que utiliza da sua posição de poder. Isso contribui para que o aluno silencie e não questione mais.

³¹ Utilizo nomes fictícios durante o trabalho para preservar a identidade dos envolvidos.

Sérgio Buarque de Holanda e Roberto da Matta) que, de acordo com ele, são tão ideológicas quanto a própria realidade que se referem, e após apresentar as bases para uma análise sociológica do que chama modernidade periférica, ele demonstra que o maior sucesso do mito da brasilidade reside numa das principais consequências do mito da cordialidade, qual seja “a aversão a toda forma de explicação de conflito e de crítica (SOUZA apud BESERRA; LAVERGNE 2018 p. 42) (grifo meu).

Enxergar essa cultura em uma Faculdade de Educação trazia-me um incômodo e desestímulo em relação à profissão, pois era nesse espaço que se deveria exercitar a avaliação para formar docentes qualificados e capazes de lidar com essas e outras situações em sala de aula. Esse mal-estar em relação à falta de crítica e avaliação, já advinha de outros espaços para além da universidade e fazia-me por vezes desconfiar se o problema não estaria na minha forma de lidar com essas situações. Todavia, o estudo antropológico ajudou-me a entender que essa forma de lidar culturalmente com a crítica está ligada a aspectos culturais da formação da sociedade e do Estado Brasileiro como apontam Beserra e Lavergne.

Desse modo, portanto, fazendo todos os insatisfeitos e /ou injustiçados crerem que não são suficientemente brasileiros (ou que têm algo de errado, são chatos ou mal-amados), o mito da cordialidade, e não apenas o da democracia racial, que é apenas um sub-produto dele, dificulta enormemente a manifestação do conflito e impede que os desconfortos e mal-estares frutos das relações sociais sejam resolvidos coletivamente. Ao contrário, o mito da cordialidade leva a todos a crer que o problema está sempre no indivíduo, nunca nas relações que o maltratam. Desse modo, as energias sempre são desperdiçadas na direção errada, contra si próprios. Ou, ao contrário, igualmente ineficiente, as reclamações ou queixas são dirigidas contra um Estado idealizado, visto abstratamente sempre como patrimonialista, corrupto e eterno. Um Estado que nunca é visto através das instituições que o fazem cotidianamente, como escola, a justiça, a saúde, etc. É isto, portanto, o que há de mais particular, único, no mito da brasilidade: o brasileiro que é realmente brasileiro não reclama, vive a vida, aproveita o sol que, inclusive, brilha para todos. (BESERRA; LAVERGNE, 2018, p. 42)

Essa situação apontava para diversas reflexões, mas mostrava, por exemplo, a falta de clareza (e de preparo) da maioria daqueles professores para o desafio da formação docente. A consequência mais imediata desse tipo de comportamento é a qualidade da formação, o despreparo do pedagogo ali formado para atuar no magistério, com todos os desafios que ele apresenta no país.

Diante dessa realidade, nós, estudantes, contávamos com poucos professores que lidavam bem com as críticas e que as entendiam como parte do processo de formação e avaliação. Com tantos casos relatados de falta de compromisso docente e coações por meio de denúncias de possíveis casos de assédio moral e/ou sexual, cada vez mais aumentava o nosso descrédito nas instâncias administrativas que lidavam com a denúncia e a queixa.

Entretanto, continuamos essa pressão e conseguimos obter respostas e espaços por meio de reuniões com a coordenação, apesar de nem todos os esclarecimentos terem sido oferecidos. Como resultado desse processo, conseguimos: espaço para a representação estudantil em locais de decisão da Pós-Graduação, no qual sugerimos mecanismos mais transparentes no processo de seleção das bolsas e na publicação de informações com mais acessibilidade aos estudantes, por meio de e-mails, além da utilização em mural; espaço no Seminário de Introdução para debatermos demandas estudantis com a turma de 2017 e reativação da sala de estudo com computadores e mesas. Esse resultado pode ser encarado como uma conquista dessa relação de poder? Uma melhora na relação estudante-professor? Ou uma compensação para “calar” os denunciadores?

Nessa experiência, aprendi que o silêncio pode ser quebrado com a organização estudantil, porém não é suficiente para superar essa política dos professores que não querem ser avaliados e muito menos tornar as informações transparentes. Mostrou igualmente que os estudantes também fazem parte do jogo do poder, mas qual o limite desse poder? Como essas relações de poder podem contribuir para um ambiente cidadão e de reflexividade docente para a transformação da educação? De novo, afirmo que esses questionamentos e denúncias de irregularidades não foram levados das instâncias da FAGED-UFC para a Ouvidoria da Universidade, Ministério Público Federal, etc., o que despertou a minha curiosidade e, mais à frente, seria meu objeto de estudo.

No primeiro semestre da pós-graduação, não pude fazer a disciplina obrigatória do primeiro semestre, chamada Educação Brasileira, pois estava trabalhando ainda em uma escola particular. Não tinha bolsa e, por esse motivo, tinha que trabalhar, o que deixava meu tempo limitado para dedicar-me aos estudos da pós-graduação. Por isso, dediquei-me somente às reuniões e às disciplinas do eixo de Antropologia da Educação. Naquele momento, entendi que o Mestrado seria diferente da graduação e que eu iria ter um aprendizado interessante, pois era desafiada a todo o momento à leitura e à escrita crítica. Não estava acostumada com essas exigências e tive dificuldade em me adaptar, já que durante a minha graduação, passei por poucos momentos assim.

Com os estudos principalmente de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron³², pude compreender a minha realidade estudantil e o meu lugar social. E também compreendi como a sociedade dominante se apropriava do sistema educacional para ser reproduzido na escola, isto quer dizer, na minha atuação enquanto professora do Ensino Básico, numa escola

³² Com os estudos dos livros: A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino e Os Herdeiros: Os estudantes e a Cultura.

particular, estava participando dessa reprodução.

De acordo com Beserra, sobre o aprendizado com o Bourdieu:

O que queria que eles aprendessem com Bourdieu? Queria que “caíssem na real” em relação aos seus sonhos e fantasias sobre a universidade. Mas queria também que, conhecendo cada um os limites da sua posição social, pudessem fazer cálculos mais realistas e, inclusive sonhas sonhos mais altos, mais desafiadores, porém, melhor ancorados. Está seria a lição mais prática. (BESERRA, 2017 p. 147)

Todas essas revelações, no primeiro momento, trouxeram bastante angústia e tristeza, contudo, posteriormente, me fortaleceram enquanto estudante, pesquisadora e professora.

No primeiro semestre de 2016,³³ retornei à graduação, mas dessa vez como aluna da disciplina de Docência do Ensino Superior, estagiando na disciplina de Antropologia da Educação, oferecida aos alunos do terceiro semestre pela professora Bernadete Beserra. Desta vez, já observava a Faculdade com outros olhos, de pesquisadora em formação e professora estagiária/assistente.

Dessa forma, cheguei à primeira aula da disciplina. Cheguei um pouco mais cedo e entrei na sala para aguardar os alunos e a professora. Os poucos alunos que chegavam não sabiam que eu estaria auxiliando a disciplina e escutei alguns comentários temerosos sobre a professora como, por exemplo: “dizem que ela é meio carrasca, né?” Continuei quieta e esperando a aula começar. Interessante perceber que nesse dia cheguei às 6h45 e na Faculdade não tinha quase ninguém. No horário oficial, as aulas deveriam começar às 7h00, mas como cultura institucional pré-estabelecida, nunca começava esse horário. A aula iniciou às 7h30 em ponto e a professora começou a explicar a metodologia da disciplina e me apresentou como sua auxiliar naquele semestre. Durante todas as aulas, tomei nota de cada detalhe: as expressões, as conversas informais, a entrada/saída dos alunos, o comportamento dos alunos e da professora, a forma como os conteúdos eram aplicados. Enfim, todos os aspectos de uma pesquisa de campo antropológica³⁴ que não percebia quando era uma aluna do curso. Enquanto aluna da graduação, não tinha o capital cultural necessário para observar e avaliar as relações de poder naquela unidade acadêmica. O despertar para a pesquisa antropológica e o período de docência no Ensino Básico me proporcionaram um novo olhar sobre aquela

³³ Nesse mesmo semestre participava de outra disciplina obrigatória da Linha de Pesquisa Sociologia e Filosofia da Educação na Pós-Graduação chamada “Neoliberalismo e Educação” com os professores Sylvio Gadelha e Hildemar, os estudos bem orientados ajudaram a completar as impressões desse estágio.

³⁴ O trabalho de campo na antropologia sugere uma imersão na realidade pesquisada observando as relações sociais, gestos, expressões, disposição do espaço, narrativas.

realidade. Naquele momento, ao mesmo tempo em que era aluna da Pós-Graduação e estava naquele espaço para aprender a didática docente, também era pesquisadora. Essas duas funções misturavam-se e se complementavam.

Nas primeiras aulas, ficou claro que esse espaço de formação docente estava me chamando atenção porque as frustrações, sentimentos, incapacidades, potencialidades – enfim tudo que vivenciara até aquele momento, enquanto aluna da graduação, e, depois, como professora – mostravam-se imbuídas de sentido e de necessidade em investigar e conhecer mais o que aquele espaço realmente significa para a educação cearense e brasileira. A imersão nesse campo de pesquisa, que não sabia que existia, proporcionou uma vontade de entender um pouco mais sobre aquele espaço que proporcionou a minha formação docente. Quer dizer, por meio das leituras, aulas e debates, estava adquirindo lentes sociológicas para entender a realidade. Com isso, diversos questionamentos³⁵ foram realizados durante essa experiência e, embora não sejam investigados neste estudo, merecem ser listados: como a FACED está formando professores para lidar com a diferença? Qual a visão de ensino e aprendizagem da instituição? Por que existia o medo da fala na disciplina? Por que existia o medo de ser avaliado?

Decidida a mudar o tema do projeto, tive dificuldade para escolher o objeto de estudo porque a cada aula surgiam novas perguntas que gostaria de investigar e, como estava aprendendo a fazer pesquisa como antropóloga da educação, as leituras e conversas com a orientadora foram sendo amadurecidas até encontrar o que realmente sentia necessidade de ser pesquisado.

O período de dúvida e hesitação entre tantos temas terminou quando, de certo modo, fui “fiscada” pelo meu “objeto de estudo” na aula de Antropologia da Educação do dia 31 de Maio de 2017. Essa aula tinha o objetivo de discutir o artigo “Etnografando a sala de aula: contribuições da antropologia à formação de professores” (BESERRA; LAVERGNE, 2015). Como de costume, a professora iniciou a aula fazendo perguntas para promover o debate sobre o texto, porém, diferentemente das outras aulas, a turma estava com dificuldades em iniciar a discussão. Logo ficou evidente que a inibição não era motivada pela dificuldade de compreensão do texto, já que este possuía uma linguagem bem compreensível e tratava da realidade que todos vivenciavam naquela Faculdade. Aos poucos, mais confiantes, e inspirados pelo artigo, os alunos descreveram diversas situações constrangedoras que

³⁵ Enfim, foram inúmeros os questionamentos no decorrer dos meus estudos na Pós-Graduação, parte deles surgindo da leitura de autores que trabalham antropologia da Educação, da pesquisa da minha orientadora sobre o Ensino Superior e das monografias e dissertações do nosso grupo de pesquisa.

vivenciavam no curso. Entretanto, uma narrativa chamou-me atenção, já que era o que mais os incomodava naquele momento. Havia um “movimento” para denunciar uma professora por assédio moral e a apreensão para discutir o artigo estava relacionada com isso. Senti-me sensibilizada com a situação e procurei buscar mais informações sobre o caso. Nesse mesmo dia, a partir de conversas informais, soube que haveria uma reunião no Centro Acadêmico Paulo Freire, logo após a aula, para tratar do assunto.

Durante o debate, os alunos estavam com os rostos assustados e envergonhados, alguns com as pernas balançando como se tivessem ansiosos e /ou nervosos. Mesmo diante dessa realidade, a professora continuou a falar e questionou se a dificuldade em iniciar o debate devia-se ao fato do texto ser confuso. A aluna Dora pediu a palavra e falou que o texto não era confuso: “O texto é tão claro, tão claro, que tive dificuldade de escrever sobre ele. O texto fala sobre a formação do Pedagogo dentro da Universidade. É a nossa prática, e um texto que fale da gente é muito mais difícil de... Eu não sei explicar!”.

A turma, no decorrer do debate, conseguiu se soltar, apontar os elementos do texto que traziam mais inquietações e questionamentos e expor o que mais os incomodava naquele momento. A aluna Renata expõe também sobre os motivos da dificuldade de falar sobre o tema: “A dificuldade de falar de uma coisa que é mais próxima da gente é bem maior e a gente está se vendo nessa dificuldade. É uma realidade muito presente pra gente, então é muito difícil da gente conseguir externar isso. Falar sobre! Então, a gente se identifica com o texto também.”.

A intimidação da turma relacionava-se à familiaridade que tinham com os problemas do curso de graduação discutidos no artigo. E a política do silenciamento, a que eles estavam acostumados em outras disciplinas, proporcionava-lhes medo, pois essa realidade faz com que os estudantes não critiquem ou não denunciem, causando uma desmobilização em torno das problemáticas.

Outras narrativas também apontam para os efeitos do texto estudado na vida desses estudantes, como a aluna Maria evidencia: “O que é mais engraçado é que não enxergávamos essa realidade e com o texto fica muito claro tudo o que vivenciamos aqui.”. Como o artigo trazia o aprendizado dos alunos numa disciplina de Antropologia da Educação de um curso de Pedagogia de uma universidade pública, os relatos dos estudantes e as reflexões no texto eram próximos da realidade dos alunos da disciplina. E a pesquisa etnográfica proposta pelos autores proporcionava essas reflexões no pesquisador e pesquisado:

É na sua prática que emergem todos os sentimentos e questionamentos que precisam ser trabalhados, compreendidos e respondidos para que se inicie a conversão a esta forma particular de enxergar o mundo e a si próprio. É durante seu percurso que os conceitos básicos da disciplina começam a fazer sentido, a ser praticados à semelhança do aprendizado de uma língua estrangeira onde nada substitui o contato com o “nativo”. Em síntese, para ela, a pesquisa etnográfica oferece a oportunidade de se experimentar, na “própria pele”, o desafio da relativização e todas as frustrações, alegrias e angústias que emergem do encontro com o “diferente”, mas também, e principalmente, do encontro consigo próprio. (POWERDERMAKER apud BESERRA e LAVERGNE, 2015 p. 4).

A partir da realidade vivida na Graduação pude perceber que existem semelhanças da cultura institucional na Pós-Graduação, afinal, os dois cursos fazem parte da mesma Faculdade e os professores são os mesmos. Posteriormente, analisarei quem são esses nativos da pesquisa para entender de onde eles vêm e, assim, identificar entre eles e eu semelhanças e diferenças nas narrativas da sua origem familiar e sua vivência universitária. A partir das histórias, elucidaremos os relatos das denúncias.

2.3 Quem eles são? E quais suas denúncias?

Nesse capítulo, pretendo mostrar quem são os nativos desta pesquisa³⁶ e quais as denúncias que eles relataram sobre professores. A partir das suas narrativas, identificarei que tipo de denúncia ela pode ser classificada de acordo com a bibliografia trabalhada neste estudo, além de fazer uma relação das suas semelhanças e diferenças sobre nós (eu nativo e eles nativos) e os “outros” situações levantadas em outros estudos sobre o tema. Como afirmei anteriormente, entrevistei seis alunos entre os envolvidos na trajetória da denúncia pública (será explicitada posteriormente) e outros alunos que me foram indicados ou que me procuraram para relatar denúncias realizadas durante a graduação. A maioria dessas denúncias nunca chegou aos meios institucionais da universidade e foram mantidas em silêncio por um período considerável até o momento desta pesquisa.

2.3.1 Caso 1: Renata e sua vontade de entrar na pós-graduação da faculdade

A história de Renata chegou até mim de forma interessante. Estava participando da seleção de Mestrado no primeiro semestre de 2016 e ao término da prova tinha combinado

³⁶ Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade do entrevistado.

com alguns amigos de nos encontrarmos no Cantinho Acadêmico³⁷ para tomarmos uma cerveja e comentar como foram as questões e o desempenho de cada um. Após algum tempo, um amigo que estava comigo comentou que tinha ido fumar um cigarro e uma amiga que ele conhecia da Graduação tinha passado muito assustada, pois tinha acabado de sofrer uma situação constrangedora com um professor ali próximo. Ele não entrou em detalhes, mas disse que foi bem impactante. Fiquei muito indignada, como sempre fico quando escuto relatos desse tipo, ainda mais vindo de uma relação aluno-professor.

Com o início do meu estudo, lembrei-me desse comentário do meu amigo no bar e procurei essa ex-aluna. Conversei com ela sobre a minha pesquisa e ela se prontificou a participar da entrevista. Marcamos um local à noite no bosque da Universidade Federal do Ceará e deixei-a bem confortável para falar, pois sabia como era difícil compartilhar esse tipo de narrativa para quem sofre algum abuso. No início conversamos um pouco novamente sobre a pesquisa e perguntei sobre a sua vida, o que estava fazendo atualmente e como foi a sua busca pelo curso de Pedagogia. Após essa conversa, ela iniciou sua narrativa sobre a sua denúncia contra o professor que a constrangeu.

Renata foi aluna de escola pública no Ensino Básico e Médio. É ex-aluna do curso de Pedagogia, tendo se formado no ano de 2016. Atualmente, está com 28 anos e atua como professora substituta da Prefeitura Municipal de Fortaleza. De acordo com sua narrativa, sua família é “de classe média para baixo”, quem sempre arcou com as despesas da casa foram seus avós maternos. Sua família é composta por ela, sua mãe e seus avós. Seu pai não tem o convívio com ela e o contato que mantiveram foi sempre através dos tribunais judiciais, pois ele pretendia tirar a pensão alimentícia dela. O pai é formado em Direito e Servidor da Guarda Municipal e sua mãe é manicure e vendedora autônoma. Os membros da sua família nuclear nunca passaram pela universidade, sendo ela a primeira. Eles moram em um bairro de classe média, mas “na área mais popular do bairro”.

A ex-aluna nunca teve a intenção de fazer Pedagogia, mas foi incentivada por sua mãe porque era um curso que tinha uma oferta grande de emprego e em faculdades particulares ela poderia pagar uma mensalidade baixa. Inicialmente, ela cursou Pedagogia em uma universidade particular e, posteriormente, passando no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) conseguiu uma transferência para Universidade Federal do Ceará. Durante o curso, ela se identificou com a profissão de professora e afirmou que a sua vida melhorou economicamente após sua formatura: “Com certeza, financeiramente melhorou... Eu não digo

³⁷ Cantinho Acadêmico é um bar que fica no Bairro Benfica, ao lado da Faculdade de Educação. É bastante frequentado por estudantes e professores universitários.

que tá maravilhoso porque não acho o meu salário justo, entendeu? Pelo tanto que me dediquei. Se fosse só uma renda lá em casa não daria. E culturalmente também, mas sempre eu fui uma pessoa curiosa.”.

A curiosidade para ela sempre foi motivadora nos seus estudos e por isso a sua identificação com a universidade e com a pesquisa acadêmica. O seu sonho, como afirma, é seguir a vida acadêmica, cursar Mestrado, Doutorado e fazer o caminho para tornar-se professora universitária. Renata afirma que a disciplina de Antropologia da Educação contribuiu para que a sua vontade de seguir a pesquisa acadêmica no futuro:

“Mas, assim foi uma disciplina muito boa pra mim. Foi muito puxada, mas eu tirei até nota boa e eu pensei: ‘meu deus, se a Bernadete me deu nota boa é porque tá dando certo’. Eu melhorei muito na escrita acadêmica porque a Bernadete, ela puxa muito isso de produção e com certeza muda bastante. É uma disciplina do começo do curso e você já tá bastante assustado. E eu sou estudante de escola pública e vim de escola pública e eu nunca tive esse negócio de ficar escrevendo e estudar para nada. Então, realmente, abriu os meus olhos e a partir daí, em outras disciplinas, eu fui me desenvolvendo muito mais e aumentou a minha vontade de entrar na área acadêmica.”

Essa fala da aluna mostra como um professor que utiliza a sua didática para fortalecer efetivamente a reflexividade docente contribui para a aprendizagem do aluno, além de melhorar a sua autoestima diante das suas dificuldades de aprendizagem, já que é oriunda da escola pública. Infelizmente, as deficiências de aprendizagem do ensino público ainda são uma realidade no Brasil.

No seu relato acerca da denúncia sobre a qual falarei a seguir, essa vontade de entrar na Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação é posta em xeque quando passa por uma situação constrangedora com um professor colaborador dessa mesma Pós-Graduação. Ao iniciar a narrativa da situação, Renata estava um pouco ofegante, mudando a sua fisionomia. Percebi que falar sobre isso era bem desconfortável para ela, pois era o momento de reviver aquela situação difícil. Para entender o contexto da situação, optei por utilizarmos integralmente a fala da aluna para compreendermos os detalhes do episódio:

“Eu tava próximo de apresentar o TCC e estava já com vontade de engatar no Mestrado, sabe? [...] A minha orientadora na época mudou porque tive que mudar o tema também e eu tava no embalo doida para entrar no mestrado. E aí, pensei: ‘vou tentar’ e comecei a conversar com os professores e ir para as reuniões de mestrado e as aulas assistindo com eles, entendeu? E aí, acabei me aproximando das pessoas, de alguns alunos e professores. [...] E aí, eu comecei a notar e a perceber que as atitudes de um dos professores que seria o professor da linha de pesquisa que eu quero, né? A linha de pesquisa de História do Ceará que é um assunto que me interessa muito, entendeu? E é tão pequeno o eixo que surge duas vagas em dois e dois anos e olhe lá. E aí, esse professor seria o meu orientador para o Mestrado,

entendeu? E acabamos nos aproximando para conversar sobre o assunto e como eu poderia tirar algo do meu TCC para encaixar na linha e fazer um projeto para tentar entrar. E aí, eu notei que ele tava com umas conversas assim... Mas, aí eu pensei 'ele brinca com todo mundo' e nem liguei não. E era umas liberdades e umas brincadeiras de como a gente fosse íntimo. Brincadeira assim que na fala a gente nota... E aí, pensei assim: 'Ele conversa com aquele ciclo de amizade ali'. E aí, pensei: 'Ah, deve ser normal!', e continuava as conversas normal. Aí, um certo dia estávamos saindo de um desses barzinhos... E aí, ele me ofereceu carona até a parada de ônibus. E aí, eu pensei: 'Beleza, porque para voltar a pé podia ser perigoso e tudo mais e não tenho veículo...', 'Aí, eu tá certo! Aí ele parou em frente a parada de ônibus e a gente o tempo todo conversando e tudo... Mas, aí ele e ficava diminuindo o meu trabalho: 'Ai! O seu TCC num tem nada a ver com a linha de pesquisa e num sei o que...'. Mas, eu falava: 'Não, mas é claro que tem, é só a gente ver por outro ângulo e tudo mais.' E aí, ele: 'Não, você estava muito cheia de si apresentando e se achando muito...' [...] E aí, ele continuou falando que eu estava muito besta no dia e com a cara muito fechada num sei o quê... E que a linha de pesquisa dele não servia e num sei o quê... Aí, eu falei: 'Não... A gente transforma aqui...'. E eu doída pela vaga para tentar me engajar naquele meio e para eu começar estudar especificamente para o mestrado. Aí ele pegou e... [Nesse momento, ela ficou bastante desconfortável em falar, dava para perceber na expressão da entrevistada]. Eu tô tentando me lembrar da situação porque foi tão traumatizante... Eu fiquei três dias sem cair a ficha, sabe? Eu fiquei assim sem noção... Cara, como eu vou aparecer de novo para assistir aula lá e ir para as reuniões do mestrado e ter que olhar para a cara dele de novo. Como é que eu devo agir, entendeu? E ele diminuindo a minha pesquisa, entendeu? Falando que aquilo não bastava e não cabia meio que... Como se ele tivesse oferecendo a vaga de outras maneiras, entendeu? Ele falava: 'Não... Tipo a sua linha de pesquisa não cabe aqui, mas... Se a gente, né? Ajeitar e num sei o que... Mas...' (Suspiro da entrevistada) Dizendo que era muito difícil passar no mestrado e aquela coisa toda. Aí, eu comecei a notar e, num sei se eu devo estar julgando errado ou não, que aquela linha de pesquisa oitenta por cento era mulheres, certo? Eu não tô dizendo nem insinuando... Até tô! Nossa, tantas mulheres estão nessa linha e será que aconteceu isso com elas também? Entendeu? Será que meio que oferece uma maneira de facilitar a sua entrada... Sendo que não sei se existe isso mesmo, entendeu? Ou é papo só para ele levar no papo e você dizer que passou por causa da 'ajudinha' dele, entendeu? E aí, eu fiquei assim não, mas... Ele conversando as coisas: 'Eu não sei se você vai entrar porque é difícil e não sei o quê, mas eu posso lhe ajudar e não sei o quê...' Aí, começou a se aproximar muito... E eu falando: Eu quero passar no mestrado por mérito meu porque eu sei estudar eu tenho capacidade de passar, entendeu? Aí... [Suspiro da aluna] Eu sei que... Eu já estava chateada com esse assunto. E para finalizar a conversa ele disse: 'Pois, então a gente vê e conversa e não sei o quê...' E aí, ele me pegou e me puxou dentro do carro. Ele me puxou e tipo me puxou mesmo me segurando e segurando a minha cabeça e forçando um beijo, entendeu? Passando a língua na minha cara e me puxando tentando me beijar de toda a forma e eu tentando me empurrar, mas eu não estava conseguindo porque ele estava me abafando o meu rosto com o rosto dele. Foi horrível! [Tremor na voz da aluna] Eu só conseguia tentar empurrar e o carro fechado com os vidros fechados. E aí, ele me empurrou assim assustando tipo 'valha...' Ele não entendeu porque eu estava rejeitando ele. Aí, eu falei: 'Você tá ficando doido, né? Por que tu fez isso?' Ele falou: 'Não, eu pensava que você queria alguma coisa...' Tipo assim, eu pensava que você queria o mestrado. Foi isso que eu entendi... Eu falei: 'Mas, em momento algum eu lhe dei cabimento de me agarrar dessa maneira.' Porque realmente ele me forçou, entendeu? E aí, ele falou: 'Não, mas agora eu tô é com medo de ti.' E aí não sei se ele falou que estava com medo de mim porque achou que iria denunciar ele e tal... Mas, eu fiquei assim. Três dias depois, quando caiu a ficha, foi que eu contei com detalhes para um amigo. E aí, esse meu amigo que eu desabafei disse: 'Renata, tu tem que denunciar, isso!' Mas, eu não tenho prova e ele é um pós-doutor e tá próximo de se aposentar, entendeu? Quem vai ter credibilidade em mim... Vão achar que... Não sei! Eu fiquei morrendo de medo! Tipo, imaginei que as pessoas iriam dizer que a errada sou eu que estava num barzinho com o professor com aquele

grupo tentando alguma coisa e me aproximando... E eu fiquei com medo de me interpretarem mal. Embora, eu não tenha dado liberdade a ele. Aí, antes disso em outras conversas com ele. Ele comentando: ‘às vezes, o pessoal vai fazer reunião lá em casa e a gente bebe num sei o quê e no final ficava todo mundo com todo mundo...’ E aí, ele insinuou que todo mundo fica com todo mundo. Aí eu falei: ‘Ahhh... Tipo é desse jeito! Vixe! E vocês num ambiente de trabalho e de estudo vocês conseguem...’ Ele falou: ‘Não, é muito bom e tudo mais.’ Esse comentário foi feito no dia que aconteceu inclusive, entendeu? Mas, enfim como eu estava lá com eles e tudo eu continuei, né? E aí aconteceu isso, mas eu não consegui denunciar. Eu acreditava que ninguém iria acreditar em mim. Porque coitada: eu me formando agora e eu ia denunciar uma pessoa que tem credibilidade na casa, entendeu? [Suspiro da aluna]”

O relato tinha uma carga emocional intensa, pois como Renata falou ‘foi muito traumatizante’. O episódio mexeu tanto com a vida da aluna que, no objetivo de apagar o que aconteceu, ela esqueceu o nome do professor de que falava e só a partir de uma pesquisa para saber quem foi à banca examinadora do seu TCC, e com os detalhes que me passou de sua trajetória acadêmica, identifiquei o professor. Ele é um Pós-Doutor, professor de uma Universidade Estadual e está como colaborador do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará. Percebemos que essa situação é caracterizada como assédio sexual, pois o professor utilizou de sua posição para intimidar a aluna para obter vantagens afetivas, que não foram consentidas por ela. De acordo com (Freitas, 2001, p 13 e 15), essas situações acontecem nas organizações porque a cultura brasileira é sexualizada e elas não escapam desse contexto. E algumas profissões alimentam esse “imaginário coletivo”, no caso “professor e aluna”. Essa subjetividade cultural é naturalizada esses tipos de casos nas universidades.

O acontecimento trouxe como consequência o medo e a repulsa à Universidade, devido ao espaço onde o professor transitava, portanto, a associação ao assédio tornou-se inevitável. Além da capacidade de por em dúvida si mesma, questionando se realmente essa situação teria acontecido. “Eu fiquei assim totalmente sem ação da vida. Eu pensava... Será que eu sonhei isso? Será que eu tô doida?”.

A consequência mais séria de acordo com a aluna foi ter que adiar seu sonho de entrar no Mestrado, pois ela perdeu o ânimo de estudar para entrar no programa e sente medo de voltar ao espaço e encontrar o professor: “Eu não consegui mais estudar para o mestrado. Eu tô adiando isso e cada ano eu digo: Ano que vem eu tento. Ano que vem eu tento! Mas, eu não consigo porque tenho medo de chegar aqui esbarrar com a criatura, entendeu?” (Suspiro)

A denúncia às vias institucionais não aconteceu porque Renata não tinha provas do ocorrido e achou que por o professor estar em uma posição de poder superior ela não teria

chance de ter medidas cabíveis contra ele. De vítima, ela seria a vilã, pois o status profissional e as relações sociais dele eram maiores do que os dela dentro da instituição. Achou melhor se afastar da instituição e adiar o seu sonho. Percebemos nesse exemplo que a diferença hierárquica entre professor a aluna(o) favorece a cultura do silêncio. Para além disso, o poder institucional do professor provém, em parte, de suas credenciais profissionais, que tem condições favoráveis a não ser questionado dentro da instituição. Se aberta uma sindicância, quem iria investigá-lo seriam seus pares; segundo o relato de Renata, os professores não iriam acreditar em uma estudante que, como prova da má conduta do denunciado, tinha apenas o seu próprio relato. Diante da emoção presente na fala e nas expressões da aluna, a entrevista por si só pode ser considerada uma denúncia legítima de abuso sexual, pois tem semelhanças com casos que acontecem em todos os setores da sociedade. Semelhanças encontradas no estudo realizado por Freitas, 2001 sobre assédio moral e sexual nas organizações: o agressor tem um poder social maior que a vítima, escolha de um local longe do público para realizar o abuso, utilizar o seu poder social para convencer a vítima a ter relações com ele. A vítima geralmente é mulher e nessa relação de poder tem um poder social menor diante do contexto, geralmente não tem provas do abuso sexual, as consequências são grandes na vida emocional e social da vítima.

Comparando a vivência estudantil com outro professor da instituição, percebemos como a forma como um docente pode lidar com o estudante pode fortalecer a autoestima de um estudante o fortalecendo seu processo de aprendizagem e contribuindo para ser um professor reflexivo e responsável ou numa experiência irresponsável da docência a sua autoestima pode ser quebrada trazendo consequências psicológicas e sociais drásticas.

Entretanto, na sua entrevista ela relata que ter passado por um abuso sexual também a ajudou a se fortalecer no seu local de trabalho atual: “Sou professora substituta da Prefeitura e na escola sofro muito assédio moral dos [professores] efetivos, mas eu não tô deixando porque a pessoa fala e eu rebato na hora. Não sei se até o caso me deixou um pouco mais forte para isso e de abrir meu olho. Meu Deus, porque na hora num tive uma ação de denunciar sabe?”

2.3.2 Caso 2: Juliana sua vontade de estudar e trabalhar e sua militância no movimento estudantil na Faculdade de Educação.

Juliana tem 29 anos, é ex-estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, sendo atualmente professora de universidade pública, atuando na área de educação. Estudei com ela e tínhamos afinidades sobre várias

concepções de mundo, mas éramos de semestres diferentes. Adiante das diversas conversas que tivemos durante a graduação e após o término do curso, sabia do seu envolvimento com o Movimento Estudantil no qual atuou por anos e também das situações constrangedoras que passou durante a Graduação e Pós-Graduação. Quando conversamos sobre o meu objeto de pesquisa, ela se prontificou a me conceder uma entrevista para falar sobre essas situações que de alguma forma interferiram na sua vida.

A estudante tem origem popular, estudou em escola pública a vida toda, sua mãe já foi empregada doméstica e atualmente trabalha como costureira. O seu pai é servidor público da Universidade Federal do Ceará, mas é separado da sua mãe e não tem muito convívio com ela. Também tem um irmão. Ela morou sempre em bairros populares e na época da graduação morava em Maracanaú, Região Metropolitana de Fortaleza. Na sua família, há uma prima materna que se formou em Física, terminou o Doutorado na área e hoje é professora. Na família paterna, há algumas pessoas que se formaram, todos nas áreas da licenciatura e, conseqüentemente, são professores.

Na sua narrativa, comentou que quando prestou vestibular para a Universidade Federal do Ceará não acreditava no seu potencial como estudante e quis escolher um curso com uma concorrência baixa e ao mesmo tempo em que se identificasse. Como gostava de ler e de estudar, ela achou que Biblioteconomia seria uma boa opção. Conseguiu passar no vestibular em 2007 e percebeu que o curso não tinha muito a ver com o seu interesse pela leitura e isso a desestimulou. Além disso, como se tratava de um curso de turno integral, ela não tinha condições financeiras para permanecer na universidade durante dois turnos e se alimentar ali, o que a motivou a abandonar o curso. Ainda conseguiu cursar quatro semestres, quando saiu o edital de mudança de curso e, de forma consciente, analisou várias opções e percebeu que o curso de Pedagogia tinha mais afinidade com suas escolhas, já que se interessou pela grade de disciplinas. O que também chamou a sua atenção é que só teria um turno em que ela teria que se deslocar para a universidade, contribuindo, assim, para conseguir um emprego ou bolsa que ajudasse na renda de casa. O seu sonho era conciliar o estudo com o trabalho a fim de ajudar sua família.

Conseguiu seu objetivo de mudar de curso e iniciou a graduação em Pedagogia em 2009, aproveitando algumas disciplinas da Biblioteconomia. Como não entrou por vestibular, ela não tinha turma fixa e sempre fez seus semestres com turmas diferentes. Por conta dessa dinâmica, ela começou a ter contato com alunos veteranos e como seu objetivo era conseguir alguma bolsa para ajudar na renda da família, foi pedindo para os alunos que soubessem de bolsas e editais a indicassem para realizar a seleção. Rapidamente, conseguiu

uma oportunidade de indicação para uma bolsa de pesquisa e foi nessa situação que aconteceu uma situação constrangedora que trouxe consequências em todo o curso. Utilizarei as palavras da estudante para explicar o acontecido:

“Quando a gente entra [na universidade] temos uma visão totalmente romantizada da universidade. E que os professores são deuses mesmo... Que eles sabem de tudo e a gente num sabe de nada. Que eles jamais cometeriam qualquer coisa nesse sentido de assédio. Porque é uma visão que temos bem heroica da universidade, como dos próprios professores. Eu pensei: [Daniel] ia me apresentar e tudo mais e iria ser legal. Aí eu jamais imaginei que alguma coisa nesse sentido pudesse acontecer. E eu demorei a compreender aquilo de uma forma de assédio mesmo. E eu só fui compreender quando eu estava no mestrado. Aí, a gente estava na cantina e o Daniel chamou o professor e me apresentou a ele. O professor pegou e olhou pra mim dos pés a cabeça e me chamou para uma sala que não tinha ninguém. E eu fui assim empolgada... Eita, que massa vai dar certo uma bolsa! Quando cheguei, ele começou a me explicar e o texto dele parecia uma coisa enrolada, sabe? Acho que ele não estava nem a fim de fazer aquilo ali. Começou a me explicar como era a bolsa e que era uma pesquisa relacionada à espiritualidade, arte e educação ambiental. Uma coisa que englobava tudo isso.. [...] A priori, eu achei muito massa porque como eu era espírita na época... Eu achei que inclusive a forma como ele lidando comigo, falando mais próximo e de uma forma mais carinhosa e não sei o quê... Eu pensei que isso era porque ele é um homem bom, um homem solícito, né? Um homem gentil. A religião acaba fazendo com que você aceite determinadas coisas como normais, mas enfim, eu nunca nem tinha visto ele na vida. Só nos corredores da universidade e nunca nem tinha conversado. E aí, ele foi falando muito perto e ele pegava muito em mim. E teve um momento dessa fala que foi mais crítico... Ele disse se eu quisesse mesmo a bolsa eu fosse no dia seguinte ou dois dias depois tal hora (que não vou me lembrar) na sala dele. Só que ele falou coisas desse tipo: Vou utilizar uns materiais e nesse horário é bom porque que não tem ninguém... Só que quando ele falou que não tem ninguém, ele falou pegando no meu braço e ele falou muito perto do meu rosto. E eu fiquei meio paralisada, entendeu? Será que eu estou entendendo o que é isso? Mas, eu pensei não ele só deve tá querendo mesmo que eu vá... Até porque o espiritismo tem essa coisa da gente não pensar mal dos outros. “Maldar” e etc. E eu fiquei nessa, mas estava extremamente constrangida porque não foi uma coisa formal... Ele falar que tem uns materiais da pesquisa para me mostrar e me aproximando de mim. Foi muito perto assim... Não sei te dizer quantos centímetros... Tipo olho no olho e ele quase encostou mesmo. O meu nariz ficou quase que encostando no dele. E eu fiquei extremamente constrangida e não soube o que fazer. Nos outros dias, eu fiquei num dilema, né? Porque eu queria muito a bolsa, mas aquela situação me deixou muito desconcertada porque eu não sabia se era mesmo uma bolsa ou que aquilo que tinha feito era insinuando algo. E como eu nunca tinha passado processo seletivo de bolsa, eu fiquei me perguntando: Será que os professores são assim? Aí me causou uma confusão e eu não fui por medo. Não consegui ir e fiquei me sentindo culpada por não ter ido, mas eu fiquei meio que imobilizada com a situação... Toda a vida que eu me lembrava da questão da bolsa da possibilidade de trabalhar com ele eu me lembrava dessa cena ele chegando bem pertinho e dizendo ‘a sala num vai ter ninguém e eu quero te mostrar os materiais’. No fim ele disse: ‘Vai lá, mas vá mesmo! Ele deu essa insistida. Vá num deixe de ir não!’ Ele tinha uma coisa também que era de apertar muito a minha cintura e aí quando eu fui embora ele pegou, né? Deu essa apertada também na hora de sair da sala. Então, sei que não fui no dia seguinte. Depois eu consegui um estágio, mas era um estágio bem precarizado mesmo. [...] Como eu consegui esse estágio pouco tempo depois eu não estava mais tão presente em todos os turnos e não via ele mais com tanta frequência... Só que quando ele me viu no corredor da pós, chegou com uma cara bem fechada. Acho que eu tinha aula em alguma sala lá em cima. Ele chegou e também chegou bem pertinho, mas só que com a cara de quem estava com raiva, né? Ele falou: ‘Olha, fiquei esperando, viu? Você não foi!’ E foi chegando

bem pertinho... E foi uma coisa... Meio... Eu fiquei intimidada. E falou como se tivesse dando uma bronca e dando carão só que foi de um jeito estranho... Também não foi normal. Ele disse que eu tinha sido irresponsável e não sei o quê. Falou: ‘Me indicaram seu nome e eu fiquei lhe esperando lá na sala e você não apareceu’. Eu meio que me fiz de doida. Falei: ‘Ai, professor não deu... Eu consegui um estágio e obrigada pela oportunidade’. E aí, eu acho que ele começou a notar que eu ficava desconfortável na presença dele e ele sempre dava um jeito de fazer alguma coisa para me deixar mais desconfortável ainda. Cansei de estar em algum corredor da FACED e ele passar e apertar a minha cintura com muita força. A última vez que ele fez isso, né? Foi quando ele passou e eu tinha conseguido uma bolsa de pesquisa e eu tava lá saindo de uma reunião. E eu tava com um vestido que tinha um negócio de amarrar e deixava a cintura marcada e tinha um laço atrás. Ele passou e eu tava lendo uma coisa no flanelógrafo e apertou bem forte a cintura... E falou olha parece um presentinho dá vontade de desembulhar o laço do vestido, né? Cara... Você congela! Você não sabe o que fazer porque é uma relação de poder ali, né? É o professor dá universidade e num sei o quê...”

A estudante afirma que as situações constrangedoras envolvendo esse professor começaram a cessar quando entrou no movimento estudantil, especificamente no Centro Acadêmico. A mudança na sua relação de poder com o professor mudou a conduta com a aluna. Ela passou de estudante para representante dos estudantes, quando entrou no Centro Acadêmico, mudando socialmente o seu status dentro do curso. Passando a ser uma voz mais efetiva entre os alunos e nos espaços de decisão do poder na Faculdade. Com essa mudança, o professor se afastou das investidas com medo de ser possivelmente denunciado e exposto dentro do seu local de trabalho, principalmente, porque ocupava um cargo de poder dentro da Universidade. Entretanto, mesmo com a sua participação no Movimento Estudantil que poderia dar subsídios para que a aluna se fortalecesse e denunciasse as investidas do professor, a denúncia foi mantida em silêncio. Juliana acredita que as situações constrangedoras que vivenciou com o professor foram assédio sexual.

De acordo com ela, somente no Mestrado ela entendeu que o que aconteceu na graduação “não foi uma situação normal”. Mesmo lembrando-se do constrangimento vivenciado, optou por não expor o caso e nem mesmo levar a denúncia às instâncias cabíveis da Universidade porque naquele momento ela estava preocupada com a disputa política que tinha da gestão do Centro Acadêmico contra a da Faculdade de Educação, pois eles discordavam da forma como a gestão da direção era conduzida. Também afirma que seria difícil provar porque não teria provas concretas das investidas. Além de que acredita que poderia ter sido “covarde” ao não querer enfrentar a situação na época... Como ela mesma comentou, foram investidas constrangedoras que a deixavam muito intimidada e naquele período não tinha um capital cultural suficiente para entender a situação, mas mesmo assim se sente culpada por não ter denunciado.

Juliana também expôs que vivenciou uma situação pontual com outro professor que também foi bastante constrangedora. O professor envolvido nesse outro episódio foi o mesmo envolvido no caso de suposto assédio sexual denunciado em 2017 por uma aluna e pelo Centro Acadêmico, resultando na Campanha #meuprofessorsecreto.

Um dia, ela dirigiu-se ao Auditório da Faculdade de Educação para assistir uma palestra sobre avaliação. Participou normalmente do evento, fez intervenção na palestra e como o evento foi longo, terminou um pouco tarde da noite. Na época, ela morava na Rua Marechal Deodoro com seu companheiro e ficou do lado de fora do auditório esperando que ele chegasse para pegá-la, já que tinha medo de voltar tarde para casa. Foi quando o professor Karev, que participou do evento, se aproximou e iniciou um diálogo com a aluna.

“E ele falou alguma coisa nesse sentido: Você tá indo embora agora? Eu respondi que sim. E ele disse: É bem esquisito, né? Bem perigoso... Eu respondi: É, mas eu tô acostumada eu moro aqui na Marechal e já conheço o pessoal. E na época não tava extremamente perigoso como tá hoje. E ele continuou: Eu nunca tinha te visto por aqui você. É muito bonita, viu? Tem certeza que não quer uma carona? (Eu nunca fui aluna dele) E ele chegou mais perto, né? Eu fiquei constrangida. Ele chegou com isso, né? E eu lembro que chegou outro estudante que ficou conversando com a gente e fiquei mais aliviada. E antes de eu ir embora ele reforçou: Tem certeza que não quer? E eu respondi tenho... Tenho certeza absoluta. E eu também nunca denunciei essa situação, mas foi constrangedor a forma como ele falou. Ofereceu carona condicionando a esse fator aí... E me olhou de uma forma ainda mais invasiva que o Dário. Eu tava com uma calça mais colada e ele olhou diretamente para o órgão sexual.”

Essa situação constrangedora é consequência de uma sociedade machista e de uma cultura brasileira bastante sexualizada, que mesmo estando dentro de espaços de construção do conhecimento, também não deixa de acontecer. Para a mulher, o convívio com esse tipo de assédio é cotidiano e, para sobreviver a uma sociedade machista, criam mecanismos para se proteger desses atos que atingem a sua liberdade de ser mulher e de não ser vista como objeto sexual. Na sua entrevista, afirma também que tinha outros professores que tinham olhares invasivos que constrangiam as alunas durante as aulas.

Esses dois casos relacionados à aluna, geraram consequências na sua relação com aquele local de aprendizagem. Afirma que, por ter vivenciado essas situações, achava que com todo professor do sexo masculino que se aproximasse dela iria acontecer a mesma coisa e começou a ter medo de ficar sozinha com docentes.

“Eu acho que eu transferi essa questão para o meu orientador, o Marcos. Tanto no TCC quanto no Mestrado e eu não tenho nada a reclamar dele. Ele sempre foi extremamente respeitador, mas toda vida que a gente tinha uma reunião de orientação eu ficava muito tensa. E acho que ele notava. Eu sempre buscava marcar reunião de orientação coletiva. Por exemplo, a Rejane ia ter orientação. Chamava-a

para ir ao mesmo dia e mesmo horário. Então, ele nunca fez nada nesse sentido. Nunquinha e jamais. “

A diferença da relação do exercício da docência com responsabilidade é clara nessa fala da estudante. A importância de ter um profissional que pratique com responsabilidade e respeito o ato de ensinar é fundamental para que se tenha um local de aprendizagem tranquilo e saudável para ambos os envolvidos, estudante e professor. Quando isso não acontece, como nos casos dos professores Dário e Karev, isso tem consequências ruins no ambiente universitário, constringendo mulheres e fazendo que o medo as acompanhe por todo o curso. Principalmente, motiva a não se ter confiança naquele espaço que eles acreditam ser isentos de que aconteça algo desse tipo.

Na sua narrativa, Juliana também destacou que durante a gestão do Centro Acadêmico e na Pós-Graduação sofreu retaliações, pois o grupo político de estudantes do qual fazia parte não concordava com a falta de transparência e com o autoritarismo da gestão que administrava a Faculdade de Educação. Ela afirma que sofreram assédio moral por conta da gestão, mas sempre enfrentavam os professores para combater essas retaliações, porém, enquanto Centro Acadêmico, nunca realizaram uma denúncia formal, como relata em um exemplo sobre essa afirmação:

“A gente tinha dificuldade de fazer qualquer evento, né? Porque sempre tinha um empecilho da gestão contra a gente. Mas, a gente não deixava de fazer porque precisávamos arrecadar dinheiro para ir aos eventos, para fazer semana de pedagogia gratuita. Esse tipo de coisa. E não me lembro se era semana de pedagogia ou o arraiá. A gente tentou fazer um dos dois eventos e aí o Roberto que era da gestão do CA tinha um filho e estava com três meses na época. E o filho sempre estava presente porque os pais estavam nos eventos e reuniões. Em uma das reuniões que a gente foi, o CA recebeu a notificação que ele e uma outra colega passariam por um processo administrativo porque ele tava com o menor de idade (um bebê) na faculdade de educação. A criança era filho deles. Mas, a estudante que recebeu a notificação junto com o Roberto num era mãe da criança e, detalhe, a mãe estava lá. Então, esse processo chegou nas reuniões de colegiado dizendo que o Roberto e a Olga passariam por esse processo administrativo pelo fato de estar com uma criança menor mais de dez horas da noite. Enfim, não foi para frente porque num tinha muito cabimento e não foi aprovado em reunião e a criança estava segura e com os pais. E isso foi discutido em uma reunião do conselho. E isso foi feito como forma de retaliação às coisas que criticávamos da gestão da faculdade porque eles não tinham permitido o evento, mas a gente fez mesmo assim. Como a gente fez alguns ao decorrer da gestão que foi de 2012 a 2013, e eles não permitiram algumas coisas e quando permitiam, eles embarreiravam.”

A primeira situação vivenciada por Juliana com o professor Dário na época foi mantida em silêncio por motivos já relatados por ela, mas com a criação da campanha #meuprofessorsecreto em 2017, sentiu-se a vontade de tornar pública na rede social do Facebook. No próximo capítulo, analisaremos a campanha. As outras situações também foram

mantidas em silêncio e nunca apresentou uma denúncia formal sobre elas. Compreendo que após a sua participação no movimento estudantil, ela conseguiu ter uma visão diferente daquilo que vivenciou com esses professores, mas não foi suficiente para que denunciasse formalmente eles. Nesse caso, ficam algumas reflexões sobre o silêncio da aluna: Não denunciou por não acreditar nas instâncias administrativas da Universidade? Por omissão? Ou esse silêncio é proporcionado pela falta de conhecimento sobre o que é assédio ou não, imobilizando o aluno a fazer a denúncia? Ou mesmo as relações de poder entre homens e mulheres na sociedade (o machismo) estão impregnadas culturalmente em todos os espaços que ainda imobilizam as ações das mulheres?

2.3.3 Caso 3: Frida e sua vontade de ser professora

Frida tem 19 anos e está cursando o 4º Semestre de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará. Ela cursou o ensino básico até o nono ano com bolsa em escola particular e no Ensino Médio perdeu a bolsa e foi para uma escola pública. Desde criança, sonhava em ser professora e no SISU escolheu Pedagogia para cursar. Sua classe social é baixa, tendo a renda de dois salários mínimos por mês, pois sua mãe é operadora de caixa de supermercado e seu pai Moto Táxi. Ela tem um irmão mais novo. Todos moram juntos na divisa do bairro Pici com o Henrique Jorge, porém os pais são separados. Isso aconteceu porque eles não têm como viver em casas separadas, já que não têm familiares em Fortaleza e são obrigados a viver na mesma casa. Por isso, a realidade afetiva da casa é bem complicada marcada por brigas e xingamentos, principalmente, por conta do pai, que não gosta de ver sua ex-mulher em outros relacionamentos. A estudante acredita que o curso de Pedagogia já está mudando sua vida social e culturalmente porque mudou muito sua concepção de mundo depois que entrou na universidade:

“Eu tinha a minha cabeça super conservadora por causa dos meus pais e eu era altamente homofóbica, machista e nojenta. Eu vejo várias publicações minhas antigas no Facebook e eu apago tudo porque acho nojento. E justamente por ter entrado aqui e tive contato com muitas pessoas e contato com o movimento estudantil. Enfim, várias coisas. E eu mudei meu pensamento e estou mudando. E isso é doloroso, se desprender do senso comum e de certa forma é um enfrentamento a minha vivência, aos meus pais e alguns pensamentos que eles passaram para mim.”

Eu a conheci na disciplina de Antropologia da Educação em que estagiei. Ela esteve envolvida em uma outra denúncia articulada por sua turma do terceiro semestre contra

um suposto assédio moral de outra professora da faculdade. À frente, tratarei mais sobre o caso, por enquanto, me aterei ao caso que ela tornou público na campanha “professor secreto” e a sua participação nos eventos mobilizados pelos estudantes e movimento estudantil. Sempre se colocando sobre o caso, chamou-me atenção e a procurei para perguntar se participaria da minha pesquisa. Prontamente, ela aceitou e ainda me enviou alguns prints de facebook da conversa com o professor denunciado.

A estudante relatou que estava no segundo semestre e fazia uma disciplina com Rafael, professor substituto na Faculdade de Educação. No início da disciplina, ela o achava democrático com os alunos, sempre fazendo um acordo de convivência sobre os horários e as avaliações, mas no decorrer do semestre ela e os alunos começaram a perceber uma mudança de posição nas suas atitudes e, segundo ela, constrangia alunos por chegarem atrasados e também nas avaliações não aceitava algumas respostas, pois queria exatamente como estava no texto.

“No começo da disciplina ele era bastante democrático. No primeiro dia, a gente até gostou porque ele fez uma votação no Sigaa para decidir o horário. E aí foi uma coisa muito tranquila... Até o segundo mês de aula era tudo muito tranquilo. E eu gostava bastante porque gosto muito do tema dessa disciplina, né? Mas, no decorrer quando vieram às avaliações a gente viu que ele era totalmente o oposto. Ele gostava muito de constranger o aluno que chegava atrasado. Ele não era flexível. Tinha aluna grávida na sala. Ele não entendia que ela chegava atrasada, entendeu? E tinha outra aluna, num sei se tu conhece a Rebeca? Ela descobriu que estava com um tumor na cabeça e então ela passou o semestre muito louca e ele não entendia.”

Devido aos vários atrasos que a aluna tinha porque ia deixar o irmão na escola, ela conversou bastante com o professor sobre isso para não sofrer esse tipo de constrangimento relatado por ela. Até entregou uma declaração da escola do irmão para explicar a situação e por isso ele não “implicava” com ela. A estudante acredita que por ter sido ensinada por sua família a ser gentil, sempre agiu assim com todas as pessoas e optou pelo diálogo para resolver tudo. Aconteceu também uma situação em que ela perdeu a sua garrafa e ele um dia apareceu usando-a. Quando percebeu que era dela, perguntou se a queria de voltar, mas ela não aceitou e pediu para que o professor ficasse. Frida acredita que por sua “gentileza” e “diálogo”, ele “amansou” com ela:

“E aí, tudo o pessoal pedia para que eu falasse com ele. E começamos a nos comunicar pela internet. (Facebook e whatsapp) Por exemplo, o pessoal precisava de computador e eu ia: Professor, boa tarde o pessoal vai precisar de computador e data-show amanhã. Tem como arrumar? As nossas conversas eram só isso. No último dia de aula, as minhas amigas começaram a fazer brincadeiras comigo porque ele amansava comigo. E aí ele percebia essas brincadeiras. E não sei se ele entendeu errado, eu não sei o que aconteceu... Acabou a disciplina e não nos falamos mais.”

Um certo dia, o professor veio puxar conversar com a aluna para perguntar sobre uma situação que estava sendo conversada no grupo de Facebook da disciplina. Nesse dia, não conversou nada demais, mas no outro dia, começou a fazer perguntas pessoais e ela achou estranho. Como ela se define como gentil, foi respondendo a conversa. Após a entrevista, a estudante disse que iria disponibilizar as cópias que fez do Facebook da conversa que teve com o professor. Entretanto, somente disponibilizou uma parte do diálogo, pois afirmou que não encontrou mais todas as imagens copiadas. A disponibilização da conversa foi interessante para mostrar a coragem da estudante em expor o caso, mas geralmente isso não acontece por medo de represálias ou por se expor dentro da instituição e ser mal interpretada pela sociedade. A cópia do início da conversa está abaixo. Os nomes foram modificados para manter o sigilo dos envolvidos.

Conversa entre o professor e a aluna através de uma rede social

1	Professor	Frida, tudo bem?
2	Aluna	Oi professor. Tudo bem e o senhor?
3	Professor	Sim, me diz uma coisa... Quem é o professor da folhinha que você comentou no Facebook da Ediane?
4	Aluna	Ah. KKK É o professor da quarta-feira.
5	Professor	Nem me chame de senhor, por favor. rrsrsrs. Sou tão jovem quanto você. E aí, o que uma moça como você faz numa sexta à noite? Já saiu hoje? Ou ainda vai sair?
6	Aluna	Eu? Nada.
7	Professor	Sair com o namorado?
8	Aluna	Não tenho namorado
9	Professor	Como assim?
10	Aluna	Não tenho namorado
11	Professor	Hum. rrsrsrs
12	Aluna	Não to entendendo os “rrsrsrs”.
13	Professor	Como está sendo as férias?
14	Aluna	Prof, tá sendo legal. Só em não ter que acordar as 5 da manhã já é ótimo.
15	Professor	Frida, por favor não me chame de professor. Estamos tendo uma conversa de amigos, descontraída.
16	Aluna	Prof, não consigo. Sempre me referi assim aos meus professores.
17	Professor	Frida, vou ser sincero com você não me leve a mal...
18	Aluna	?
19	Professor	Desde as nossas aulas que venho notando você.
20	Aluna	Não entendi.
21	Professor	És uma aluna esforçada e isso chamou atenção. Você tem quantos anos?
22	Aluna	18
23	Professor	Novinha. rrsrs
24	Aluna	Vou dormir. Boa noite!
25	Professor	Frida?

Fonte: Fortaleza. Informações recebidas na pesquisa através de entrevista, 2017.

Frida falou que as conversas continuaram ao longo dos dias e foram ficando mais íntimas por parte dele. Conforme iam avançando, ela ia se sentindo cada vez mais desconfortável. No outro dia, esse diálogo acima continuou. No seu relato, descreveu como continuou:

Conversa entre o professor e a aluna através de uma rede social

1	Professor	Já dá certo. Eu achava que você era mais velha.
2	Aluna	Você achava que tinha quantos anos?
3	Professor	21 anos.
4	Aluna	Eu até brinquei: Tá me chamando de velha?
5	Professor	Já namorei moças bem mais novas que você.
6	Aluna	Eu já fiquei assim: Meu deus, um cara daquela idade namorando menina com menos de 18 anos.
7	Professor	Já namorou?
8	Aluna	Já, mas não queria falar sobre isso.
9	Professor	Mas, fale... Num sei o quê. Fique normal...
10	Aluna	Por um ano.
11	Professor	Mas, vocês tiveram contatos íntimos?
12	Aluna	Professor, não quero falar sobre isso. É uma coisa muito pessoal.
13	Professor	Não, é só uma questão de curiosidade.
14	Aluna	Não quero falar sobre isso.
15	Professor	Se despediu de mim e deu Boa noite!

Fonte: Fortaleza. Informações recebidas na pesquisa através de entrevista, 2017.

Afirmou que depois dessa conversa ele ficou mandando diversas mensagens durante a semana como: “Bom dia, minha flor!” Muitas vezes, ela não respondia e se respondia, evitava continuar a conversa. Uma noite continuou a puxar assunto e perguntou se estava saindo com alguém. Respondeu que não e pensou: “Meu Deus, será que esse cara vai fazer isso?” Esse pensamento da aluna foi referente a achar que ele iria pedir para sair com ela. E foi exatamente o que aconteceu. Frida ficou bastante impactada com esse diálogo, principalmente, porque não gostava do modo com ele tratou os alunos durante o semestre e todas as tensões que ele proporcionou para todos.

Conversa entre o professor e a aluna através de uma rede social

16	Professor	Ai, Frida eu tenho um interesse muito grande em você. E eu gostaria de saber se você quer sair comigo?
17	Aluna	Não quero porque não gosto de você.
18	Professor	Mas, por quê? Eu sou tão legal.

19	Aluna	Por que você me fez sofrer o semestre todo e muitas vezes quase morro atropelada e corria para chegar na hora da aula e não ter falta.
20	Professor	Mas, você corria por causa da frequência ou porque queria me ver?
21	Aluna	Afirmou que sentiu nojo do professor com esse comentário.
22	Professor	Tem certeza que num quer sair comigo?
23	Aluna	Não quero, não quero. Isso é muito esquisito. Você é meu professor!
24	Professor	Primeiramente vamos acabar com isso. Não me chame de Senhor. Sou mais velho, mas quero que me chame de Rafael. E outra coisa eu pareço velho, mas tenho o coração de jovem. E gosto das mesmas coisas que você gosta. Adoro funk. Adoro ver as novinhas dançando... E gosto de pagode. Quem sabe a gente num vai um dia, né?
25	Eu	Meus pais não deixam eu sair assim.
26	Ele	Você quer ir para um rodízio que tem aqui na treze, um tal de belas massas? Eu vou buscar você em casa.
27	Eu	Não quero professor. Vai ser muito esquisito.
28	Ele	Então, vem aqui para casa! A gente fica sozinho e tal. E ficamos mais à vontade da gente conversar. ³⁸
29	Aluna	Claro que não professor.
30	Professor	Se você quiser eu vou na sua casa falo com seus pais e tenho muito interesse em você.
31	Aluna	Ok, vou pensar.

Fonte: Fortaleza. Informações recebidas na pesquisa através de entrevista, 2017.

Quando finalizaram esse diálogo, ela foi conversar com seus pais. Sua mãe viu isso como uma oportunidade da filha ter uma vida melhor. “Mulher, ele quer ter coisas sérias com você. Ele quer casar contigo. Tua chance, Frida! Ele é professor da UFC. Mesmo se tu se formar como professora tu não vai ganhar tanto quanto ele ganha não”. E prosseguiu: “Tu imagina mulher tu com vinte anos casada com um homem desses? Aceita, deixa de ser besta, bicha besta.” Frida acredita que pelo motivo da mãe vir do interior e ser inocente, ela não viu isso como um assédio. Ainda conversou com o seu pai e ele achou normal essa situação e achou também que o “relacionamento” seria uma boa oportunidade para a filha, mas jogou a responsabilidade para a mãe. “Ele é professor da UFC deve ser bom, né? Mas, não sei não, fale com sua mãe.”

A estudante ainda conversou com uma colega que recriminou aquela conversa dizendo que o professor era um louco por propor isso. E com uma professora da faculdade que afirmou: “E ela disse gente isso é muito comum na faculdade. E ainda disse que acreditava que isso acontecia por conta que vocês usam essas roupas...” A fala da professora mostra como os docentes sabem que acontecem esses casos na universidade, mas os

³⁸ A aluna afirma que ficou mais desconfortável ainda com esse comentário do professor e tentou ao máximo cortar aquele diálogo. “Ele começou a mandar foto da casa dele pra mim. Dos cachorros. Foto dele praticando esporte. De tudo mesmo.”

naturalizam. E ainda colocam culpa na forma como as estudantes se vestem. Como se utilizassem roupas para atizar o imaginário masculino. Então, ser mulher dentro de uma instituição de ensino deve cumprir “modos e vestimentas” para não ser assediada? Não podendo nunca ser elas mesmas? Esse comentário levou a aluna se culpar pela situação. “Ai, meu deus: Será que é por causa da minha roupa? E depois comecei a vir só de calça para a faculdade. Mas, eu não tenho o corpo muito... Eu pareço uma menina velha de 14 anos... E fiquei pensando à noite todinha sobre isso e estava muito confusa.”

Rafael continuou contato com Frida durante alguns dias e então ela teve coragem para falar sério com ele após ter pensado muito sobre o ocorrido.

Conversa entre o professor e a aluna através de uma rede social

32	Aluna	Professor eu não quero porque você foi meu professor e eu acho um absurdo esse negócio de professor e aluno. E eu acho nojento, entendeu? E o senhor nunca fez meu tipo e não gosto de pessoas mais velhas. E você sempre me fez muito mal no semestre, entendeu?
33	Professor	Você me julgou pela minha idade e não sei o quê... Olha, se eu fosse julgar você pela sua idade eu ia achar você uma idiota. É você está sendo agora. Você num sabe a oportunidade que está perdendo. Eu ia fazer você feliz e se quisesse ir para um show eu podia levar você com seus amigos no carro e tal... Olha, não vou insistir mais não. Você que perdeu, tchau!

Fonte: Fortaleza. Informações recebidas na pesquisa através de entrevista, 2017.

Frida entendeu que ele se sentiu ofendido por ter falado a verdade e principalmente porque a relação proposta por ele estava baseada em interesse, pois a troca para ter algum tipo de relacionamento com ele teria muitos “benefícios” materiais. O que o professor mais ressaltou para a aluna era o fato de ele ser solteiro no momento, apesar de ser divorciado e ter filhos. Uma semana depois desse diálogo, por meio de uma rede social, ela descobriu que Rafael tinha namorada e a pediu em casamento publicamente. A partir dali, entendeu que as propostas de uma possível relação com o professor seriam mentira e que o mesmo queria influenciá-la para obter vantagem para um encontro casual. No semestre posterior, ela sempre o encontrava nos corredores da universidade e ele a evitava e também apresentava um olhar assustado. Depois do acontecido pensou diversas vezes em mandar o *print* para a mulher do professor por uma questão de alertá-la sobre a pessoa com quem estava, “uma questão de sororidade feminina”, segundo ela. Entretanto, mesmo com o incentivo das amigas para que a alertasse isso não se concretizou, principalmente, porque acreditava que, por conta da hierarquia, por conta de ser aluna enquanto Rafael era professor, ela seria a prejudicada. A diferença de interpretação da situação no seu meio familiar e de

amizade era evidente: para a mãe o que estava acontecendo era uma paixão, para a amiga, assédio. Frida afirma que no decorrer das conversas foi entendendo que estava vivenciando um assédio. Principalmente, pela diferença em relação às outras relações que teve e também pela insistência do professor para ter algum tipo de “relação” com ela. “E assédio é uma coisa que a pessoa que faz insiste, né? E também por conta da opinião da minha amiga, sabe? E tipo eu já tinha saído com muita gente, sabe? E sempre quando eu falava não quero mais, ninguém insistia.”

A situação vivenciada tornou-se pública após a campanha #meuprofessorsecreto. A aluna percebeu uma oportunidade para apoiar Callie, a aluna que deu origem ao movimento da campanha e ao processo de sindicância por um suposto abuso sexual. Expôs seu caso no *facebook* e também na reunião da formação da comissão de sindicância para apurar o caso da aluna. Ela afirma que embora tivesse vergonha de falar sobre o assunto, sentiu-se encorajada pela “movimentação que aconteceu aqui na faculdade”. Se, antes disso, o seu relato poderia soar como inverídico, irreal, “depois que a bomba na FACED explodiu” ela se sentiu na responsabilidade de, narrando a situação vivenciada, mostrar que aquilo que foi vivido pela aluna que deu origem à campanha #meuprofessorsecreto não era um caso isolado: “Eu me via na obrigação de apoiar, entendeu? Não por mim, porque eu já tava bem resolvida com a história.”

A questão da vergonha é um ponto em comum em todos os casos de assédio a mim relatados, pois a vítima se sente culpada por aquela situação vivenciada. A denúncia não foi realizada anteriormente por medo e, mesmo depois de ter se tornado pública, não foi institucionalmente levada adiante, pois o professor não fazia mais parte da universidade. Recentemente, no ano de 2018, Ramiro, representante estudantil e que participou da comissão de sindicância, descobriu que o professor envolvido nesse caso voltou à Universidade Federal do Ceará, agora como professor substituto do PAFOR³⁹ para ensinar no interior. Diante do temor de que o docente novamente tivesse essa atitude com outras alunas, ele procurou a aluna para que formalizasse a denúncia junto à direção da Faculdade para afastar o professor das suas funções. Entretanto, Frida recusou-se levar isso adiante alegando que não estava com condições psicológicas para enfrentar os ritos de uma denúncia na universidade e que não confiava nas instâncias formais, já que o caso da aluna Callie não obteve êxito. Relatou que após sua exposição com a denúncia nas redes sociais e na reunião do conselho lhe rendeu

³⁹ Plano Nacional de Formação de Professores financiado pelo Ministério da Educação e executado pelas Universidades Públicas.

muito apoio das estudantes e professores, mas, passado esse momento na universidade, não se sentia segura em levar o caso adiante.

Afirmou que após os estudos na disciplina de Antropologia da educação a ajudou a falar mais sobre o que vivenciou e ver as situações na universidade com mais criticidade. ‘E acho que depois da disciplina, eu consigo me expressar melhor e falar sobre o que aconteceu. E agora eu enxergo com outros olhos, entendeu? É como se eu tivesse uma venda e a antropologia tirou...’

A situação constrangedora que vivenciou gerou uma consequência positiva, pois contribuiu para prevenir possíveis outros casos na sua vida e alertar colegas sobre esse tipo de situação.

2.3.4 Caso 4: George e sua referência na infância de sua escola do interior

Conheci George no Grupo de Pesquisa em Antropologia da Educação Superior, Políticas Educacionais e Escola e, com o desenrolar do trabalho de campo, percebi que ele era um dos sujeitos dessa pesquisa, pois estava envolvido na articulação para publicização de denúncias juntos aos estudantes e também nesses espaços públicos expôs algumas denúncias vivenciadas por ele.

George tem 36 anos, foi estudante de escola pública por toda a sua vida e está no 8º Semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. A sua vontade em fazer o curso vem desde criança, pois sua mãe era professora da escola onde ele estuda no interior do Ceará e também foi sua professora em dado momento. Também trabalhou em uma escola antes de entrar na universidade, sendo seu primeiro trabalho de carteira assinada. Antes de entrar no curso, ele iniciou o Curso de Letras na Universidade Estadual do Acaraú (UEVA), mas faltou dinheiro para concluir o curso. Em 2014, conseguiu entrar na Universidade Federal do Ceará a partir do ENEM.

Os pais dele se separaram muito cedo, quando ele tinha apenas nove anos. O processo de separação foi muito doloroso porque presenciou muitas brigas entre os pais. Nessa época, ele morava no interior com quatro irmãos. O seu pai nunca teve profissão, sempre fazia bicos para se sustentar e sua mãe era professora de escola pública e ganhava meio salário mínimo. Com a separação, a sua mãe se mudou para a casa de uma irmã em Fortaleza junto com os filhos. Já na cidade de Fortaleza, sua mãe, em um momento de “loucura”, o abandonou e a seu irmão em pleno meio-dia na porta da escola em que estudavam. Eles eram crianças e no momento não entendiam o que estava acontecendo.

Depois desse episódio, eles não tiveram mais contato com a mãe, que ficou com suas irmãs, e eles foram morar com o pai. Somente sete anos depois, ele reencontrou a mãe, mas não tinha mais laços afetivos e ela já havia formado uma nova família. Já adulto, consegue vê-la anualmente. Em 2010, seu pai desapareceu e foi em um momento em que seu irmão estava casado. Ele então ficou morando sozinho e seu pai está desaparecido até os dias atuais.

Por conta da sua origem popular, o estudante acredita que a Pedagogia irá mudar sua condição social, pois, na universidade, conseguiu ter acesso a “pessoas influentes” e vê isso uma oportunidade para aprender com elas e melhorar sua posição social.

“A Pedagogia me trouxe algumas coisas de capital social, né? De conhecer pessoas que são influentes. Pessoas que de certa forma tem uma posição social melhor do que a minha. Eu acabo me inspirando muito nessas pessoas, né? Pensando numa possível notoriedade social. E socialmente acredito que agregou bastante porque eu venho da periferia, na minha rua e no meu bairro os meus amigos nenhum são formados. Estão trabalhando em emprego que não ganha mais de um salário mínimo.”

Economicamente, ele acredita que sairá de uma situação mais precária de trabalho, para sair de um salário mínimo para um salário melhor, quer dizer ‘consegue tirar da condição de trabalhador braçal’, seja da área da construção civil ou de serviço.

Após a narrativa sobre a sua vida, conversamos sobre como foi sua contribuição em orientar alguns alunos envolvidos em dois casos⁴⁰: um de suposto abuso moral de uma professora contra uma turma do terceiro semestre e outro no envolvimento do suposto caso de abuso sexual em que o professor Karev estava envolvido. Esse interesse e envolvimento na orientação desses alunos se deram porque ele já havia participado do movimento estudantil como um dos representantes do Centro Acadêmico no ano de 2016 e várias pessoas o conheciam na faculdade. Segundo ele, a participação do Centro Acadêmico foi motivada por ver privilégios da gestão anterior da dele por causa de uma relação com a gestão da Faculdade. Ele acredita que sua participação no movimento estudantil fortaleceu a sua vontade em entender melhor os espaços da universidade e criticar aquilo que não achava justo com os estudantes. Outro fator que contribuiu para fortalecer sua criticidade e questionar mais as aulas e espaços da universidade foi a sua participação na disciplina de Antropologia da Educação.

Assim sendo, acha importante o estudante não ser omissos diante de realidades que não concordam, e seu papel nesse cenário de denúncias não foi somente de ajudar os seus

⁴⁰ Será relatado no próximo capítulo.

pares, mas também relatou que passou por situações constrangedoras que tornou públicas, tanto na campanha #meuprofessorsecreto, como na reunião da instauração da comissão de sindicância do suposto caso de abuso sexual. A exposição dessas situações vivenciadas por ele será relatada a seguir.

Primeiramente, falou que as situações constrangedoras pelas quais passou não eram entendidas como abuso por falta de conhecimento seu na época. Após essas discussões ganharem forma na universidade, ele percebeu e começou a resignificar o que vivenciara. Passou por duas situações mais marcantes na sua trajetória acadêmica que entendo como importante expor para analisarmos se essas denúncias de fato são assédio moral.

A primeira aconteceu em 2015, em uma discussão dentro da sala de aula. A professora Rochele fazia questão de “apontar os alunos revoltados”, expressão que ela usava para descrever os alunos que tinham coragem de criticar algo da discussão ou texto. Nessa discussão, o estudante falou: “Eu acho que a gente tá aqui na igualdade e podemos falar abertamente dentro da universidade...”. Segundo ele, a professora respondeu num tom de superioridade: “Não, a gente não está na igualdade porque eu tenho doutorado e você tem o quê?”. Essa frase o constrangeu bastante e nunca saiu da sua cabeça porque aconteceu na frente dos trinta e cinco alunos da disciplina. “Constrangeu-me bastante... Porque o que eu tinha? Nada! Nem graduação eu tinha, né? Eu vinha de nove anos tentando entrar na universidade. Tentei nove vezes para entrar aqui e outros lá na UECE⁴¹ e nunca tinha conseguido.”

O fato de um posicionamento crítico na aula ser visto como uma forma de atrapalhar a aula, mas ao mesmo tempo existia um discurso – uma face pública da professora – de que os alunos podiam falar. Na prática, acontecia outra coisa: “Era uma dissimulação de uma pedagogia progressista que dava a entender que os alunos, eles podiam falar, mas quando você falava vinha o constrangimento depois, né?” Longe de serem casos isolados, esses constrangimentos eram constantes e acompanharam a turma por todo o semestre.

Professora Rochele também tinha uma forma bastante peculiar de punir os alunos que chegavam atrasados:

“Quando a gente chegava atrasado na sala, ela nos colocava de costas para a parede, né? Alegando que era tipo uma punição por a gente ter chegado atrasado. A gente ainda fazia aquilo e as pessoas nos questionavam porque que vocês ficavam? Porque eu não percebia aquilo como uma situação de assédio no momento... Eu estava achando até em certa forma os alunos que estavam presentes concordavam com aquela prática. Só depois que fui ver. Pô, isso tá errado... Ela não pode fazer isso

⁴¹ Universidade Estadual do Ceará.

com a gente. Isso, só depois que eu pude ter essa percepção. Mas, na hora a gente ficava de costas para parede achando que aquilo ali fazia parte da aula.”

Esses casos aconteceram quando ele estava no seu segundo ano de curso. Aliás, é interessante perceber que a maioria dos casos a mim relatados aconteceu nos primeiros anos de curso da graduação, quando, acredito, o estudante ainda não tem um amadurecimento cultural da dinâmica da universidade, também vejo como algo comum ao que vivenciei na Economia Doméstica. A percepção que aquelas duas situações constrangedoras configuravam assédio moral efetou-se no semestre seguinte, pois conversou com alguns alunos que tinham passado por situações parecidas com essa professora: “Quando eu tomei consciência que isso era uma situação de assédio eu tentei ao máximo lutar contra isso, né? Mas, não era fácil e mesmo com essa consciência de assédio que eu já tinha, não deixei de passar por isso...”.

Apesar de tomar conhecimento de que essas situações não deveriam acontecer na relação professor-aluno, o estudante ainda passou por situações constrangedoras no decorrer do curso e não acessou as instâncias da Universidade para denunciar os docentes e cobrar outra postura em sala de aula.

No sétimo semestre afirmou ter passado por outra situação constrangedora:

“Professora, a senhora tem ideia de quando irá corrigir os trabalhos? Porque quero saber se vou poder fazer a prova ou não? Ela falou assim: Turma, vocês acham que eu deva parar a aula para corrigir o trabalho do George? Lançou essa pergunta para a turma no mesmo momento. Quando você faz isso você joga a turma contra aquela pessoa, né? E a pergunta nem era isso que eu estava pedindo para ela parar aula para poder corrigir o meu trabalho. Só fiz a pergunta para saber e me organizar se ia estudar ou não para a prova de segunda chamada.”

Após esse diálogo com a professora, ele se sentiu constrangido, pois a exposição que causou do aluno fez os seus colegas entenderem outra coisa que não era a intenção dele.

As professoras envolvidas no caso são efetivas e a primeira se formou no local onde ensina e a segunda teria entrado há dois anos. Nesse caso, é visível como a cultura institucional de uma docência que não privilegie a reflexão e a cidadania é reproduzida e naturalizada rapidamente por essas professoras e é mais marcante no primeiro caso.

Em relação às consequências desse episódio, ele afirma que o motivou a denunciar esses professores nos espaços públicos e a questioná-las quando tem a oportunidade, mas não mencionou que deu seguimento das denúncias às instâncias devidas da Universidade.

“Eu acho que depois que a gente passa por isso a gente tem duas posturas: a primeira, e é o que mais acontece, principalmente, com as mulheres, de se resguardar, e cada vez mais participar menos da aula, né? E dos espaços da universidade porque já fica com aquele receio de ser constrangido novamente, né? E com as mulheres pesam mais que com os homens. E a segunda alternativa é denunciar... Fazer as denúncias e levar para os centros acadêmicos e centros responsáveis, né? Mesmo com a vaga esperança de você conseguir que sejam punidos. Mas, quando você denuncia se cria uma estatística e gera um movimento e aí é possível que se debata sobre isso, né? E acaba de certa forma... Expõe os assediadores... Expõe a situação na universidade. E talvez essa exposição sirva para se não estancar pelo menos diminuir... Ou então deixar menos acoberta... Acredito, né? Um assediador, ele tem o assédio que ele pratica divulgado eu acho que ele vai pensar duas ou três vezes de fazer um novo assédio, né? Imagino eu que seja assim. No meu caso, foi o segundo. Porque diversas vezes e todas as oportunidades que eu tive em grupo e coletivamente eu sempre falava esse caso e para mim ficou muito marcante porque a pessoa falar na minha cara e apontar o dedo assim, né? Eu tenho doutorado e você tem o quê? Tem nada... E aquilo ficou muito marcado. Muito mesmo! Porque eu nunca esperei esse tipo de comentário na universidade. Sempre pensei que poderia ter esse tipo de comentário em qualquer canto da cidade, né? Que é para ser um ambiente para escutar todas as vozes.”

Ao longo da pesquisa, percebi George em vários momentos, seja nas redes sociais da campanha #meuprofessorsecreto, seja nos eventos e reuniões sobre isso, com uma voz muito ativa e crítica, expondo e contribuindo para que a discussão fosse levada a sério pela instituição para melhorar a democracia e cidadania na universidade e, conseqüentemente, para fortalecer a educação de qualidade. Percebo uma postura diferente das mulheres quando sofrem algum tipo de assédio ou situação constrangedora. Em algum momento, elas têm voz ativa, mas há uma limitação da voz pelo medo de represálias e pela exposição demasiada. Nesse caso, há uma diferenciação de gênero? Os homens por terem mais privilégios na sociedade conseguem lidar melhor com esse tipo de situação. O interessante é que no caso do que vivenciou realmente não acionou as instâncias da universidade responsáveis por isso. O primeiro caso entende-se que existia uma falta de conhecimento sobre o que vivenciara. No segundo momento, ele já entendia, mas, mesmo assim, optou por não denunciar a professora.

A gravidade do primeiro evento é maior em relação ao segundo, mesmo assim os dois acarretam de algum modo conseqüências ao estudante, seja por limitarem a sua fala, seja por comprometerem seu desenvolvimento da aprendizagem. Ao longo do tempo, as conseqüências de episódios como esses na autoestima podem ser perceptíveis ou não, dependendo da forma como o estudante encara essas situações. Em relação a sua contribuição aos casos de outros alunos, sua postura foi de acessar as instâncias da gestão universitária para cobrar sanções aos professores e, paralelamente, tornar a denúncia pública como foi o caso na campanha #meuprofessorsecreto.

2.3.5 Casos dos representantes estudantis

Conheci Ramiro e João em uma reunião do Centro Acadêmico para tratar de diversos assuntos estudantis, mas com o foco principalmente nas denúncias dos estudantes contra professores. O Centro Acadêmico era organizado por comissões e eles participavam de uma espécie de “ouvidoria estudantil”. Essa comissão era responsável por tratar principalmente das demandas em relação a insatisfações dos estudantes em relação ao curso de Pedagogia e tentar resolvê-las junto à gestão da faculdade e/ou na reunião do Conselho da Faculdade. Para entendermos o desenrolar das ações estudantis em torno das denúncias na Faculdade de Educação é fundamental conhecer esses sujeitos “líderes” que ajudaram na organização e representação estudantil do curso de Pedagogia.

2.3.5.1 João e o seu futuro através da educação: “ter uma formação universitária que seus pais não tiveram.”

João tem vinte anos e cursa o sétimo semestre de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Toda a sua trajetória escolar foi em escola particular, tendo sempre estudado em uma escola particular, no caso, o Lourenço Filho no Centro. Como havia um primo seu que estudava nessa escola e uma tia que nela trabalhava, obteve desconto na mensalidade. Virou atleta da escola e teve o benefício de ter uma bolsa maior para se manter até o fim do Ensino Médio. Por estar nesse universo educacional, o acesso à cultura e à informação era bom e lhe deu uma base para entender a sociedade. No Ensino Médio, não tinha um foco sobre o que queria cursar na universidade: sempre se denominou uma pessoa indecisa. O que ajudou a optar pela Pedagogia foi amplitude que o curso tem: há uma vasta área de atuação no mercado de trabalho. No decorrer do curso, teve a certeza que quer estar na área de educação, mas não sabe qual frente irá escolher: gestão, docência, pesquisa, etc. Desde pequeno, mesmo com as dificuldades, os seus pais sempre fizeram de tudo para que tivesse uma boa educação, porque via o futuro da vida dele nos estudos e na formação universitária que eles não tiveram. João tem dois irmãos por parte de pai, cada uma com uma mulher diferente, e não tem contato com eles.

O pai dele se suicidou em 2008 e desde pequeno a família da mãe era a que eles tinham proximidade, pois a do seu pai sempre tiveram diversos problemas e isso causou um

distanciamento. Com o falecimento do pai, ficaram sem casa e quase toda semana dormiam na casa de um parente diferente.

Quando o pai estava vivo, a situação da casa era a seguinte: geralmente, quem sustentava a família era a sua mãe e o pai ficava em casa por não ter sempre emprego, por esse motivo, quando ele era pequeno, ficava muito tempo com seu pai. A sua ocupação laboral era fazer “bicos” para ajudar na renda de casa e sua mãe era a pessoa que tinha um emprego estável. Sua mãe vem de uma casa com 14 irmãos em Itapipoca e, pelos relatos que chegaram até João, seu pai era comerciante e tinha terras nesse município. Por ter o pai e a mãe dela bem violentos em casa, os filhos, um a um, foram morar em Fortaleza para “tentar a vida”. Por ter que trabalhar desde nova, a sua mãe não teve nenhuma formação universitária e terminou o segundo grau. Quando chegou à Fortaleza, o Iguatemi estava inaugurando e entrou para trabalhar como recepcionista na administração e, com seu empenho no trabalho, foi crescendo dentro da empresa, mas em dado momento de conflitos e por falta de formação universitária na área, ela foi demitida. Por causa dessa experiência, continuou trabalhando em shopping e atualmente trabalha na administração de shoppings pequenos, mas não é bem remunerada por falta de uma formação acadêmica.

Depois que seu pai faleceu, conseguiu ficar com uma pensão e, por esse motivo, tem certa estabilidade financeira, mas está em processo de justiça para a retirada da pensão porque seus pais não eram casados oficialmente e existe uma briga da sua família para reaver isso. Um dos motivos pelos quais ele se mantém na universidade somente com a bolsa, é esse suporte da pensão, pois o dinheiro do trabalho da sua mãe não dá para sustentar os dois.

Após a morte de seu pai, sua tia se separou e foi morar com eles e seu filho. A formação universitária é reduzida dentro da família de sua mãe. Em relação aos irmãos, tem duas tias formadas em pedagogia e um tio em direito. Já os seus primos por parte de mãe, todos estão entrando na universidade. E o seu primo que mora com eles, o qual considera irmão, iniciou a faculdade na UFC e depois desistiu.

João entrou na UFC com 17 anos através da lista de espera dos classificáveis e, por isso, foi às aulas já com um mês do curso iniciado, o que o fazia se sentir “meio perdido”. No primeiro semestre, não teve nenhum contato com o movimento estudantil que geralmente acontece na primeira semana de aula com uma semana da integração para explicar os espaços da universidade, fazer trotes e etc. Não sabia nem o que significava Centro Acadêmico. Relatou que entrou no movimento estudantil por acaso e nenhuma organização política o introduziu no movimento: “A minha curiosidade me motivou a conhecer esse espaço.” Iniciou o percurso de conhecimento desse movimento no encontro nacional dos estudantes de

Pedagogia, que aconteceu durante o período de férias em Curitiba. Apenas aceitou ir à viagem porque sua condição financeira não possibilitaria uma viagem para outro estado e, como o ônibus era gratuito e ficariam na universidade, aceitou esse desafio, mesmo com pouca idade e sem conhecer ninguém. O seu primeiro contato com o movimento estudantil aconteceu nesse encontro que o permitiu perceber as disputas políticas entre os estudantes em torno da universidade, mas não compreendia bem o que se passava. E um fato marcante da viagem que o aproximou dessa realidade do movimento estudantil, foi que ficou doente durante sua estadia pelo fato de ter dormido em uma quadra, com um colchonete fino e em temperaturas baixas. A comissão organizadora, com medo de o estudante piorar, o alocou na sala onde eles se organizavam durante o evento. Então, ficou participando de todas as reuniões e sua observação e curiosidade aumentaram para entender a dinâmica daquele movimento político que o movimento estudantil realizava. Isso o motivou a entender porque aquilo acontecia e sua curiosidade foi mobilizadora para procurar compreender melhor o movimento estudantil quando chegou à Fortaleza.

Quando retornou às aulas, ele enfrentou a greve de professores de 2015 e, em uma assembleia de estudantes, percebeu que dentro do movimento estudantil havia vários grupos políticos que se organizavam em torno de ideologias e partidos, percebendo que o movimento estudantil era mais amplo do que pensara até aquele momento. Mais uma vez, se deu conta de que não entendia nada. Novamente, sua curiosidade fez com que aos poucos fosse conhecendo e se inserindo. Optou por participar de diversos locais da universidade, das reuniões de colegiado e do departamento, e com isso, o entendimento da faculdade e da universidade melhorou. No ano seguinte, ocorreu a ocupação dos estudantes na Faculdade de Educação. Com esse “intensivo” de movimento estudantil na Ocupação, uma parte dos estudantes da graduação participantes desse evento captaram que o Centro Acadêmico estava sem gestão, fizeram uma chapa e ganharam.

Com sua participação no Centro Acadêmico, a sua participação das reuniões de colegiado da Faculdade ficaram frequentes. Contudo, percebia, por parte dos professores, uma falta de respeito com a fala dos estudantes naquele espaço:

“Quando eu comecei a participar das reuniões de colegiado, eu acho que eu conheço todos os professores da Faculdade, eu nunca tive aula nem com a metade, mas eu conheço a maioria e a maioria me conhece. Mas, no começo eu era bem mais incisivo, realmente em questão oral, pegava, brigava, discutia com professor, não por brigar, né, mas quando eu via o professor desrespeitando a fala de alguém ou minha.”

Essa falta de respeito se dava quando eles interrompiam a fala do aluno na reunião ou quando esboçavam alguma reação em que ficava perceptível o desinteresse em escutar as suas opiniões. “É realmente difícil no começo, porque, por exemplo, a gente fazia uma fala, os professores começavam a conversar, começavam a olhar celular, realmente aquela questão ‘não estou nem aí pra o que você diz’. E acontece isso muito hoje.”

Relatou que em suas participações nas reuniões, sentia-se o tempo todo constrangido pelos professores por conta dessas atitudes constrangedoras e desrespeitosas. Sobre isso, ele analisa:

“Acho que de certa forma, a nossa presença incomodava e realmente no começo é muito difícil pra um aluno, onde você está sozinho com um aluno, você está cercado por 10 professores que são professores, coordenadores, coordenadores de pós, seu professor em sala de aula, e realmente você levantar pra fazer uma fala. Primeiro, seja qual for a fala, você querendo ou não, tem autonomia pra estar no meio daqueles professores, sentir uma relação horizontal e não vertical, pra conseguir fazer uma fala, porque querendo ou não as relações de poder estão ali implícitas. E quando a gente fala ainda pra fazer uma crítica, é mais difícil ainda essa construção pra você fazer principalmente quando é a primeira vez.”

Por esse motivo, ele começou nas suas falas a ser muito ríspido com os professores para tentar “se proteger” dessa relação de poder que tinha o objetivo de não favorecer o debate de ideias e críticas com os alunos. Aconteceu uma situação em uma reunião que, por ele se impor para respeitarem sua fala, sofreu uma “certa” retaliação dos professores.

Nesse contexto de falta de espaço de fala dos estudantes nas reuniões, as alunas se sentiam ainda mais reprimidas. “Até mesmo as meninas do primeiro semestre chegaram agora pra mim, a gente estava numa reunião de colegiado, aí depois eles falaram: “João, por favor, me ajuda! Eu quero fazer fala com os professores, mas eu travo”. O medo das represálias é constante no mesmo espaço em que há uma relação de poder de “igualdade”, pois todos têm cadeira cativa, seja aluno ou professor, dentro da reunião. A fala crítica estudantil, na tentativa de conquistar o espaço das reivindicações estudantis, é desigual em relação aos professores, que são maioria e também estão numa relação de poder desigual, pois saindo dali são seus professores ou orientadores e, dessa forma, podem “moldar” sua forma de agir por não conseguirem separar os espaços entre sala/bolsa/orientação e ambiente de disputa de ideias no âmbito das deliberações da faculdade, no caso, as reuniões do colegiado, misturando assim os espaços e as relações.

João relata que sua criticidade melhorou e foi fortalecida com a sua participação na disciplina de Antropologia da Educação.

“A antropologia foi a única [disciplina] aqui no curso que eu entrei um e saí outro. Realmente eu percebi sobre a minha trajetória e todas as influências que vi na minha vida. E senti grande diferença, pois a gente percebe que aqui na Pedagogia querem mudar a metodologia da educação básica sem mudar a dinâmica do ensino superior. Ajudou-me muito a ter uma visão mais clara das relações de poder dos professores aqui dentro e como eu comecei a ir para as reuniões de colegiado percebi essas relações mais claramente. E me vi outra pessoa porque a antropologia faz com que a gente desconstrua as nossas crenças e construa de novo. E é muito difícil isso porque é doloroso. E me ajudou a questionar e ter um olhar mais sensível sobre tudo e das micro relações para entender a realidade. “

É relevante mencionar que, durante todo esse processo de participação nas instâncias do movimento estudantil e na contribuição junto aos estudantes na campanha #meuprofessorsecreto, o aluno se motivou a pesquisar junto a sua orientadora da bolsa de Iniciação Científica sobre o tema de violência na universidade e relata, portanto, o encontro com essa temática que tocava em pontos nos quais ele e os seus colegas estavam vivenciando na Universidade.

2.3.5.2 Ramiro: “queria entrar na universidade desde criança.”.

Ramiro tem vinte e quatro anos e cursa o quinto semestre de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará. Sempre estudou em escola pública e é originário do município de Limoeiro do Norte. Seus pais são separados e trabalhavam na terra dos avós dele como agricultores. Depois de um tempo, descobriu que seu pai era de criação e não biológico. A separação aconteceu porque eles tinham muitas brigas, pois o pai era alcoólatra se sempre chegava alterado e queria bater na sua mãe. Presenciou junto com seus irmãos várias brigas intensas e um dia essa briga resultou quase na morte de sua mãe. Na noite que tudo aconteceu, ele saiu correndo na estrada para encontrar um telefone e ligar para polícia para salvar sua mãe. Após esse episódio, ele passou a morar somente com a mãe com quem passou por dificuldades financeiras, obrigando-a a trabalhar em qualquer “bico” que aparecesse. Seu pai ficou sozinho, perdeu todas as suas terras com bebida e hoje vive doente. Os pais nunca terminaram o ensino fundamental. Seus irmãos, três ao todo, terminaram o Ensino Médio em Limoeiro. Ele foi o único que entrou na universidade, mas para isso, tentou cinco anos o ENEM e na quinta vez entrou em Pedagogia.

O estudante saiu do interior para tentar uma vida melhor em Fortaleza e aqui, antes de entrar na universidade, trabalhou em vários empregos, como ajudante de supermercado, comércio e serviços em geral. Entrou na Pedagogia porque era uma opção

possível em relação a sua nota no ENEM e, como queria muito entrar na universidade, escolheu esse curso. A sua entrada na universidade foi um grande orgulho para a sua família e comunidade, pois ninguém nunca tinha tido acesso ao Ensino Superior. ‘Na família dela eu fui o primeiro que conclui os estudos e que entrei na universidade. Quando vou lá, parece uma coisa que vem de fora. Eles me tratam na palma da mão...’ O acesso à universidade para estudantes e família de origem popular é bastante significativo, pois representam para eles uma opção de transformação da sua condição social e econômica.

A sua entrada na universidade veio num momento de muitas transformações na sua vida, principalmente, porque tinha recebido um calote de um amigo na sua empresa que estava iniciando. Foi quando trocou o comércio pela educação. Ele se encontrou no curso somente no terceiro semestre, quando fez a disciplina de Antropologia da Educação que possibilitou fazer um resgate da sua história e entender os motivos pelo qual queria ser professor.

“Quando eu fiz uma disciplina de Antropologia da educação, a gente tinha uma atividade: era resgatar pela nossa história como tínhamos chegado para o curso da Pedagogia. Pelo Resgate, eu identifiquei porque eu queria ficar na pedagogia. Porque quando eu era criança a minha mãe estudava e ela sempre me levava. E o professor dela sempre brincava que o outro professor era eu. E como eu estava na quarta série e os alunos da sala também, eu os ajudava e essa experiência foi muito marcante pra mim.”

Também trouxe experiências muito significantes na sua vida, pois a transformou culturalmente. Pôde ter acesso a outro tipo de relações e temas que sua vida como trabalhador não lhe proporcionava, mas foi quando largou o emprego para ficar somente na universidade que conseguiu ter um acesso maior aos espaços e eventos da universidade.

Segundo ele, a sua curiosidade mobilizava para ir atrás de entender a universidade e o conhecimento que ela poderia lhe proporcionar e, nesse momento de dedicação exclusiva, a universidade encontrou o movimento estudantil.

“Entre para o movimento estudantil e para o Centro Acadêmico. E eu acho que a minha maior experiência na universidade foi na Ocupação⁴². Foi na ocupação que eu realmente olhei para aquela universidade e disse é aqui que eu devia estar e aqui que devo estar para poder viver, conhecer as pessoas e ter contato com essas pessoas mais experientes. Mostrar possibilidades que antes eu nem imaginava que tinha. E aí eu comecei a valorizar aquilo ali. E comecei a vislumbrar o mundo e queria que outras pessoas também tivesse aquilo. Poxa, eu pensava: - Só eu que tenho isso? Foi aí que comecei a ficar interessado a ir ao centro acadêmico. Quando eu convidei o João e conversamos sobre o momento único que estava acontecendo na ocupação. E então, propus que a gente montasse uma chapa. Idealizamos a chapa na ocupação

⁴² Refere-se à ocupação de estudantes a Faculdade de Educação em 2016 e será relatado no próximo capítulo.

conversando com as pessoas. E aí eu fui identificando que tinha muita coisa por trás das articulações políticas dentro da ocupação e na organização da chapa. Eu não sabia que o centro acadêmico era tão disputado pelas pessoas, pois proporciona oportunidades e espaços que o centro acadêmico tem. E a experiência em si, você participar como gestão dentro de uma faculdade que a tradição dos estudantes é de ter os estudantes combativos e com tendências anarquistas. Eu não percebia isso e quando me via eu estava ali defendendo posições anarquistas com unhas e dentes sem nem saber o que isso representava. E fui caindo em si e não concordando com certas posições. E fui percebendo que existia concepções ideológicas que orientavam as ações. Quando fui entender isso fui ficando mais crítico e percebi que havia muito esse jogo de manipulação e das estratégias. Foi quando comecei a ser mais autônomo com as minhas decisões e posições de acordo com o que eu penso.”

Na ocupação, ele percebeu claramente o jogo das relações de poder, pois o enfrentamento dos professores e alunos se dava cotidianamente, e a ocupação foi uma demanda estudantil e não dos professores. Existiam os professores a favor daquele evento e contra. Iniciou-se naquele momento um conflito entre ele e sua orientadora, a professora Miranda, uma das coordenadoras do curso.

Após esse evento do qual participou ativamente, conheceu todos os espaços e professores da universidade. ‘Na ocupação eu conheci todos os professores da instituição, os 70, eu conheço todos. A partir da ocupação, todos os espaços da universidade eu conhecia na palma da minha mão. Decisões, laboratórios...’ Com esse conhecimento, aprendeu a lidar com as relações políticas que aquele território tinha e adotou uma dinâmica “diplomática” para entender quais eram as nuances daquele espaço. Descobrimos situações de favorecimento de pessoas sem uma seleção transparente, ele começou a ficar desmotivado com a universidade percebendo que era um território com pouca democracia e transparência.

Mesmo desestimulado com o curso, continuou sua rotina de estudante e representante estudantil e, no ano seguinte, iniciou um grande número de denúncias contra professores da instituição. Como estava na comissão do Centro Acadêmico, que era uma espécie de ouvidoria estudantil, acatou as denúncias junto à organização estudantil. Entretanto, como ele protagonizou a representação estudantil nas reuniões do colegiado, ficou mais exposto nessa relação de poder entre os estudantes e os professores. Expôs que a relação com sua orientadora que era uma das coordenadoras do curso, foi ficando cada vez mais difícil, até que um dia, em comum acordo, resolveu sair da bolsa. Não conseguiram manter a relação profissional professor-aluno após esse momento na Faculdade, pois nenhum dos dois conseguiu separar as relações e ambos tornaram os espaços de convivência dentro da bolsa num local de disputa nessas relações de poder. Disputa que trouxe ônus para ambos na produção científica e nas relações afetivas.

As consequências de ter tomado a frente dessas denúncias na representação estudantil foram muitas: tentativas de intimidação em aulas, corredores, atividades da bolsa, reuniões... Relata que um dos espaços no qual havia falta de respeito à fala do estudante, era no fórum de pedagogia:

“É outro lugar que tem muita briga... Aí são onde tem as cobras mais criadas. Tem muito desrespeito a fala do outro. Comigo eles não fazem isso porque eu mordo, mas quando é com as meninas que permitem que elas cortem. Fazem muito isso. E o engraçado que é de mulher para mulher. Eu digo: ‘gente, falem! Não tenham medo não!’ É como se faltassem alguma coisa. Não sei! Não sei! Eu tomei a iniciativa de me ausentar desse espaço. Por que estava muito centrado em mim. E tava fazendo mal. Eu tava ficando muito arrogante e estressado. E aí tudo era Ramiro. Era Ramiro! E aí eu conversando com alguns membros da gestão. É avaliando também a questão das relações da Miranda. Que tava muito pressionado pro meu lado como bolsista e tal. E pedi para que outras pessoas ficassem mais à frente porque não estava dando. Estava sendo muito oprimido. E aí eu fui me distanciando aos poucos. E de novo eu estou fazendo isso para poder tirar essa personificação.”

Nessa narrativa, percebemos que mesmo mudando os espaços da gestão da universidade, seja em reunião de colegiado ou em fóruns, os atores são os mesmos professores e alunos, e a falta de respeito à fala é citado novamente, principalmente, à fala do aluno. Consequentemente, a atitude do estudante é extrema, utilizando a arrogância e intolerância como uma dinâmica de se impor àquela relação de poder. Também as participações das mulheres estudantes ficam limitadas, pois elas têm dificuldade em se colocar publicamente na fala. O aluno em questão ainda cita que essa relação de poder também acontece de mulher professora para mulher aluna.

Esse acúmulo emocional de todas as tensões e relações na escuta dos casos com os estudantes levaram o estudante a alterar o seu comportamento, ficando agressivo e desmotivado para continuar os estudos e pensando em sair do movimento estudantil por sentir-se fragilizado. O seu rendimento acadêmico baixou, pois a falta de foco e atenção o prejudicou na jornada dos estudos. Ainda encontra algum tipo de motivação para estar nesse espaço acadêmico, pois encontrou amigos e alguns professores que deram suporte “humanitário” nesse momento de tensão.

O que ainda o mantém no curso é sua vontade de ensinar “politicamente” sua família e levar conhecimento para transformação da vida das pessoas. Essa vontade vem tanto de uma possibilidade de mudar a condição cultural da sua família, como por ter como exemplo os ensinamentos de uma disciplina com uma didática reflexiva, que é o caso da Antropologia da Educação.

3 DENÚNCIA PÚBLICA: O CASO DA CAMPANHA MEU PROFESSOR SECRETO

A minha pesquisa foi realizada nos anos de 2017 e 2018, um período que surgiu ações dos estudantes em torno de supostas denúncias de assédios morais e sexuais na Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará. Anteriormente a essa mobilização dos estudantes em torno dessas denúncias, aconteceram eventos importantes no Brasil e no mundo que influenciaram culturalmente esses estudantes.

Digo isso, pois a Faculdade de Educação está inserida num contexto da sociedade e não vive em um universo paralelo. No seu cotidiano, contém uma diversidade de relações entre as pessoas que compõe aquele local. Essas relações são afetadas pelas situações que a humanidade vive, como disputa de poder, relações machistas, feministas, conservadoras, entre outras. Os seres humanos são infinitamente diversos e essa diversidade está nos espaços que vivemos em sociedade, portanto, não podemos esquecer isso ao analisar as situações.

Após quase seis meses do início da pesquisa, essa mesma Faculdade tinha passado por um processo de ocupação (foi o primeiro lugar a declarar greve geral pelos estudantes), que se iniciou em Novembro de 2016 contra a vontade dos professores. Votaram em assembleia contra a greve e as ocupações na universidade. E o que isso tem a ver com a pesquisa? Explicarei melhor adiante. Primeiro é necessário entender o que foi esse movimento: as ocupações das universidades pelos estudantes serviriam para pressionar o Governo Federal, numa tentativa de não aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 55, em tramitação no Senado, que limitava por vinte anos os investimentos em diversos setores do governo, inclusive na educação. Após a ocupação pelos estudantes da Faculdade de Educação, vários outros centros acadêmicos e estudantes começaram aderir esse movimento e entraram oficialmente em greve. Durante 51 dias, esses estudantes fizeram da graduação e da Pós-Graduação da Faculdade de Educação seu lar, dividindo tarefas por comissões responsáveis pela autogestão do espaço e realizando oficinas, debates, aulas públicas, assembleias e qualquer evento cujo objetivo era debater os retrocessos na educação durante aqueles anos, além de ajudar também a criar uma relação mais democrática daquela gestão universitária com os estudantes. Por ser um evento que impediu as atividades de uma Faculdade, ganhou bastante notoriedade na imprensa e na sociedade, dividindo a comunidade acadêmica e a sociedade em posicionamentos a favor e contra aquela atuação estudantil.

A metodologia das ocupações nas universidades foi influenciada pelas intensas ocupações das escolas estaduais que ocorreram no fim de 2015. Essa mobilização estudantil secundarista de São Paulo iniciou uma série de ocupações em mais de 200 escolas para

mostrar que era contra o processo de reorganização escolar em São Paulo, sugerido pelo paulista. Essa ocupação durou quase 60 dias e movimentou os estudantes para organizar uma série de atividades dentro da escola como: aulas abertas, oficinas, debates, atrações musicais, além de se organizarem para administrar as suas funções dentro da ocupação. Essa forma de mobilização social também chamou bastante atenção dos governantes, jornalistas e sociedade.

Em 2016, outros estados utilizaram a ideia para reivindicar suas pautas locais, como é o caso das escolas do Rio de Janeiro. Porém, o movimento de ocupação das escolas alcançou o ápice ao ocupar mais de 1000 escolas em protesto à reforma do Ensino Médio (MP 746) e à PEC (55), que foi aprovada ainda nesse ano em meio às mobilizações e ocupações. Em 2017, numa matéria da revista *época*⁴³, após um ano das ocupações dos secundaristas, fala-se sobre o efeito dentro da escola, principalmente, na dinâmica de organização e na relação dos estudantes com a gestão e professores. Um professor comenta sobre essa nova postura dos estudantes: “Antes, eles eram silenciosos. Mas voltaram depois da ocupação mais à vontade para expor opiniões, participar das aulas e das reuniões com professores e direção”, diz o professor de filosofia Filipe de Freitas. Na matéria percebe-se que aconteceu uma transformação nas relações sociais escolares, principalmente, na participação desses alunos no andamento das atividades da escola. Porém, nas universidades essas mudanças ocorreram? E qual o foi ganho da ocupação para os estudantes e professores? São duas perguntas que não serão respondidas nesse trabalho, mas o evento teve influências reais no desenrolar das denúncias contra professores da Faculdade pesquisada.

Anteriormente a essas mobilizações nas escolas no Brasil, eventos internacionais dos movimentos sociais, organizados mundialmente, influenciaram essa nova forma de organização política da juventude. Uma forma de se organizar diferente, como no passado, quando não existia a internet, afirma, (Gohn, 2012, p. 21), pois tem uma ferramenta importante da sociedade moderna, a internet, que contribui com a mobilização desses sujeitos.

“Marchas, manifestações e ocupações na atualidade são promovidas por coletivos organizados que estruturam, convocam/convidam e organizam-se *on line*, por meio de redes sociais. A participação nos eventos acontece via agregação *ad doc*. De simpatizantes da causa, os sujeitos que atendem às chamadas para os atos de protesto poderão se tornar ativistas de um novo movimento social.”

A mobilização virtual por meio de redes sociais contribuiu para que estudantes da Faculdade de Educação comparecessem à Assembleia Geral de Estudantes que acontecia na

⁴³ Matéria da revista *Época*: <https://epoca.globo.com/educacao/noticia/2017/02/o-legado-das-ocupacoes-nas-escolas.html>

Reitoria. Lembro-me que estava na aula⁴⁴ quando recebi mensagens de mobilização dos estudantes para comparecer à Assembleia, mas naquele momento não entendi a dimensão dessa mobilização e não compareci. Com certeza outros também foram mobilizados dessa forma. Sales (2018) relata a experiência da ocupação na matéria do blog do grupo de pesquisa LIFE- Percursos de Vida, Desigualdade e Solidariedade: Práticas e Políticas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Era fim da tarde do dia 3/11/2016, quando o cruzamento de duas grandes avenidas na hora do rush, ganhou novo cenário pela intensa movimentação de jovens universitários que estavam a chegar ao pátio da reitoria para realizar a assembleia estudantil no espaço da concha acústica.⁴⁵

Após essa assembleia, os estudantes decidiram ocupar a universidade no outro dia, mas os representantes da Educação que estavam presentes não concordavam com essa decisão:

Após a assembleia a decisão foi que os/as estudantes em cada curso se organizassem para greve e/ou ocupação no dia seguinte, mas um determinado grupo não pode esperar, e tomado pela revolta, caminha junto e atravessa a avenida, mas essa travessia não foi um ato mecânico, foi como se estivesse em coro a cantar um trecho da música Travessia, de Milton Nascimento e Fernando Brandt: “Solto a voz nas estradas já não posso parar. Meu caminho é de pedra, como posso sonhar...” Embaldado pelo desejo de agir e mudar, esse grupo chega a Faculdade de Educação e encontra outro grupo reunido, a mistura desses dois grupos acende ideias e sentimentos diversos, inflama reações que produz um único grito de ordem: “ocupar e resistir”.⁴⁶

Segundo (Gohn, 2012, p. 21), existe uma causa social desses jovens para participar desses movimentos. No caso da Ocupação da Faced, se centrava na vontade de mudança diante de uma temporada de tantos retrocessos de direitos na vida da sociedade brasileira e, principalmente, na educação, dando-lhes uma causa para lutar. Assim, esses ativistas se juntam e criam um novo movimento social:

De simpatizantes da causa, os sujeitos que atendem às chamadas para os atos de protesto poderão se tornar ativistas de um novo movimento social. A sensibilização inicial é uma causa, visto como um problema social, como a corrupção de políticos, a ganância de banqueiros, o preconceito contra gays etc. As manifestações e os atos são o chamariz que poderá transformar-se em motivação prioritária na vida dos sujeitos mobilizados. E o movimento ganha novos ativistas.⁴⁷

⁴⁴ Sociologia de Pierre Bourdieu do Mestrado em Educação.

⁴⁵ Matéria da internet: <https://liferesearchgroup.wordpress.com/>

⁴⁶ Matéria da internet: <https://liferesearchgroup.wordpress.com/>

⁴⁷ Matéria da internet: <https://liferesearchgroup.wordpress.com/>

Durante a ocupação até o seu fim a Faculdade de Educação, foram necessárias adequações à dinâmica dos estudantes que lá estavam. E as relações de poder foram colocadas em xeque, revezando nas negociações entre professores/professores, professores/alunos, alunos/professores, servidores/alunos, alunos/servidores, servidores/servidores, professores/servidores, servidores/professores e até entre alunos secundaristas, que somaram a esse movimento e disputaram as relações de poder.

A ocupação agregou diversos estudantes da Pós Graduação e Graduação, além de estudantes de outros cursos, universidade e secundaristas. Além de técnicos administrativos e professores que apoiaram esse movimento, também havia pessoas não favoráveis ao movimento que fomentaram o debate com o grupo ou fizeram gestos ou ações intolerantes até mesmo perigosas contra os ocupantes. Enfim, após o seu término, vários estudantes que estavam motivados com aquela vivência do movimento estudantil, organizaram-se para disputar o centro acadêmico do curso de Pedagogia e conseguiram ganhar a eleição. Vitoriosos e entendendo um pouco mais a dinâmica das relações de poder dentro daquela Faculdade, iniciaram a sua gestão.

Gohn, (2012, p. 21 e 22), garante que dentro desses novos movimentos existe uma pedagogia alternativa que proporciona uma nova forma de atuação dinâmica, pois estamos em outro contexto cultural. Suas metodologias de atuação fortalecem as vivências, criando aprendizagens importantes para os sujeitos envolvidos. “As pedagogias alternativas utilizadas também se recriam, se reinventam, porque a conjuntura sociopolítica, econômica, cultural, tecnológica é outra. Predominam nas marchas e ocupações as encenações, os dramas, e as representações visuais, visto que o que importa é atrair a atenção da grande mídia. Nelas, também temos pedagogias de aprendizagens, construção de saberes e o desenvolvimento de mídias próprias nos blogs e mensagens.” A ocupação foi realizada antes da prova do Exame Nacional do Ensino Médio para chamar a atenção da grande mídia com sua pauta de reivindicação. O exame estava próximo. Como era um assunto relevante para a sociedade, resolveram ocupar antes de acontecer para inviabilizar a prova, ganhar destaque nas principais mídias e, como consequência, ser uma forma de pressionar o governo sobre a pauta da ocupação, a não aprovação da PEC 55.

Os integrantes do Centro Acadêmico que foram entrevistados, relataram como aprenderam com a ocupação, seria um “intensivo” de movimento estudantil que os ajudaram a perceber e entender a universidade com outros olhos. Ramiro expressa isso na sua fala: “Foi na ocupação que eu realmente olhei para aquela universidade e disse é aqui que eu devia estar

e aqui que devo estar para poder viver o que vivi, conhecer as pessoas que conheci, ter contato com essas pessoas mais experientes. Mostrar possibilidades que antes eu nem imaginava que tinha. E aí, eu comecei a valorizar aquilo ali. E com aquilo comecei a vislumbrar o mundo e queria que outras pessoas também tivessem aquilo.”

Essa metodologia de ocupação foi influenciada culturalmente pelas ocupações dos secundaristas no ano anterior, mas principalmente por manifestações que aconteceram em ambientes públicos nos anos de 2011 e 2012. Podemos citar algumas dessas manifestações em 2011:

O fato concreto é que as manifestações de jovens em 2011 por meio de atos públicos, ocupações e marchas, chegaram a derrubar ditaduras, como a Primavera Árabe, em 2011, abalaram governos europeus desestabilizados por crises econômicas e ondas de desemprego, como Movimento dos Indignados, na Espanha, ou ainda, questionaram o modelo econômico-financeiro vigente, como o Movimento Occupy Wall Street, iniciado em Nova York e que se espalhou pelo mundo. Os manifestantes não têm utopias grandiosas, mas eles a têm. (GOHN, 2012, p.22)

A reivindicação não foi conquistada pelo movimento nacional de ocupação, mas tiveram demandas específicas que foram negociadas para que tivessem uma relação mais democrática com a Faculdade de Educação após aquela ocupação. Então, fica a pergunta: o canal de diálogo seria melhorado após esse momento de mobilização?

De acordo com SALES, 2017: “A PEC 241/55 foi aprovada em /12/2016, as reformas políticas continuaram, mas a experiência de luta ficou gravada na memória. Esses/as jovens que construíram as ocupações não ficaram à deriva, seus corpos se movem, e insistem em intervir e acreditar em projetos de mudanças mesmo nessa débil democracia, porque acreditam que “outro mundo é possível”.

Os integrantes do Centro Acadêmico que participaram da ocupação, nos relatos, afirmam que, após esse evento, existiu uma visão daquela realidade para eles e, conseqüentemente, passaram a aprender como jogar o jogo nas relações de poder dentro da universidade. Isso não quer dizer que a democracia melhorou drasticamente dentro da Faculdade, mas eles conseguiram ter elementos para estar dentro do jogo sem romantismos e com uma dose de realidade. Com um conhecimento fortalecido e entendimento desses interesses em jogo na universidade, “respingos” da ocupação aconteceram, depois de seis meses, com a campanha #meuprofessorsecreto. Nem o populismo docente⁴⁸ conseguiu segurar as articulações dos estudantes que se deram virtualmente e presencialmente.

⁴⁸ Segundo Beserra, Oliveira e Santos (2014, p. 164), “O populismo docente, no sentido que inspira esta reflexão, é uma prática de manipulação cujo objetivo é fazer crer ao aluno que, além da parcela de cultura ou conhecimento que lhe é prometida, ele está recebendo o amor e o carinho do professor.”

Acontecendo o mesmo que nas ocupações nas escolas secundaristas, a voz, antes mantida em silêncio, tomou coro nas reuniões, ações e mobilizações nas redes sociais.

O meu trabalho de campo iniciou nas aulas da turma de Antropologia da Educação, na qual fiz meu estágio à docência no Mestrado em Educação Brasileira, a que me referi anteriormente, várias reflexões foram desenvolvidas a partir do texto estudado⁴⁹. Os alunos narraram diversas situações constrangedoras que vivenciavam no curso de Pedagogia. Entretanto, uma narrativa chamou-me atenção, já que era o que estava mais incomodando os alunos naquele momento. Existia uma denúncia contra uma professora por um suposto assédio moral, e muito da apreensão desse grupo se dava por essa situação que eles estavam vivenciando, o que os deixava constrangidos e angustiados. Percebendo esse incômodo dos estudantes, senti-me sensibilizada. Procurei buscar mais informações do caso e nesse mesmo dia, a partir de conversas informais, indicaram-me que haveria uma reunião no Centro Acadêmico Paulo Freire, logo após a aula, para tratar do assunto.

A partir desse momento, comecei a acompanhar o caminho dessa denúncia e soube, pelos estudantes, de outros casos de abusos sexuais e morais que estavam acontecendo naquele momento, pois, após esse dia, iniciaram-se outras articulações, reuniões e organização estudantil em outros casos.

Somente ao longo da pesquisa, é que me dei conta de que o meu interesse também estava relacionado a abusos sexuais sofridos na minha infância. Como o silenciamento desse problema me causou danos com os quais convivo até hoje, vi nessa pesquisa uma oportunidade de ajudar a criar espaços para o acolhimento e proteção das vítimas. Também queria explorar o tema para entender que consequências o assédio, tanto moral como sexual, produz na formação dos futuros professores da educação básica.

Após essa aula, segui os meus interlocutores para entender o caminho que essa denúncia percorria na universidade para além das outras comentadas nos corredores. No mesmo dia, compareci a uma reunião no Centro Acadêmico que iria tratar sobre a insatisfação da turma com a Professora Inaê⁵⁰. Fui acompanhada de alguns alunos da turma para entender como o Centro Acadêmico e os alunos iriam resolver essa demanda. Ao chegar ao local, percebi que alguns alunos me olhavam indagativos: “quem é?” Expliquei qual o meu objetivo da minha presença e fui sendo aceita. No início da reunião, me apresentei e com o

⁴⁹ “Etnografando a sala de aula: contribuições da antropologia à formação de professores” (BESERRA; LAVERGNE, 2015).

⁵⁰ Nomes fictícios serão dados para preservar a identidade dos pesquisados.

consentimento dos integrantes fiquei no espaço, mas ainda assim percebi alguns olhares desconfiados.

Essa reunião iria tratar de várias demandas dos estudantes e não somente do caso sobre o qual os alunos haviam comentado na aula de Antropologia da Educação. O Centro Acadêmico era, então, organizado em comissões e a pauta era definida de acordo com essa organização. A comissão responsável para propor o debate da denúncia desses estudantes do terceiro semestre era uma espécie de “ouvidoria” estudantil. Essa comissão era composta por dois estudantes. Eles relataram que além dessa denúncia tinha outras que estavam chegando, o que deixava a demanda de trabalho muito grande. Precisariam tomar uma posição. O aluno George era um estudante do curso que já fizera parte do Movimento Estudantil nos anos anteriores, mas atualmente não fazia parte do Centro Acadêmico. Ele estava ajudando a turma que denunciava a professora Inaê e foi até lá para explicar como aconteceu o caso para os demais. Falou que os alunos não estavam satisfeitos com a didática da professora, que estava abusando do uso de dinâmicas nada condizentes com o conteúdo da disciplina.

“Foi assim no meio do semestre. Uma aluna me falou do caso. Falou que a professora toda aula fazia uma roda e chamava os alunos para essa roda e queria que toda mundo participasse e quem não queria participar não podia ficar sentada na sala. Então, eles se sentiam obrigados a participar! E aí, quando essa aluna me falou, a gente pensou primeiramente em levar para o CA a situação e ver o que eles poderiam fazer. Só que tomou uma proporção tão grande que todos os alunos estavam se sentindo mal com aquela aula do jeito que estava.”

Na reunião, George disse que estava sendo preparada uma nota para expor o caso e para ser apresentada aos estudantes, a fim de cobrar uma posição da faculdade. Durante a reunião, os presentes acordaram que o texto também citaria outros casos de assédios que estavam chegando ao Centro Acadêmico. Abaixo, a nota de repúdio escrita pelos estudantes disponibilizada pelo aluno George:

NOTA DE REPÚDIO

Os discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia, abaixo subscritos, vem por meio desta nota, manifestar o seu total repúdio aos atos de desrespeito praticado pelo docente Inaê, que, tem usado o tempo das aulas de tal disciplina⁵¹, para de maneira acintosa expor, ridicularizar e constranger alguns alunos, e de certa forma, a turma toda.

⁵¹ A exposição da disciplina não será divulgada afim do sigilo dos denunciados.

É preciso dizer que, antes dessa tomada de posição o CA expôs os últimos atos em sala, da docente citada na reunião de departamento, que nada deliberou. É importante também salientar que essa situação de assédio moral, de constrangimento não é algo pontual desta turma 2017.1 na Faculdade por diversas vezes o CA foi procurado por alunos manifestando essa mesma fala de denúncia, contra esta professora e contra outros, que, mesmo o CA tendo dado ciência desses fatos a direção da Faculdade não houve nem se quer uma campanha que expusesse claramente à comunidade acadêmica os malefícios de uma formação onde não haja respeito às pessoas, às mulheres, Fartos desses casos não irem para frente o único modo que encontramos foi trazer a público estas denúncias de assédio moral, assédio sexual, constrangimento mediante chantagem acadêmica e outros. Nosso intuito primeiramente e é de dizer um basta nisso e no segundo momento é fazer com que a comunidade acadêmica conheça esses professores e professora que não fazem o bom uso da docência pelo contrário usam em benefício pessoal e particular e sabendo da convivência dos seus pares sentem-se cada vez mais confortáveis para impor suas mais devaneadas opiniões, conclusões, postura partidária, mantem uma conduta imoral e amoral para com os alunos dentro e fora da sala de aula. Muitas denúncias não foram protocoladas antes devido a fatores que conhecidamente ocorrem nesses casos: medo de represália, vergonha, constrangimento, sentimento de culpa e por não se sentirem confiante na resolução destes casos. Tal atitudes desses professores e professoras, além de expor a tratamento vexatório os alunos, constitui, igualmente, ato contrário à natureza da própria instituição na qual a senhora acima citada exerce a docência, visto que a academia é, por excelência, o ambiente no qual o diálogo nem sempre favorece os diferentes de pensamento, deve ser buscado por todos e a todo momento uma didática que crie condições objetivas da boa convivência e da manutenção da essência acadêmica, que é a pratica e socialização dos saberes, sobretudo o saber científico.

É preciso que se reforce que este caso de assédio moral e que concomitante a este temos recebido várias denúncias de assédio sexual por parte de professores que já estamos colhendo prova para ser levado a ouvidoria, ao Ministério Público e também será publicizado para que chegue ao conhecimento de todos, pensamos que ao denunciarmos tais atitudes causamos minimante um desconforto nos assediadores e em contra partida encorajamos aos alunos para que a medida que surjam outros casos sejam também ouvidos por toda comunidade acadêmica

Por essas razões, exigimos retratação pública da senhora Prof.: Inaê, assim como a tomada das medidas cabíveis por parte do Conselho desta Faculdade de Educação . Ao mesmo tempo, reafirmamos nossa solidariedade com os alunos.

ASSINAR Abaixo-Assinado

Fonte: Fortaleza. Informações recebidas na pesquisa através de e-mail dos interlocutores, 2017.

Na nota, os estudantes já apontam detalhes que querem levar as denúncias a público e também já julgam as denúncias como assédio moral e sexual, além de pressionar as instâncias superiores a uma tomada de posição referente a esses casos que não são especificados na carta. Solicitam também que a Faculdade faça campanhas de conscientização para prevenir o assédio no meio universitário. Por não apresentar um relatório das denúncias embasados com provas, a nota reforça o denunciamento, que é perigoso, tirando o amplo direito de defesa do professor, que é assegurado no Regimento da Universidade Federal do Ceará, antes das denúncias serem levadas às instâncias administrativas. Isso dificulta o processo de acordo entre as partes envolvidas e possivelmente provas podem ser fortalecidas contra os estudantes para um processo futuro. Ao mesmo tempo, o texto é um “grito” dos estudantes para que sejam ouvidos, pois o reflexo de um docente que efetivamente comete assédio, seja ele moral ou sexual, ou até mesmo uma didática que não oferece elementos reflexivos, prejudicam o seu aprendizado como futuro professor ou, junto a isso, pode lhe trazer consequências psicológicas para toda a vida. Se essa denúncia se configura como assédio moral ou não iremos discutir mais à frente.

Entretanto, a nota não foi publicada, porque o Centro Acadêmico achou que não era justo a professora ser exposta antes de serem averiguados os fatos. ‘Por que a gente achou assim. Ela estava errada. Ela admitiu o erro. E ela disse que não faria isso mais. E aí a gente achou que não seria justo rasgar uma carreira que ela já está há não sei quantos anos ali e botar tudo por água abaixo.’ Explicou Ramiro, representante do Centro Acadêmico.

O Centro Acadêmico então realizou uma reunião com a coordenação e o caso foi levado para a chefia de departamento. Após isso, fecharam uma reunião com coordenação, chefia e professora envolvida no caso. Nessa reunião, apenas os docentes estavam presentes; não havia representantes dos estudantes. Ao final, Ramiro afirma que esse caso foi resolvido.

“A coordenação se omitiu em alguns casos e em outros colaborou também. Por exemplo: O caso da Inaê. Foi resolvido a gente falando com a coordenação. A coordenação foi até a chefe de departamento. E a chefe de departamento foi com a coordenação conversar com a Inaê. Aí, depois elas vieram até nós dar uma resposta. E a Inaê disse que ia mudar a didática dela e lamentava muito a turma estar pensando isso. E que depois disso ela não poderia mais dar a aula do jeito que ela acreditava. Por um lado, eu entendi a Inaê porque realmente... Porém, o que foi relatado eu achei um absurdo... Que a menina engatinhou... Eu até entendo essas coisas da energia, da espiritualidade, mas tem limites. A proposta pedagógica tem que ter relação com o conteúdo da disciplina. Tem que perceber o contexto dentro da Faced e não é sempre que se pode trazer essas novidades... Por mais que o professor tenha isso como inovação pedagógica, o contexto cultural não permite. Então, esse contexto ele deveria ser respeitado. A gente entendeu isso muito bem...E aí a Inaê se lamentou porque achava que estava sendo limitada na sua atuação docente.”

Outra aluna participante da disciplina, após os acontecimentos e articulações dos estudantes, falou-me sobre o que acontecia nas aulas. Frida mostrou-se muito insatisfeita com a didática e a postura da professora Inaê, mas ao mesmo tempo, essa insatisfação não permitia um diálogo com a docente, já que sentia medo porque, segundo ela, a professora tinha um histórico de reprovar os alunos que criticavam o seu modo de agir em sala.

Relato da aluna Frida sobre a postura da professora Inaê

1	Frida	A professora, no início de tudo, logo no primeiro dia de aula, ela falou que era super democrática e bem flexível com horário e tal. Porém, no decorrer da disciplina ela se mostrou totalmente diferente, né? E a metodologia era ler textos e falar sobre eles. Se você discordasse do que ela falava já era uma briga, entendeu? E isso era muito perceptível com um aluno que estava terminando a graduação e que estava enganchado nessa disciplina. Então, ele discordava totalmente dela e por várias vezes de certa forma constrangeu o aluno dentro de sala de aula, entendeu? Aí essa questão das dinâmicas... Eram dinâmicas sem sentido algum
---	--------------	---

		<p>e não tinha relação nenhuma com o conteúdo. Um exemplo: iríamos discutir a educação na ditadura, ela inventava uma dinâmica de passar energia vermelha com a mão.</p> <p>No início, as pessoas faziam porque não a conheciam muito bem e não sabiam como funcionava e tal, mas na metade do semestre o pessoal começou a questionar e pensar: "Peraí, ela está obrigando a gente a fazer uma coisa que não queremos e não condiz com o que penso".</p> <p>E não tinha esse negócio de recusar porque você tinha que ir, pois ela te constringia de verdade na frente de todo mundo.</p> <p>Então, a opção do pessoal era chegar sempre atrasado justamente para fugir desse negócio que me incomoda demais, entendeu?</p> <p>E eu não gosto de ficar calada, é um problema sério meu, porque eu arranjo briga com todo mundo.</p> <p>As dinâmicas eram sempre de passar energia e tinha que ficar com os pés retos e as mãos dadas e eu não gostava e não tinha nada a ver com a aula.</p> <p>No dia que teve um problema maior na construção da constelação familiar. Eu cheguei atrasada e fiquei lá fora. Eu vi só a Tâmara vindo muito atarantada da sala e todo mundo perplexo. E todo mundo saiu da sala: "meu Deus o que foi isso?" Todos sem acreditar no que foi aquilo, né?</p> <p>Aí foram falar que ela tinha feito uma tal de constelação familiar e</p>
--	--	--

		<p>que a Tâmara teve que imitar um bebê na sala e teve que abraçar um homem de uma forma altamente carinhosa sem conhecer o rapaz, entendeu? Teve que fazer uma posição de engatinhar na sala, entendeu? E ela obrigou a menina a fazer isso. Não tinha esse negócio de não quero. Tipo eu lembro que era um círculo, uma roda. E ela falou: “vamos fazer tal coisa hoje?” E perguntava: “Alguém quer fazer?” Ninguém quis e ela apontava para a pessoa e dizia “vai”... Só o olhar e a forma que falava já intimidava e ela tinha que ir, entendeu?</p>
2	Pergunta	Depois desse dia aconteceu várias vezes só com essa menina ou com outras pessoas?
3	Frida	Depois desse dia a sala ficou mais alerta e a gente começou a falar mais disso nos grupos e o pessoal começou a pensar em estratégias. Tipo chegar tudo atrasado entendeu?
4	Pergunta	Mas não rolou uma conversa da turma com ela sobre isso?
5	Frida	Não, porque todo mundo ficou com medo de falar. Porque principalmente pelo histórico dela porque o pessoal dizia, aí ela reprova... E tinha uma pessoa na sala que já tinha reprovado e tinha feito a cadeira dela duas vezes.
6	Pergunta	Depois disso o que foi que fizeram?
7	Frida	A primeira saída que a gente fez foi procurar o CA e contar toda a história. Inclusive, teve várias

		<p>reuniões só para falar sobre esse assunto. E ela soube desse movimento da gente e falou em sala que não queria conversinha da gente nos corredores e continuou com a postura muito ditatorial, mas sempre impondo. O CA, depois dessa nossa conversa, foi conversar com a coordenação. Fizemos uma nota coletiva sobre a situação e foi encaminhada para a coordenação.</p> <p>E não sei o que aconteceu, mas ela começou a marcar na sala eu, a Rogéria e o Fagner (que tinha repetido). Eu não sei se ela me marcou porque me via muito no CA...</p> <p>Então, tudo que a gente falava era errado e a gente não tinha entendido...</p>
8	Pergunta	Depois dessa situação com ela, teve uma conversa com a turma sobre isso?
9	Frida	Não.
10	Pergunta	E a professora continuou com as dinâmicas?
11	Frida	Não. Quem fazia isso eram os grupos dos seminários. E as dinâmicas dos grupos eram maravilhosas tinham tudo a ver com o tema estudado. Mas, tinha aquele olhar hierárquico dela para você. Tipo eu sou superior...

Fonte: Fortaleza. Informações recebidas na pesquisa através de entrevista, 2017.

Ela me contou que, de fato, as negociações do Centro Acadêmico com a Coordenação do curso resultaram na mudança de postura da professora em relação às dinâmicas de grupos, pois ela as suspendeu. Porém, não houve uma conversa franca com os

alunos, uma negociação entre adultos e continuou com a mesma postura autoritária: “Ela soube desse movimento que fizemos e falou em sala que não queria conversinha pelos corredores e continuou com a mesma postura ditatorial, sempre impondo tudo” – disse Frida.

A situação poderia ser resolvida com o diálogo e autoavaliação dos alunos e professores, proporcionado por uma mediação do docente, já que é de sua responsabilidade o ensino. Coleta e Miranda (2010, p. 5) expõem que, por ter uma capacidade técnica superior, o professor deve ter essa responsabilidade, não ter atitude que humilhe ou reprima os alunos e que estabeleça uma relação de prazer de aprender em sala. Para uma boa didática docente, ela deve ser reflexiva durante todo o processo, prevalecendo o ensino, aprendizagem e avaliação. Adotando essa postura “autoritária” mencionada pela estudante, a professora está fortalecendo o assédio moral nas universidades.

Podemos encontrá-los (os processos perversos de assédio moral) em todos os grupos em indivíduos podem entrar em rivalidade, particularmente nas escolas e universidades. A imaginação humana é ilimitada quando se trata de matar o no outro a boa imagem que tem de si mesmo; mascaram-se, assim, as próprias fraquezas e pode-se assumir uma posição de superioridade. (HIRIGOYEN, 2000, p. 217)

O aluno George teve outra visão desse processo de articulação. Considera que houve um processo de manobra em relação à atitude da coordenação para resolver os casos.

“E aí as duas coordenadoras se reuniram na sala e elas foram altamente dissimuladas dizendo que estavam do nosso lado, mas pedindo para a gente não fazer nada que elas iam fazer os trâmites normais, legais da faculdade, que era conversar primeiro com essa professora. Depois iam ver se era o caso de abrir uma sindicância. E falou que a gente estava correndo um sério risco se publicássemos alguma coisa no facebook, porque a professora podia processar a universidade. E então, como o grupo do CA era de pessoas muito novas, eles ficaram receosos de fazer alguma coisa e publicar essa nota. E acabou que não publicaram. Foi uma pressão muito forte que a coordenação fez com a aquela turma ali porque elas iam resolver. Aí o tempo foi passando e acabou que a professora percebeu que estava tendo um movimento contra ela. Diminuiu as dinâmicas de levar as pessoas para a roda para participar, né?”

É verdade que os alunos estavam em risco quando expusessem a denúncia a público, pois os professores têm um resguardo do regimento da UFC à ampla defesa, o que poderia acarretar um processo ao Centro Acadêmico e aos alunos envolvidos. A atitude dessas professoras foi preservar os alunos ou convencê-los a silenciar mediante a situação? Nessa relação de poder dentro da universidade, os alunos é que perdem porque as normas universitárias estão privilegiando os professores. Então, como confiar numa instância que

avalia essa denúncia já que são também professores? A única opção seriam essas atitudes extremas? Estavam dispostos a fazer uma denúncia pública apesar de todo o seu ônus na relação com os professores e universidade, fortalecendo assim o denunciamento? Com essa “manipulação da coordenação”, como afirma George, o sentimento de não ser resolvido o episódio levou à frustração dos alunos, pois só foi resolvido em “parte”, como afirmou a aluna Frida acima.

De acordo com Ferreira, (2013, p. 3), “Ações que ameaçam o ambiente de aprendizagem”, nesse caso o assédio moral, no caso da professora denunciada, se deu através da imposição de uma didática que, em vez de alcançar o objetivo do aprendizado dos conteúdos da sua disciplina, apenas constrangia os alunos. Os sentimentos dos alunos não eram expostos em sala de aula porque eles temiam retaliações já vivenciadas pelos que lhes antecederam, inclusive um integrante da turma que tinha sido reprovado duas vezes. Muitos alunos encontraram uma forma de fugir das tais “dinâmicas”: chegar atrasado. Mesmo assim, o incômodo gerou a denúncia aos representantes estudantis, que a levaram à coordenação e, na visão deles, resolveram a demanda. Já na perspectiva da estudante com quem conversei, o problema não se resolveu completamente, pois, embora a professora tenha parado com as “dinâmicas”, ela continuou com a mesma atitude autoritária de sempre. Na visão do estudante George, a quem me referi acima, a Coordenação “manobrou” para não lançarem a nota, protegendo a professora.

Após quase um mês da “solução” desse caso, no final do semestre, surgiu outro, desta vez de abuso sexual. Diferentemente do anterior, este realmente movimentou a unidade acadêmica, como se apresentará a seguir.

3.1 O caso “O meu professor secreto”

George relatou que, certo dia, chegando à Faculdade, uma amiga sua foi ao seu encontro bastante nervosa. Ela lhe contou que acabara de ser ofendida por um professor que, desde o início do semestre, dava indiretas e se insinuava. Desta vez, passando por ele, no corredor do bloco 1, quando não havia ninguém por perto, ele a chamou e, olhando para o celular como se estivesse observando uma foto dela em alguma rede social disse: “safadinha, hein”? Prossegue George:

“Quando ela me contou eu fiquei chocado porque achei muito direto, né? Mas, esse professor já era conhecido aqui na Faculdade por vários casos de assédio que ele já praticou. Me chocou não o nome do professor, mas a forma como aconteceu... Na

mesma hora já encontrei o Ramiro, que é do CA, e falei o caso e pedi para que ele convocasse uma reunião para discutir o caso e tomar providências. Como não tinha dado em nada o caso do assédio da professora, eu pressionei, né? E aí, na mesma hora, ele falou com a Diretora da Faculdade. Eles conversaram no corredor mesmo, resolveram abrir uma sindicância e também solicitaram uma reunião lá na Coordenação, com todos os envolvidos.”

Ramiro, representante do Centro Acadêmico, relata como foram as conversas com a diretora Miranda, logo após receber a denúncia de assédio:

“Ela primeiro falou com George sobre o que aconteceu. Aí, o George: Ramiro, venha cá escute aqui essa história... Aí a Callie relatou tudo. Ela disse que tava na Faculdade... Ela tava num espaço que estava chegando e o Professor Karev tava assim no celular como se tivesse olhando algo. Aí ele disse: Ei, Callie, tu tá bem safadinha aqui, né? Ela achou muito estranho esse comentário dele e se questionou como ele tinha acesso às fotos delas. Ela ficou toda temerosa e se sentiu assediada, né? Aí na mesma hora eu olhei assim pro lado e vi a Miranda. Aí eu cheguei nela e disse: “quero conversar um assunto urgente”. Aí, ela: “tá certo, tá certo”. Mas, temos que sair daqui? Eu falei sim. Chamei a Callie e relatei pra ela junto com a aluna. Aí a Miranda ficou toda assim, “calma eu vou... Eu vou”. Ela começou a se tremer todinha assim... Aí depois eu me liguei. Depois que a Callie saiu, ela me contou uma história muito cabeluda. Ela disse que já teve muitas brigas com o Karev. Aí eu percebi que ela tava com medo do Karev processar ela. Aí parece que foi briga feia. Do tempo que eles disputaram direção. Porque o Karev ganhou apoio da reitoria também e ela tb. Aí ficou uma disputa interna entre eles lá. Aí ela ficou com medo de ela não conseguir a direção. Aí ela foi bater no reitor e fez o reitor manifestar apoio por ela. Foi quando o Karev saiu da disputa da direção. Aí ela com o dedo todo se tremendo ligou para a Magie. E falou: “Magie⁵², tem como tu vir agora na sala? Catarina⁵³ tem como tu vim agora na sala?” Aí depois eu saí da sala.”

Ramiro, o representante do Centro Acadêmico, afirmou que conversou com Callie, a aluna supostamente assediada, para saber se teria havido algo que tivesse motivado o fato. Após ouvi-la, ele buscou ouvir outras alunas que também haviam sido “cantadas” pelo professor citado. Nenhuma delas quis denunciar. A situação, como um todo, virou o tema preferido das conversas nos corredores da Faculdade e o Centro Acadêmico se viu obrigado a se posicionar diante dela.

Após essa conversa em relação ao caso de Callie, o representante do Centro Acadêmico disse que conversou com ela para saber se tinha algo que teria motivado esse acontecimento. Também após essa denúncia de assédio sexual, Ramiro, enquanto representante estudantil, buscou junto aos estudantes se teriam denúncias do professor citado e houve vários relatos, mas nenhuma aluna quis levar adiante. Essa situação proporcionou um intenso debate nos corredores da faculdade em relação às denúncias de professores assediadores, levando a demanda para o Centro Acadêmico se posicionar diante da realidade.

⁵² Chefe do departamento do professor denunciado.

⁵³ Coordenadora do curso de Pedagogia (Diurno).

Relato do aluno Ramiro sobre a denúncia de assédio sexual

1	Pergunta	Depois dessa situação ele fez outra coisa com ela?
2	Ramiro	<p>Ela me disse outras coisas que não tinha dito para ninguém. É tanto que quando eu fui testemunha eu falei... A comissão me perguntou que isso não aconteceu do nada. Que isso deve ter acontecido algo que motivou a essa fala dele. Aí eu disse que ela me falou que quando chegava à sala de aula, sempre se sentia reprimida porque ele sempre olhava muito para ela. E aí teve um momento que ela se sentiu muito incomodada e revidou alguma coisa e ele não gostou e a partir desse momento ele ficou meio assim com ela. Aí ela acha que a partir disso que se originou isso. Aí eu contei isso no meu relato e aí eu comecei a pesquisar mais situações passadas... Aí ele tinha um currículo oculto. Vários relatos de situações passadas chegaram a mim. Tipo de situações de assédio... Tipo: eu tenho uma bolsa, mas eu troco por sexo.</p>
3	Pergunta	E como você descobriu isso?
4	Ramiro	<p>Pessoas. Meninas mais antigas. Pessoas que já estão saindo do curso. E pessoas da gestão passada. Comecei a perguntar para as meninas se elas já tinham vivenciando casos de assédio. E muitas relataram que sim. O</p>

		<p>estopim mesmo foi junho desse ano. Estourou muito caso de assédio. Muito... Aparecia demais! E aí, começamos a pensar no que fazer. Paramos tudo e aí realmente pensou em estratégias. No dia da denúncia, eu fiquei muito mal e com raiva e fiz um áudio para o grupo do CA solicitando que fizéssemos algo. Aí foi quando assim, eu morrendo de raiva, peguei assim as cartolinas, chamei as meninas e disse “vamos aqui fazer uns cartazes”. Aí começamos: Karev é abusador! Karev assediador! Aqui na faculdade tem assediador! Agora vamos fazer o seguinte. Nós não vamos dizer que foi o CA. Foi um grupo de mulheres que se rebelaram contra esse cara e escracharam esse cara. Chamaram as feministas radicais lá das Letras, nos aliamos e definimos que a ação ia ser 13h30. Fomos pregando tudo... Quando foi 13h40 / 13h50, já tava aquele burburinho. E aí a Catarina foi tirando os cartazes e foi no CA e foi aquela confusão. E aí todo mundo meio amedrontado. E aí a gente pensou logo que iríamos receber retaliações. Só que aí começou a surgir várias outras demandas. Aí surgiu outra ideia. Seriam três ações consecutivas: a primeira foi a dos cartazes, a segunda, o meu professor secreto, para relatar assédios nas</p>
--	--	--

		<p>redes sociais para poder fomentar ainda mais. Aí fizemos a lista de várias denúncias de assédios que recebemos. E aí publicamos na página do CA e aí quem era da gestão fazia um post com a #meuprofessor secreto e copiava algum assédio. Aí começou a se multiplicar a campanha. E aí foi quando o conselho da faculdade convocou a reunião extraordinária. Fomos notificados pela Miranda e ficamos com muito medo e toda aquela história e ficamos meio assim. Mas, acreditamos no que estávamos fazendo. E aí bola para frente. E aí continuamos... E aí vendo as reverberações. Isso mexeu muito com a estrutura dos professores. Muito. Você não tem noção! E aí quem era do CA naquele período e estava na sala de aula com os professores, aí foi as retaliações.</p>
--	--	---

Fonte: Fortaleza. Informações recebidas na pesquisa através de entrevista, 2017.

Interessante perceber que nesse último caso, o Centro Acadêmico resolveu tornar público, diferente do caso relatado anteriormente. Por meio de cartazes, o professor foi amplamente denunciado pelo assédio à aluna. Momentos depois dos cartazes começarem a ser pregados nas paredes da Faculdade, a ação foi reprimida pela coordenação do curso, sob a justificativa de que estava protegendo os estudantes, que estavam correndo o risco de serem processados pelo professor. Essa posição da coordenação se mostra semelhante à denúncia de assédio moral. Também de acordo com a outra coordenadora do curso de Pedagogia, os cartazes que foram colocados no banheiro foram retirados, pois algumas alunas, sem saber do que estava acontecendo, ficaram muito amedrontadas achando que teria um “suposto abusado” solto na Faculdade de Educação.

Insatisfeitos com a ação da coordenadora, os estudantes expuseram o seu nome no *Facebook* e em rodas de conversas divulgavam a sua ação, que consideraram autoritária.

Com o intuito de serem ouvidos pelas autoridades administrativas da Faculdade ou mesmo da Universidade, os estudantes fizeram a campanha “Meu Professor Secreto”, impulsionada pelo Centro Acadêmico para dar visibilidade aos assédios na Faculdade de Educação. A campanha consistia do seguinte: a pessoa que tivesse vivenciado ou ouvido falar de algum caso de assédio, relatava no seu *Facebook* sob a hashtag #meuprofessorsecreto. Dessa forma, facilitaria o mapeamento dos casos ocorridos naquela unidade. Entretanto, dos sessenta e três cópias que realizei da campanha não teriam somente denúncias, mas também apoios públicos de estudantes, opiniões de estudantes contra aos estudantes que realizavam essa exposição e dois professores dessa instituição comentaram sobre a campanha, um fazendo uma reflexão sobre a campanha ter uma tendência ao denunciismo, já que as redes sociais têm essa cultura de denunciar e expor pessoas sem provas e trazer ônus aos envolvidos. Logo após seu questionamento, vários alunos defenderam a campanha como a única forma deles serem ouvidos. Sendo denunciismo ou não, a campanha criada pelos estudantes ganhou grande repercussão entre professores e alunos e quase imediatamente ao seu lançamento, foi convocada uma reunião do Conselho Departamental para debater o assunto.

A campanha #meuprofessorsecreto foi criada através de uma ideia adequada a partir de uma atividade da monitoria, além da influência de outra campanha de denúncia sobre abusos sexuais que aconteceu nas redes sociais, como relata o aluno João:

“Nas redes sociais, a gente fez uma campanha que realmente foi uma campanha que surgiu de uma ideia, de uma atividade que a gente fez na monitoria, que era a ideia do meu professor secreto, que veio do meu amigo secreto, e também daquela campanha que as mulheres fizeram nas redes sociais de denunciar atitudes machistas e os abusos sexuais.”

Entende-se nessa fala do aluno que essa metodologia de atuação dos estudantes foi influenciada culturalmente pelas campanhas na internet de mulheres para denunciar atitudes machistas e abusos sexuais sofridos. Isso aconteceu em 2015 com dezenas de milhares de relatos de experiências de mulheres com as hashtag #meuamigosecreto #meunamoradosecreto.

Acredito que essa campanha também foi influenciada pelo aumento da discussão sobre o tema na sociedade, principalmente, com a campanha #metoo nas redes sociais, realizada pelas atrizes de Hollywood em 2017, para denunciar abusos sexuais no cenário do

cinema mundial. Além do aumento nos anos de 2015 a 2018 dessa discussão nas universidades brasileiras, com a criação de campanhas de prevenção do assédio sexual e moral. Em 2016, na Universidade Federal do Ceará, um grupo de estudantes de Publicidade e Propaganda e Jornalismo da UFC desenvolveram uma campanha sobre o assédio sexual contra mulheres⁵⁴. O debate da sociedade ganha corpo e aos poucos vai tomando as rodas de conversas na universidade. Em 2018, ganha a mídia uma denúncia contra um professor do departamento de física, pois essa aluna fez um boletim de ocorrência contra um abuso sofrido na frente dos seus colegas em sala de aula. A denúncia foi motivada por sua mãe delegada e o professor está afastado esperando terminar o julgamento do seu processo administrativo.

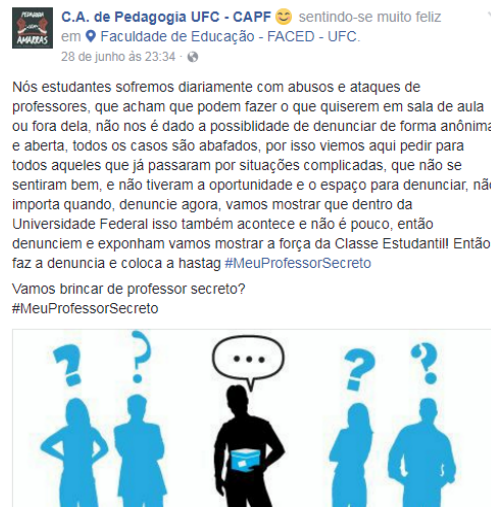
Essa campanha se configurou como uma “revolta”, (GOHN, 2013, P. 26), cita Badiou para mostrar como nesse século são divididas as revoltas em três tipos: “imediatas (destacam-se os jovens, com sua capacidade de reunir-se, mover-se, estabelecer invenções linguísticas e táticas, em um dado território), latentes (em que se criam diferentes tipos de resistências a ações de controle ou medidas impopulares, segundo o sentimento e subjetividade das pessoas, gerando uma unidade de tipo novo) e históricas (as que possibilitam novos estágios na história política). No caso da ação estudantil #meuprofessorsecreto, classifico como uma revolta imediata com o objetivo de mandar aos professores uma tomada de posição imediata diante das denúncias dos estudantes.

Segundo Coleta e Miranda (2010 apud Mafesoli e Guimarães, 2001, p. 4), existe violência institucional na escola e a universidade não fica fora disso, pois é um espaço que forma professores que farão parte da escola, além de se configurar como espaço de aprendizagem com relações sociais que expressam tensionamentos. Essa ação extrema se deu pela vontade de ser ouvido e romper com o controle da gestão universitária sobre as ações estudantis. Percebo que essa atitude dos estudantes tem uma forte influência da vivência que tivera na Ocupação, a qual utilizaram do seu poder “estudantil” para pressionar aquela unidade acadêmica. Como o Centro Acadêmico recebia uma série de denúncias que não teriam uma solução eficaz da gestão universitária, os estudantes fizeram da campanha #meuprofessorsecreto seu mecanismo de poder para pressionar a Faculdade de Educação por medidas a serem tomadas sobre o assunto. “Quando essa tensão é vivida coletivamente, ela assegura a coesão do grupo; quando impedida de se expressar. Transforma-se numa violência tão desenfreada que nenhum aparelho repressor, por mais eficiente que seja, poderá conter.”⁵⁵

⁵⁴ <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2016/8291-assedio-contra-mulheres-e-tema-de-campanha-publicitaria-promovida-por-estudantes>

⁵⁵ (GUIMARÃES, 1996. Disponível em www.dhnet.org.br. Acesso em 25 set. 2001).

Imagem 2 – *Print* de divulgação da campanha iniciada pelos estudantes.



Fonte: Centro Acadêmico de Pedagogia da UFC. Centro Acadêmico Paulo Freire - CAPF [Facebook], 2017.

Diante da repercussão da campanha, logo em seguida, foi marcada uma reunião do Conselho da Faculdade para instaurar uma sindicância sobre essa denúncia, já que a aluna quis levar adiante o processo. A reunião iniciou atrasada e tinha cerca de quinze professores e vinte quatro alunos da graduação e da Pós Graduação presentes. A diretora iniciou a reunião dizendo que deveria ser rápida a formação da comissão de sindicância. A diretora queria explicar o caso que tinha acontecido, depois formar a comissão e terminar a reunião. Entretanto, os alunos pediram para falar e queriam debater melhor o tema antes da formação da comissão. Teve certa resistência para abrir o debate, mas a insistência dos estudantes ajudou no processo de mudança da metodologia da reunião. O início da reunião foi bastante intenso, pois na fala da professora Magie, que se opunha aos estudantes, ela insistia que eles queriam destruir a imagem da Faculdade, que era muito respeitada pela comunidade acadêmica. Depois da sua fala bastante explosiva, ela se retirou da reunião, negando-se a participar do debate com os presentes. A reunião continuou com relatos de assédios por parte dos estudantes, houve algumas falas de apoio dos professores aos estudantes e também tensões no debate entre professores e alunos. Após mais de duas horas de reunião, instaurou-se a comissão de sindicância com três professores para apurar os fatos da denúncia de Callie.

Com a comissão de sindicância instaurada e depois de escutar a aluna e o professor com suas respectivas testemunhas, o professor foi inocentado por falta de provas. A

aluna que fez a denúncia de assédio sexual se recusou a participar da entrevista para esta pesquisa, já que o caso, na sua opinião, prejudicou a sua vida estudantil. Tendo em vista que a maioria dos professores sabia que ela tinha realizado a denúncia e, segundo ela, sofreu diversas retaliações, mas não quis especificar.

Durante os acontecimentos em torno das denúncias, o representante do Centro Acadêmico que estava acompanhando o processo, afirmou que após as posições e articulações que tomaram começaram a receber represálias em outros espaços da universidade, como em aulas. Ramiro também era Bolsista da professora Catarina, Coordenadora do Curso de Pedagogia, e a relação deles começou a ficar bastante desgastada, após o Centro Acadêmico cobrar dos professores uma posição em relação aos casos de assédio:

“Eu lembro que a minha relação como bolsista da Catarina foi horrível. E depois disso foi ficando pior porque o nome dela foi escrachado na internet por George e Robson. Eu era bolsista dela e representante do CA. Ela personificou a situação porque era representante dos estudantes e nas reuniões dos bolsistas era briga muita briga entre eu e ela. E uma vez na frente dos bolsistas ela se descontrolou totalmente e “me botou na parede”. A Rochele que era a Vice- Coordenadora começou a chorar. Falou: “Ramiro a gente só quer paz”. E eu assim olhava. “Valha o que é isso?” Eu não tava entendendo nada. Por que elas estavam gritando comigo? Afetou o psicológico delas. Na hora eu fiquei assim e os meninos tudo olhando pra mim assim... E aí eu... “O que é que eu faço?” Eu disse assim: “Catarina, se você me permitir falar”. Aí ela não permitiu. Foi quando a Rochele falou: “Catarina, deixa o Ramiro falar”. E eu tentei ficar bem tranquilo. Eu falei: “Catarina, tenha calma... Vamos conversar”. Aí eu disse: “Primeiro eu quero pedir desculpas a todos os bolsistas que estão aqui que não tem nada a ver com essa história”. E aí ela me interrompeu e disse: “Ramiro, eu sou transparente com o que eu faço. As minhas posições são transparentes. Eu não preciso estar escondendo nada”. Aí eu só olhando... “Gente, eu quero pedir mais uma vez desculpas... Isso não tem nada a ver”. E aí eu fiquei mais chateado ainda com ela. E aí eu me desmotivei de uma forma nas atividades da Faculdade. Porque aí foi quando baixou o meu rendimento acadêmico. Eu não conseguia mais entregar os trabalhos em dia. Eu não conseguia mais ir para as aulas com aquele tesão que eu tinha antes. Porque eu gostava, mas eu me desmotivei totalmente. Totalmente! Até hoje alguns trabalhos eu consigo, mas é com muito esforço. Muito esforço mesmo! Eu não consegui pegar mais o fio da meada para entregar esses trabalhos em dia. E aí a bolsa com a Catarina, eu comecei a... Ahhh, jogar as responsabilidades... Tinha coisa que ela mandava eu fazer e eu não fazia. Só para fazer o mal... Só para ela entender que não me controlava. Para ela aprender! Na hora que ela dizia assim: “Ramiro tem um artigo. Bora fazer?” Eu: “Booora!” E aí eu não fazia ou fazia de qualquer jeito. Ela ficava puta comigo. E aí eu falava: “Catarina eu não tô bem. Não tô conseguindo fazer!” E aí ela tentando entender. Só que aí eu tava tentando mostrar a ela que ela não estava me escutando. Ela não me escutava. Quando eu falava ela cortava. Não deixava eu concluir. Aí eu ficava com muita raiva porque ela já tirava o julgamento dela e não me escutava. Ela misturou as relações totalmente e eu também misturei. É difícil saber separar também coordenação e a gente era do CA. E a gente acusando pessoas. A coordenação se omitiu em alguns casos e em outros colaborou também.”

Em relação a esse segundo caso, de provável assédio sexual, percebemos uma posição mais incisiva da representação estudantil no que se refere à cobrança de resolução do

problema vivenciado pela aluna. Mas não apenas isto. Antes mesmo de as autoridades tomarem as suas providências, os próprios estudantes já o fizeram denunciando o caso através das campanhas acima referidas. A campanha realizada na internet deu voz a algumas denúncias e auxiliou na pressão para cobrar da administração da Faculdade atitudes mais claras e regras mais dinâmicas em relação aos assédios. Entretanto, não teve o poder de convencer os alunos “assediados” a levar suas denúncias às instâncias oficiais da universidade, no caso, Coordenação de curso, Ouvidoria e Comitê de Ética. Sobre a denúncia do suposto assédio sexual, as provas não foram consideradas suficientes pela comissão de sindicância instituída para apurar o caso, o que é comum, uma vez que abusos sexuais raramente são públicos. No final, quando se trata de abordagens face a face, é sempre a palavra da vítima contra a do denunciado, num contexto no qual a fala do professor vale mais. Após a campanha os estudantes, puxaram duas assembleias estudantis para tratar do assunto, entre outras questões estudantis. Compareci às duas, somente a da manhã teve público e um número bastante reduzido de aluno, a noite não teve o evento por falta de público. Um trecho do meu diário de campo do dia 04 de Julho de 2017, revela como estava o ambiente estudantil naquele momento após a campanha e a reunião do conselho departamental:

“Cheguei à FACED um pouco atrasada para a assembleia dos estudantes puxada pelo Centro Acadêmico em relação aos assédios, por conta do cansaço do dia anterior instaurado por um dia cheio de reunião e discussões acerca dos assédios da universidade. Já eram quase dez horas da manhã e não tinham iniciado a discussão que estava prevista de iniciar as 09:00. Esperei com um amigo na cantina durante um tempo considerável e só percebi poucas pessoas do CA organizando o espaço e o som do local que seriam realizados esse debate. Os outros estudantes estavam em suas respectivas salas de aula. O clima após a reunião do Conselho sobre os assédios era de “tranquilidade” pelo menos o que era perceptível aos olhos. Não percebi uma articulação maior dos estudantes mesmo com uma passada em sala dos integrantes do Centro Acadêmico para mobilizar os estudantes para aquele evento. A percepção de desmobilização real desses jovens. Fiquei me perguntando se essa desmobilização estava ligada ao final do semestre ou ao medo de debater esse tema abertamente?”

Os alunos ficaram insatisfeitos com o resultado da apuração do caso e, além de não acreditarem nas instâncias da universidade que investigam os assédios, passaram a ter uma impressão bastante negativa dos professores em posição de administração que tomaram as providências em relação à denúncia; consideram que suas atitudes e discursos se desenvolvem sempre no sentido de proteger a categoria. Afinal, além da constrangedora “cantada” do professor, que, em si, não configura “assédio sexual”, a aluna também se sentiu constrangida por ter tido a sua identidade revelada publicamente e passar a ser olhada de modo diferente por professores e alunos igualmente. Dissemos acima que a “cantada”, em si,

não se constitui em assédio sexual, porém, de acordo com ela, aquela “cantada” havia sido apenas uma das tantas investidas daquele professor contra ela, o que configuraria, de acordo com as conceituações mais aceitas, tanto assédio sexual como moral. De todo modo, não é esta a questão central do trabalho, mas a de acompanhar o caminho e o destino desse tipo de denúncia na universidade. Ou seja, até que ponto a universidade pública, nas suas práticas cotidianas, motiva e dá suporte à formação cidadã?

Com a pressão estudantil, professores ficaram divididos entre mostrar a importância de se iniciar uma sensibilização do corpo docente e discente, e outros com receio de falar sobre o assunto e fomentar outra ação dessa proporção. Ainda acompanhando os passos dos representantes estudantis, eles comentaram que a gestão da faculdade estava querendo um diálogo maior acerca do tema assédio. E alguns professores teriam feito falas de que era necessária essa sensibilização para essa prática cultural diminuir nos espaços universitários. Porém, mesmo com a insistência do Centro Acadêmico, esse tema teve resistência em entrar na Semana de Introdução dos Calouros e nada se foi falado com esses novos estudantes sobre o assunto. É importante destacar que os alunos dos anos iniciais são os mais atingidos por essas práticas de assédio sexual e moral, além de uma prática docente não reflexiva, pois ainda não têm a vivência cultural e a maturidade para lidar com essas questões. Seria esse momento uma boa oportunidade para trazer uma formação ou palestra sobre isso para chegarem à universidade atentos.

Entretanto, em 2018, houve dois eventos que puxaram essa discussão com mesas sobre assédio. Uma realidade na semana de pedagogia, que foi organizada pelo Centro Acadêmico e outra no Fórum de Pedagogia, organizada pela coordenação da Pedagogia. O primeiro evento organizado pelos estudantes teve a minha participação na mesa, apresentando certos aspectos da minha pesquisa que estava em andamento, além de outros debatedores. Percebi que o auditório teria menos alunos que nos outros dias do evento, que debateria sobre outros temas. A presença somente de três professoras: duas coordenadoras do curso e uma professora da Faced, que estaria começando a pesquisa sobre esse tema, como mencionei na história de João. Apesar do número de alunos, o debate sensibilizou para que eles falassem sobre o assunto e as situações constrangedoras que já tinha passado na universidade. Somente duas professoras falaram, mas não questionaram nada do debate. Fizeram uma fala “politicamente correta”, tentando mostrar a importância do tema e as ações que aquela unidade acadêmica estaria fazendo para o diálogo ser fortalecido, além de prevenir esses tipos de ações na Universidade. O tom da voz das professoras mudou após o embate com os estudantes na reunião do conselho departamental. Esse tom consistia em tentar “conciliar”

para “prevenir” essas ações. Mas, que ações a longo prazo a gestão universitária iria fazer para prevenir esse tipo de situação na Universidade? Não estava claro. Essa fala das professoras parece apontar para dois caminhos: é um discurso para “acalmar” os ânimos dos alunos e evitar outro tipo de situação como a campanha #meuprofessorsecreto e/ou um reflexo de não saber lidar ainda com essa situação dentro do âmbito universitário. O segundo evento, “Fórum da Pedagogia”, aconteceria nos turnos da manhã e noite, mas somente se efetivou no turno da manhã, ainda com um número reduzido de alunos e quase nenhum professor. O motivo, segundo a coordenadora, é que os professores não liberaram os alunos para o evento.

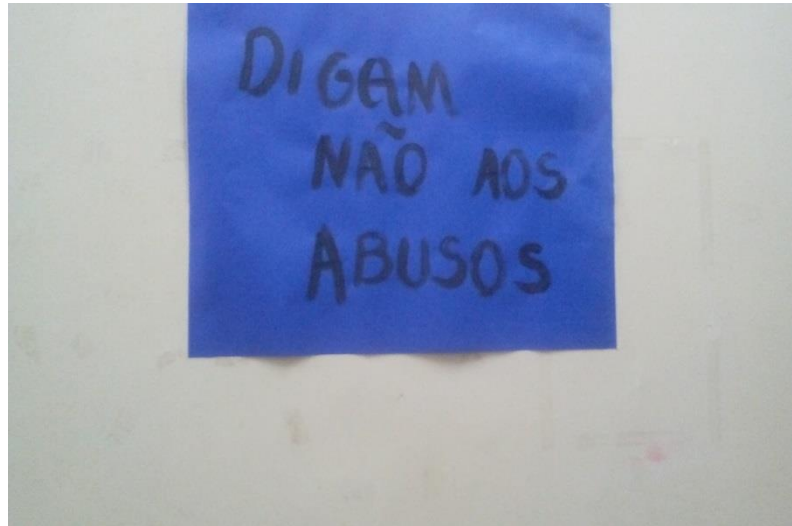
Essa atitude mostra ainda uma frágil sensibilização dos professores para fortalecer esse debate entre os alunos. Por que outros temas da educação são mais importantes do que o debate sobre as denúncias contra professores? Por que é tão difícil avaliar a realidade a cultura local? Medo de ser avaliado e dar de cara com suas fraquezas ou omissão? Seria um bom momento para entender sobre o tema e ajudar a melhorar a cultura local que está inserida professores e alunos. As debatedoras trouxeram informações sobre como o assédio era praticado na sociedade e na universidade e foi bem esclarecedor. Mais uma vez, nas falas dos alunos, vários casos de situações constrangedoras foram explicitados e o debate se alongou mais que o tempo programado.

Imagem 3: Cartazes da Andes nos corredores da universidade.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 4: Cartazes produzidos pelos alunos nos corredores da universidade



Fonte: Arquivo pessoal.

3.2 Percurso institucional para se realizar uma denúncia na universidade

Para realizar uma denúncia na Universidade Federal do Ceará utilizando os meios institucionais, o aluno pode dirigir-se à Ouvidoria Geral⁵⁶, que se localiza no Bairro Benfica. Nesse local, pode-se ser registrado outros tipos de manifestação do aluno, como destaca a página da UFC⁵⁷: “Sugestão: proposição de ideia ou formulação de proposta de aprimoramento de políticas e serviços prestados pela Administração Pública federal; Elogio: demonstração ou reconhecimento ou satisfação sobre o serviço oferecido ou atendimento recebido; Solicitação: requerimento de adoção de providência por parte da Administração; Reclamação: demonstração de insatisfação relativa a serviço público; e Denúncia: comunicação de prática de ato ilícito cuja solução dependa da atuação de órgão de controle interno ou externo.

⁵⁶ Endereço: Av. da Universidade, 2995 - Benfica - CEP 60020-181 - Fortaleza - CE (Área III do Centro de Humanidades)

Telefone: (85) 3366 7339 / 3366 7344

⁵⁷ <http://www.ouvidoria.ufc.br/como-utilizar-a-ouvidoria/>

Se o discente, docente ou técnico administrativo preferir não se deslocar até o local físico da ouvidoria⁵⁸, pode utilizar o Sistema de Ouvidorias do Poder Executivo Federal⁵⁹. Identifique que tipo de manifestação quer registrar, depois escolha o órgão que quer enviar essa manifestação e especifique o assunto. Poderá, além de descrever o que deseja manifestar, também incluir anexos (fotos, documentos de texto) se assim tiver. Nesse sistema, existem três formas de se identificar: Sem restrição (caso deseje se identificar); Com restrição (É identificado na manifestação, mas solicita para que o texto siga ao órgão sem a sua identificação); Anonimamente (Não se identificando no ato da manifestação). No caso da manifestação anônima, o solicitante não recebe um número de protocolo para acompanhar a manifestação e o texto somente é encaminhado quando verificada a veracidade das informações. Também se deve justificar quais motivos levaram o usuário a manter o anonimato. O prazo para receber resposta é de vinte dias.

A denúncia também pode ser feita via Faculdade de Educação e deve chegar por escrito na coordenação do curso, se houver provas anexadas. Identificado o professor, a coordenação chama a Chefia de Departamento a qual ele pertence. Em seguida, solicita uma reunião com o professor denunciado em que estejam presentes Chefe de Departamento e Coordenação para expor a denúncia e, através de um diálogo, serem tomadas as providências. Se não resolver dessa forma, a denúncia segue para a reunião do Conselho da Faculdade de Educação que será instaurada uma comissão de sindicância cuja composição é formada por três professores escolhidos nessa reunião.

Essa comissão irá receber denunciante e denunciados, além de testemunhas a favor e contra, e irá elaborar um relatório dos fatos para ser encaminhado ao Reitor. A comissão não tem o poder de julgamento, mas de relatar os fatos que devem ser registrados em relatório para que possa ser analisado pela reitoria e a partir daí abrir um inquérito administrativo ou não. O denunciado tem assegurado a ampla defesa como o Artigo 215-E do Provimento Nº 04/CONSUNI, de 30 de outubro de 2017⁶⁰.

Ainda de acordo com o Provimento Nº 04/CONSUNI, de 30 de Outubro de 2017, se o processo for encaminhado à reitoria e a denúncia tiver elementos suficientes para prosseguir dentro da universidade, o Reitor instaura a comissão de sindicância e o processo

⁵⁸ Segundo o site da ouvidoria da UFC: A Ouvidoria também recebe atendimentos presenciais de segunda-feira a sexta-feira, no horário de 8:00 hrs às 12:00hrs e de 13:00hrs às 17:00hrs, podendo os usuários ligar para agendar um horário a fim de falar diretamente com a Ouvidora, se assim desejarem.

⁵⁹ <https://sistema.ouvidorias.gov.br/publico/Manifestacao/RegistrarManifestacao.aspx>

⁶⁰ Acesso ao provimento:

http://www.ufc.br/images/files/a_universidade/consuni/provimento_consuni_2017/provimento04_consuni_2017.pdf

administrativo. Podem participar dessa comissão os dirigentes das Unidades Acadêmicas, dos órgãos suplementares⁶¹ e Pró-Reitores. Se o servidor Técnico-Administrativo ou Docente for culpado, pode sofrer as seguintes penalidades: advertência por escrito, suspensão que não pode exceder noventa dias, destituição do cargo, demissão por justa causa, cassação de aposentadoria.

⁶¹ São eles: Biblioteca Universitária, Central Analítica, Escola Integrada de Desenvolvimento e Inovação Acadêmica, Memorial UFC, Museu de Arte, Seara da Ciência, Secretaria de Acessibilidade, Secretaria de Cultura Artística, Secretaria de Governança, Secretaria de Tecnologia da Informação

4. CONCLUSÃO

4.1 “Ponto final?”: conclusões e consequências de denúncias nos espaços de formação docente

A minha intenção com esta pesquisa foi apresentar os elementos para o desenvolvimento de uma reflexão sobre um tema bastante negligenciado pela administração da Faculdade de Educação: o das queixas e denúncias de alunos contra professores. Ele se justifica de modo semelhante àquele como Beserra (2016) justificou a escrita do livro “Dos riscos da diferença: Etnografia de um percurso acadêmico”, ou seja, acredito que um estudo como este “ajudará a iluminar o planejamento de uma universidade mais em sintonia com a nação que a abriga (...) Uma universidade mais consciente dos entraves dos jogos de poder locais e mais efetivamente comprometida com a educação do povo brasileiro e, desse modo, mais a serviço da construção de uma sociedade mais democrática (...) (BESERRA, 2016, p. 23).

O trabalho da observação participante, por meio dos princípios básicos da Antropologia da Educação, levou a uma percepção crítica da universidade e seus sujeitos. A pesquisa sobre a ótica dos estudantes levou-me a investigar, através de um recorte dos entrevistados e suas histórias de vida, para contribuir na análise das suas ações dentro da unidade acadêmica e fazer uma comparação com a minha história de vida, o que me ajudou a reconhecer a mim mesma dentro dessa pesquisa e a reconhecê-los. O perfil dos sujeitos da pesquisa constitui-se de três mulheres e três homens.

Os sujeitos pesquisados foram surgindo no decorrer da campanha *#meuprofessorsecreto* e se dispuseram a ser entrevistados. Infelizmente a estudante que motivou essa ação da exposição pública da denúncia não quis ser entrevistada, pois essa denúncia, que gerou a comissão de sindicância na Faculdade de Educação, a expôs bastante. Como o caso foi arquivado por não ter provas suficientes para ser levado adiante, conseqüentemente, gerou medo de represarias. Inclusive, ela afirmou que já estava se efetivando esse medo.

Anterior à campanha em favor à cultura da denúncia na Faced, comentários sobre situações de assédio eram efetivados na “rádio corredor”, quer dizer, nas rodas de amigos, mensagens em grupos de whatsapp, motivada pela cultura do silêncio⁶².

⁶² Constrangimento aos alunos com ações e conversas daqueles que tinham “medo” que a denúncia da sua postura docente constrangedora, irresponsável e desrespeitosa, afetasse sua carreira e seu status.

Em relação aos estudantes entrevistados⁶³, podemos levantar alguns aspectos em comum sobre sua história de vida e a relação com o que vivenciaram na universidade. A faixa etária dos entrevistados ficou entre 19 a 36 anos, período da vida entre a juventude e vida adulta de grandes transformações pessoais e culturais. Todos, inclusive eu, têm origem popular, e/ou já viveram na periferia de Fortaleza, e geralmente suas famílias e eles são advindos do interior do Ceará. O motivo principal de estar morando na cidade é a busca por melhores condições de vida. A falta famílias com baixa escolaridade quiseram uma vida melhor aos seus filhos e depositaram na educação uma esperança para que isso se efetivasse. Não necessariamente entraram na universidade porque queriam ser professores, mas porque queria entrar na universidade. Acredito que essa vontade tenha sido influenciada pela “crença” da família na educação que nunca tiveram e proporcionaram aos filhos.

Os estudantes romantizavam a universidade como um espaço “imaculado”, onde não aconteceria esse tipo de violência, e diante dessa concepção, quando existia a percepção contrária, “caiam na real”, alertando sobre essa realidade e, com isso, tiveram consequências positivas e/ou negativas. Todos relataram que passaram por situações constrangedoras na universidade e a maioria (cinco deles) vivenciou esses episódios no início da graduação, quando não compreendia ainda o ambiente acadêmico. Somente uma entrevistada vivenciou esse episódio no fim de sua graduação.

Os relatos de abuso sexual vivenciados pelas três mulheres entrevistadas e a aluna que desencadeou a campanha *#meuprofessorsecreto* têm pontos em comum: as denúncias muitas vezes não oferecem as provas julgadas adequadas pelas instâncias de apuração, já que a maioria dos casos relatados ocorre em ambientes de pouca movimentação, inexistindo testemunhas; o assediador após o ato passa a ter medo de a vítima denunciá-lo evitando-a; gerou danos psicológicos: na autoestima, no medo de vivenciar as mesmas situações de novo, no medo de voltar ao espaço da violência e no impacto no seu rendimento acadêmico. Entretanto, teve alguns efeitos positivos como: reconhecendo a situação de violência por meio do conhecimento e/ou das ações do movimento estudantil, conseguiram se fortalecer para identificar outras situações de violências vivenciadas no cotidiano, aprendendo a lidar com elas.

Os entrevistados que participaram ou participam do movimento estudantil relataram que esse espaço ajudou no entendimento da cultura institucional e das relações de

⁶³ Três mulheres e três homens.

poder da universidade, fortalecendo-os na representação dos estudantes para o combate dessas violências na Universidade.

A campanha #meuprofessorsecreto proporcionou um debate sobre a denúncia na instituição: em reuniões, corredores, aulas, eventos. Como produtos desse processo, aconteceram eventos organizados pelo centro acadêmico e coordenação, mas com uma participação baixa de estudantes, desmotivados ainda pelo medo de exposição. Entretanto, nesses eventos, apesar do número baixo de estudantes, no debate, houve inúmeras declarações sobre as situações constrangedoras vividas por eles. Essa ação pública extrema proporcionada pelos estudantes utilizou o poder da exposição para ultrapassar as barreiras do corporativismo docente e colocar a denúncia como pauta dentro da instituição. Com essa campanha, além de ter mostrado denúncias que se configuram assédio moral e sexual, evidenciaram-se outras que não passavam de uma postura irresponsável com o exercício da docência, fortalecendo uma atitude desrespeitosa em sala de aula. Também trouxe a partir do “fogo” do momento divergências entre alunos e professores, além do denunciismo, ligado ao aspecto cultural de campanhas promovidas pela internet. Nessa ação, em redes sociais, o denunciado por vezes é exposto sem antes ter o direito de defesa, mesmo fazendo publicações que mantêm o nome em sigilo, mas não deixa de tornar pública a denúncia. O denunciismo motivado por essa falta de conhecimento sobre a temática do assédio é perigoso. Uma educação universitária que na sua cultura institucional não fortalece uma educação cidadã e reflexiva, conseqüentemente, proporciona um espaço com conflitos e violências entre alunos/professores e professores/aluno, alimentando atitudes extremas como o caso da campanha #meuprofessorsecreto, que ao mesmo tempo que fortalece o denunciismo, é um “grito de socorro” e uma tentativa de se proteger utilizando desse seu poder da exposição pública para entrar no espaço de negociação de suas demandas como os professores, pois não têm dúvidas em relação à gestão das instâncias gestoras e administrativas da Universidade.

As fortes influências culturais e históricas da mudança da sociedade e de como os movimentos sociais estão se organizando atualmente contribuíram para que a denúncia passasse do silêncio a se tornar pública. Em outros anos, sem a tecnologia, novas dinâmicas dos movimentos sociais e da exposição em outros setores da sociedade do debate sobre assédio não teriam acontecido. As ocupações e campanhas para pressionar governos e trazer à tona violências de direito e da pessoa humana foram primordiais para influenciar essa ação dos estudantes. Entretanto, esse tipo de organização política da juventude principalmente influenciada pela tecnologia e redes sociais ainda não se fortaleceu para a consolidação de ações em longo prazo e presencialmente, pois existe uma grande repercussão por ser rápida a

disseminação da informação da internet e depois presencialmente não desenvolve tão intensamente. Falta direção e/ou formação? O que lhes faltam para manter a chama das mobilizações e articulações?

Podemos constatar, que nem todas as tensões causadas pela relação de poder de alunos e professores são consideradas assédio, pois o espaço do conhecimento é motivado por tensões e divergências de ideias e concepções, fazendo parte da aprendizagem.

Diante da observação e dos relatos desses alunos pude perceber que grande parte dos professores fortalece uma rede de proteção aos seus pares, desmotivando os alunos e motivando a continuidade desses crimes. Como consequência, existe uma falta de confiança dos alunos nessas instâncias administrativas de apuração, e isso se dá porque a universidade ainda não criou um mecanismo efetivo de avaliação e averiguação das denúncias de professores/alunos. A averiguação dessas denúncias, por serem efetivadas por seus pares e não ter um olhar externo, fortalecem esse sentimento de impunidade. Como um professor que está no mesmo patamar de poder irá julgar o outro? A não procura das instâncias responsáveis para denúncia no caso da UFC, a ouvidoria e a Coordenação, se dá por esse motivo e também porque o sentimento de “impunidade” se fortalece por outros casos não serem resolvidos.

REFERÊNCIAS

- ANDRE, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2008.
- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- BESERRA, Bernadete; LAVERGNE, R. F. **Racismo e educação no Brasil**. Recife: Ed. UFPE, 2018.
- BESERRA, Bernadete; GUSSE, Alcides; SALES, Yuri. **Experimentações etnográficas em antropologia da educação**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.
- BESERRA, Bernadete. **Dos riscos da diferença: etnografia de um percurso acadêmico**. Fortaleza: Edições UFC, 2016.
- BESERRA, Bernadete; LAVERGNE, R. F. Etnografando a sala de aula: contribuições da antropologia à formação de professores. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 27, n.1, p.72-101, dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas>>. Acesso em 9 abr. 2017.
- BESERRA, Bernadete; OLIVEIRA, Kelly; SANTOS, Carolina. Entre o populismo docente e o dom da fala discente. **Revista Dialectus**, Fortaleza, v. 2, n. 5, p. 151-166, dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/dialectus>>. Acesso em: 25 mai. 2017.
- BESERRA, Bernadete; ANDRADE, Jakeline. A escola e o discurso da diferença: o caso de uma escola de 1º. grau em Fortaleza. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, v. 21, n. 41, p. 16-29, 2001.
- BESSERRA, Bernadete. Itinerários de uma escolha: um memorial. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, ano 22, v. 2, n.40, p. 128-137, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; Catani, A. (Orgs). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Vozes: Petrópolis, 1998. p. 39-64.
- BOURDIEU, Pierre. PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. PASSERON, J. C. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis, UFSC, 2015.
- CAMPANHA #meuprofessorsecreto. Sentindo se muito feliz em Faculdade de Educação FAGED-UFC. In: **C.A. de Pedagogia UFC CAPF[Facebook]**: Disponível em: https://www.facebook.com/pg/capfufc/about/?ref=page_internal. Acesso em: 28 jun. 2017.

CELEDÔNIO, D. B. **A cultura da produção científica na periferia: efeitos da avaliação CAPES em Programa de Pós-Graduação em Educação.** 2015. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** Petrópolis: Vozes, 1981.

DAUSTER, Tânia (Org.). **Antropologia e educação: um saber de fronteira.** Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2007.

FREITAS, Lorena. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, Jessé (Org.). **A ralé brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 281-304.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas,** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUSSI, Alcides. A Antropologia e a formação de professores. **Revista Educação e Cidadania,** Campinas - SP , v. 1, n. 2, 2001.

GUSMÃO, Neusa M M. **Antropologia e educação: origens de um diálogo.** Cadernos CEDES, Campinas SP, v.18, n.43, 1997.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio moral: a violência perversa do cotidiano.** 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

LARAIA, Roque B. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

LA PLATINE, François. **A descrição etnográfica.** São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996

MCLAREN, P. **Rituais na escola: em direção a uma economia política dos símbolos e gestos na educação.** Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEIRA, Amurabi. A antropologia e a formação de professores. **Revista Cocar,** Belém, v. 8, n.15, p. 23-30/ Jan-Jul.2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. **Revista de Antropologia,** São Paulo, v.39, n.1, p. 14-37, 1996.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 33 a 57.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

VIEIRA, Ricardo. Da multiculturalidade a educação intercultural: a Antropologia da Educação na formação de professores. **Revista Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 12. p. 123-162, 1999.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.